ZAIRA CANTANHEDE

PEQUENA HISTÓRIA DA IGREJA

PEQUENA HISTÓRIA DA IGREJA

ZAIRA CANTANHEDE ALMEIDA

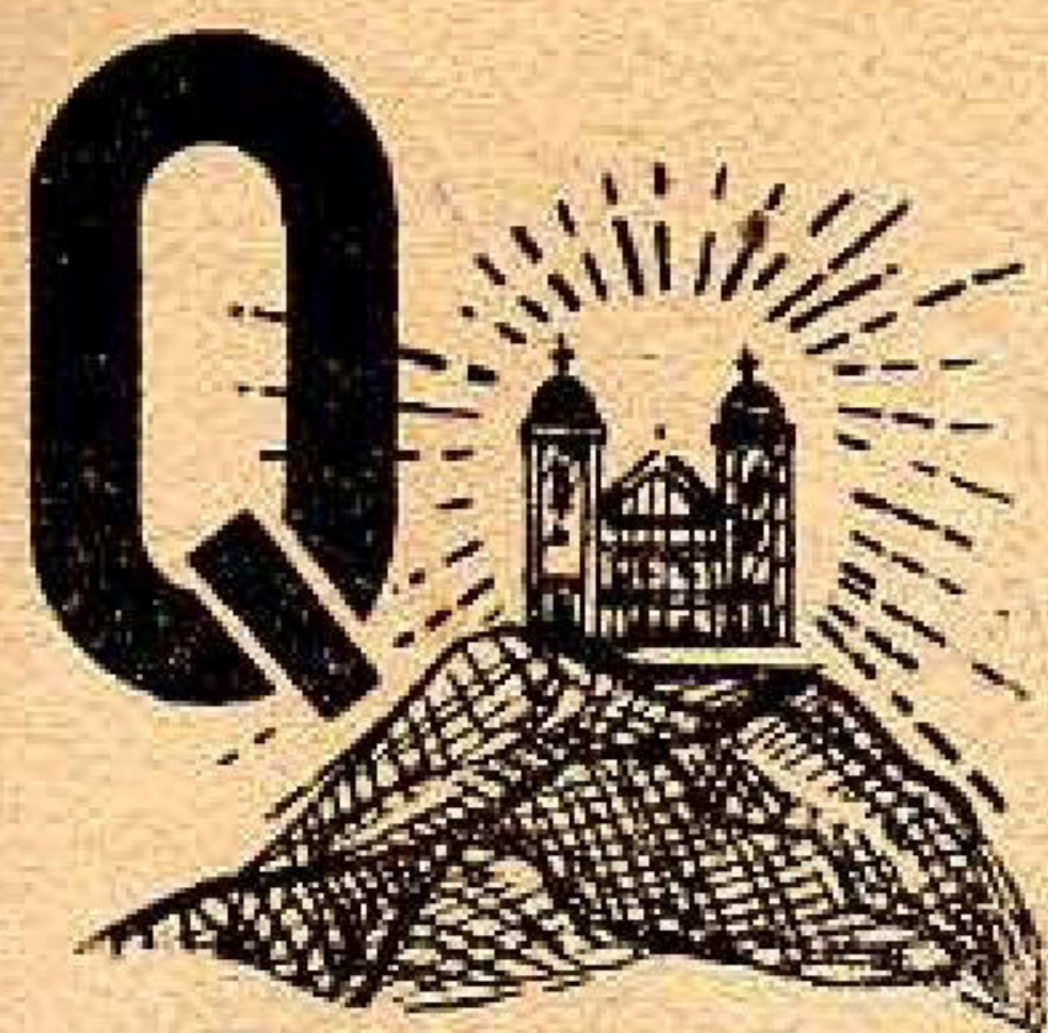
PEQUENA HISTÓRIA DA IGREJA

(PARA USO NA 4ª SÉRIE GINASIAL)

III EDIÇÃO

1955
EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I. ORIGENS DA IGREJA

1. Jesus Cristo e a Igreja.

QUANDO Nosso Senhor Jesus Cristo esteve no mundo, ensinando a Doutrina aos Apóstolos e ao povo, o Divino Mestre chamou Pedro, um dos seus discípulos, e lhe disse: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra Eu edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não hão de prevalecer contra ela".

São Pedro ficou sendo, portanto, o primeiro Chefe visível da Igreja Católica. Foi escolhido por Jesus Cristo para governar a Igreja. Quando Nosso Senhor disse que "as portas do inferno não hão de prevalecer contra ela", queria que seus filhos soubessem que a Igreja seria construída sobre uma rocha. A Igreja Católica, fundada por Deus, Nosso Senhor, dirigida pelos Papas, sucessores diretos de São Pedro, chegará até o fim dos séculos, vencendo todos os males e derramando suas luzes e bênçãos sobre todos os seus filhos.

A Igreja Católica é a reunião de todos os fiéis que têm a mesma fé, recebem os mesmos sacramentos, obedecem aos seus legítimos pastores, principalmente ao Santo Padre, o Papa.

O Chefe invisível da Igreja Católica Apostólica Romana é Jesus Cristo. Depois da subida triunfal de Nosso Senhor aos céus, no dia da Ascensão, quarenta dias após a Páscoa, São Pedro tornou-se o Chefe visível da Igreja. Foi o primeiro Papa, o primeiro representante de Nosso Senhor na terra. Todos os Papas, inclusive o Soberano Pontífice reinante, Pio XII, são sucessores de São Pedro.

Os Papas são os chefes visíveis da Igreja, são os Vigários de Jesus Cristo e pais espirituais de todos os fiéis.

Jesus Cristo dizendo a Pedro: "Cuidai das minhas ovelhinhas e dos meus cordeiros", estava entregando ao humilde pescador as Chaves do Reino dos céus. Nosso Senhor comparava os fiéis a ovelhas e cordeiros, que, juntos, formam um só rebanho. O pastor é o homem encarregado de vigiar este rebanho, por isso os padres e bispos, que, são os Ministros de Deus, incumbidos de tomar conta das "ovelhas e cordeiros", são chamados Pastores das Almas.

Os Bispos são os sucessores dos Apóstolos, encarregados de governar espiritualmente as dioceses e as paróquias. Seguem a ordem de Nosso Senhor, dizendo aos apóstolos: "Ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo". Formam a hierarquia da Igreja, que, conjuntamente com os Padres, pregam a doutrina de Nosso Senhor.

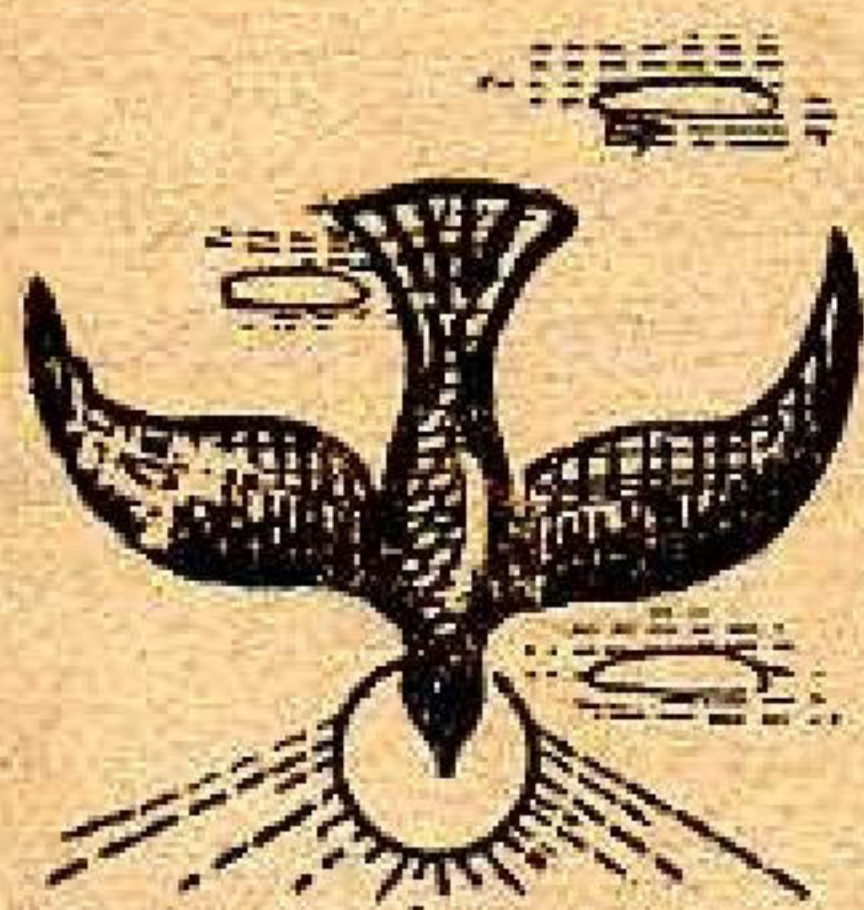
Quase todos os apóstolos foram pescadores. São Pedro estava preparando suas redes para seu trabalho cotidiano, nas margens do Lago da Galiléia, quando Jesus o chamou para ser seu discípulo, dizendo que daí em diante "Pedro seria pescador de homens". Pedro e seus companheiros largaram tudo para seguir o chamado do Divino Mestre.

Depois da festa da Ascensão, achavam-se os apóstolos reunidos no Cenáculo com Nossa Senhora. Haviam assistido à gloriosa Ascensão do Salvador. À tristeza causada pela morte do Senhor no Calvário, havia sucedido a alegria da Ressurreição e a majestosa Ascensão.

Esperavam a Vinda do Espírito Santo, conforme lhes prometera o Divino Mestre. Dez dias depois da Ascensão, quando os discípulos se encontravam rezando no Cenáculo, juntos com Maria Santíssima, ouviram um grande ruído, como se fosse um vento forte, e o Espírito Santo desceu sobre eles e Nossa Senhora, em línguas de fogo.

Os Apóstolos eram: Pedro, João e Tiago Maior, André, irmão de Pedro, Filipe, Tomé, Bartolomeu, Mateus, Tiago Menor, Judas Tadeu, irmão de Tiago Menor, Simão de Caná e Matias, escolhido para substituir Judas Iscariotes, o traidor.

2. A Igreja nascente e o mundo judaico.

COM a vinda do Espírito Santo, esses homens, escolhidos por Deus para salvarem o mundo, receberam todos os dons e a faculdade de falar várias línguas. A grande festa do Domingo de Pentecostes comemora este fato extraordinário.

Logo depois da descida do Espírito Santo, os apóstolos começaram a pregar a doutrina de Jesus Cristo. S. Pedro fez muitas conversões, e teve também o dom de fazer milagres. Um dia, um pobre aleijado, na porta do templo, pediu aos apóstolos uma esmola. "Não tenho ouro, nem prata", disse S. Pedro, "mas o que possuo te dou — Em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda", e o pobre enfermo levantou-se curado e entrou no templo para dar graças a Deus.

Os judeus, porém, não acreditavam em Jesus Cristo, e O haviam crucificado, depois de fazê-l'O sofrer suplícios cruéis. Não queriam saber dos ensinamentos do Salvador. Mandaram prender S. Pedro, prometendo-lhe a liberdade se deixasse de ensinar a doutrina do Divino Mestre. Mas S. Pedro respondeu: "Deus nos mandou que pregássemos e ensinássemos ao mundo a salvação eterna. Obedeceremos primeiramente a Deus do que aos homens". Foram então presos os Apóstolos, e levados perante um tribunal. Um dos juízes disse: "Nada adiantará perseguir e prender estes homens. Se o que eles ensinam vem de Deus não conseguirão os homens vencê-los, pois Deus vencerá sempre. Se a doutrina for deles, cairá por si mes-

ma". Chamava-se Gamaliel este juiz, e o seu argumento foi ouvido e os apóstolos foram postos em liberdade.

Imediatamente começaram a pregar a doutrina e a fazer milagres. Presos mais uma vez, foram novamente libertados. Desta vez um anjo veio livrá-los da prisão. Quando os guardas foram procurar os presos, na cadeia, encontraram-na vazia! Os Apóstolos já se achavam longe, alegres por haverem sofrido por Nosso Senhor, e ensinando ao povo os mandamentos da Lei de Nosso Senhor.

Antes de construírem as primeiras igrejas, ou templos, os apóstolos e os fiéis se reuniam nas casas dos cristãos para rezar, comungar e tomar as refeições.

Dentro em pouco os doze Apóstolos não eram em número suficiente para ensinar o povo. Escolheram então sete homens, chamados diáconos, para os ajudar na distribuição das esmolas, e também para auxiliar os 72 discípulos, já designados por Nosso Senhor. Esses sete diáconos, dotados dos dons do Espírito Santo, especialmente do dom de Sabedoria, foram incumbidos de socorrer os pobres e de levar a Divina Eucaristia a todos os bairros de Jerusalém. O diácono S. Estêvão foi o primeiro mártir do Cristianismo. Sua festa é celebrada no dia 26 de Dezembro, um dia depois do Natal. S. Estêvão morreu apedrejado pelos judeus que o odiavam, pois ele pregava a doutrina de Nosso Senhor com ardor e entusiasmo, fazendo inúmeras conversões.

Levado ao tribunal, respondeu com grande inteligência às acusações que lhe foram feitas. Proclamou abertamente a Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Foi condenado a ser apedrejado, levaram-no para as portas da cidade e lá foi martirizado. Morreu pedindo pela conversão dos seus algozes. Sua oração foi ouvida; graças a essa primeira vítima, Saulo se converteu e se tornou o grande S. Paulo. O martírio de S. Estêvão foi o começo de uma perseguição geral contra a Igreja nascente. Diversos fiéis fugiram de Jerusalém, levando dessa maneira, para todos os recantos da Palestina, a Luz do Cristianismo.

Os judeus consideravam pagã toda pessoa que não fosse judia. Chamavam de gentios a todos os estrangeiros. S. Paulo foi o primeiro apóstolo dos Gentios.

Ananias, um dos novos diáconos, estabeleceu-se na cidade de Damasco, formando assim uma Igreja nesta cidade. Os príncipes e sacerdotes judeus, sabendo desse fato, enviaram para essa cidade um homem chamado Saulo, que tinha um grande ódio aos cristãos, pensando só em perseguir e matar os discípulos de Cristo. Achava-se presente ao martírio de S. Estêvão.

Quando Saulo e seus companheiros cavalgavam para Damasco, Saulo, repentinamente, viu-se envolvido por uma luz brilhante como o sol. Ao mesmo tempo ouviu uma voz que lhe dizia: "Saulo, Saulo, por que me persegues? Sou Jesus de Nazaré". Saulo, aterrorizado com essas palavras, exclamou com voz trêmula: "O que quereis, Senhor, que eu faça?" "Levanta-te", continuou a Voz, "vai para a cidade. Eu te ensinarei tudo que terás de fazer".

Saulo, que caíra do cavalo, levantou-se, mas percebeu que estava cego. Conduzido pelos companheiros, chegou até Damasco. Aí, recobrou milagrosamente a visão, pela imposição das mãos de Ananias. Recebeu o batismo, e começou logo a pregar a palavra de Deus: o Evangelho. Sua fé era profunda, e sua ciência confundia os judeus, pois provava pelas Escrituras Santas e mais pelos Milagres que Jesus Cristo era o Messias anunciado e predito pelos profetas. Ao se batizar, Saulo mudou seu nome para o de Paulo, nome romano, pois assim poderia melhor pregar a doutrina cristã aos romanos.

Tornou-se o Apóstolo dos Gentios, pregou o Evangelho na Judéia por algum tempo, e depois partiu para evangelizar o mundo romano. Seus trabalhos valeram-lhe o glorioso título de Apóstolo das Nações.

O primeiro pagão a se fazer cristão, depois da morte de Nosso Senhor, foi um oficial romano: Cornélio. Era um homem piedoso, e de muito bom coração. Dava muitas esmolas, e um anjo lhe apareceu, ordenando que fosse procurar S. Pedro para que este o instruísse na verdadeira

religião. S. Pedro, por esse mesmo tempo, compreendeu que Deus queria também a conversão dos Gentios, e partiu imediatamente para a casa de Cornélio. E, desde então, os gentios acompanhavam os judeus na procura do Santo Batismo e na prática da verdadeira fé.

No ano 50 depois do nascimento de Jesus Cristo, surgiu a primeira disputa entre os cristãos. Os Judeus convertidos achavam que os gentios, que se tornavam cristãos, deviam ser obrigados a cumprir os preceitos da lei judaica, ordenada por Moisés. S. Paulo e S. Barnabé, em Antioquia, onde se levantara a questão, opuseram-se a essas medidas.

Sustentavam estes dois Apóstolos que Jesus Cristo viera libertar o homem desta servidão. Resolveram levar a questão a fim de ser resolvida e julgada pelos Apóstolos em Jerusalém. S. Paulo, ao empreender esta viagem, fê-la por verdadeira inspiração divina, pois iria conferenciar com os três Apóstolos de Jerusalém: S. Pedro, S. Tiago Maior, bispo de Jerusalém, e S. João Evangelista, considerados as três colunas da Igreja.

S. Paulo comparou a doutrina que pregava com aquela ensinada pelos discípulos de Jesus, e que ele, Paulo, não recebera de homem algum, mas pela revelação de Nosso Senhor Jesus Cristo. Viu que estava perfeitamente de acordo com os ensinamentos dos Apóstolos.

Os Apóstolos reunidos discutiram e estudaram a questão dos preceitos da Lei de Moisés. S. Pedro, como Chefe Supremo da Igreja, levantou-se, declarou que, tendo Nosso Senhor Jesus Cristo libertado o homem do cumprimento da Lei Antiga, não deveria ser esta cumprida pelos gentios que recebessem o batismo.

S. Tiago Maior foi da mesma opinião de S. Pedro, e, depois de estudado e discutido este ponto, os Apóstolos escolheram alguns de seus membros e os enviaram a Antioquia, juntamente com S. Paulo e S. Barnabé.

A carta que continha a decisão formal do Concílio começava por estas palavras: "Pareceu bem ao Espírito Santo e a Nós"... Este primeiro Concílio serviu de base e modelo para todos os demais concílios gerais da Igreja. Nestas reuniões decidiam-se as questões de Fé e de Disciplina; os Apóstolos tinham toda autoridade soberana. Não dependiam, em absoluto, do poder secular, em tudo que se referisse diretamente à salvação das almas.

Assim que aparecia uma controvérsia entre os fiéis, imediatamente a Igreja de Jerusalém era consultada, pois nesta cidade tivera princípio a pregação do Evangelho e também porque S. Pedro aí habitava.

Nestas assembléias, presididas por S. Pedro, os Apóstolos deliberavam e estudavam as dúvidas que iam surgindo. S. Pedro, como Chefe, presidia a reunião. S. Tiago Maior confirmava a sentença, baseada na autoridade das Escrituras Santas. A decisão era redigida por escrito, não como se fosse um julgamento humano, mas como um oráculo do Espírito Santo, e depois enviada às outras igrejas para ser recebida e posta em prática com inteira submissão. E' a Voz do Espírito Santo fazendo-se ouvir pela Voz da Sua Igreja.

S. Paulo e Silas, portadores deste primeiro julgamento dos Apóstolos, partem, levando às cidades as resoluções examinadas e decididas, e ensinando a cumprir as ordens determinadas.

Os Apóstolos, para executarem a ordem de Nosso Senhor, "Ide e ensinai a todos os povos", separaram-se e se dispersaram pelas terras do mundo conhecido de então. Porém, antes de se separarem, reuniram-se para fazer um resumo dos principais artigos de Fé, um Símbolo, que,

servindo de traço de união, distinguisse os fiéis dos judeus e dos hereges.

Este resumo é o Símbolo dos Apóstolos, ou o Credo, que rezamos todos os dias nas nossas orações. A palavra "símbolo" vem do grego, e quer dizer "reunião". Portanto "Símbolo dos Apóstolos" quer dizer "Reunião dos principais artigos do nosso credo".

3. A Igreja nascente e o mundo greco-romano.

SÃO Pedro, o primeiro pontífice, percorreu diversas províncias do Império Romano, fundando igrejas. Estabeleceu primeiro sua sede em Antioquia, capital da Síria e do Oriente. Nesta cidade, os discípulos de Cristo começaram a ser chamados "Cristãos", nome depois adotado pelos fiéis. S. Pedro, porém, partiu para Roma, a fim de combater a idolatria e se estabelecer na capital do Império Romano. Roma tornou-se, desde então, a capital da Igreja, e a moradia dos Soberanos Pontífices. Ficou sendo a "Cidade Eterna", pois se tornou o centro do Cristianismo por todos os tempos.

A primeira Epístola de S. Pedro foi endereçada aos judeus que se achavam no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na Ásia e na Bitínia, países todos submissos ao Império Romano. Enviou alguns discípulos para fundar diversas igrejas no Ocidente.

S. Marcos foi seu mais célebre discípulo. Foi em Roma que este santo escreveu o Evangelho que tem seu nome. Segundo a tradição, foi escrito conforme as pregações de S. Pedro, que reviu a obra, dando a sua aprovação.

S. Paulo percorreu uma grande parte da Ásia, convertendo muitos pagãos na Grécia e na Itália. Em Atenas, capital da Grécia, converteu S. Dionísio, no célebre discurso no areópago. S. Paulo, em Atenas, disse aos Atenienses: que os considerava religiosos, porque encontrara, num templo, um altar em

que estava escrito: "Ao Deus desconhecido". Isso mostrava que eles estavam à espera do Deus verdadeiro que ele Paulo lhes anunciava, conseguindo conversões inúmeras.

S. Lucas, autor do Evangelho de seu nome, e convertido por S. Paulo, foi seu fiel companheiro e seu discípulo.

S. Paulo, depois de haver percorrido diversas ilhas do Mar Mediterrâneo, partiu para Roma, onde se encontrava S. Pedro. Ambos estes santos foram martirizados na 1ª perseguição em Roma. Até essa época os cristãos haviam sofrido sòmente perseguições do povo judeu.

4. A Igreja nascente e o mundo oriental.

SÃO João Evangelista pregou o Evangelho na Ásia Menor e foi o primeiro bispo de Éfeso. Escreveu seu Evangelho a pedido dos bispos da Ásia. Para poder escrever tão magna obra, fez um jejum e pediu orações públicas. Suas três epistolas datam do ano 99, ano em que escreveu seu Evangelho. Seus escritos respiram a mais doce caridade, sente-se seu coração abrasado de amor de Nosso Senhor. A Virgem Santíssima foi confiada por Nosso Senhor, na Cruz, a este apóstolo querido.

Nossa Senhora morreu, mais ou menos, no fim do primeiro século. Não se sabe ao certo nem a data, nem as circunstâncias da morte de Maria Santíssima. Mas desde os primeiros tempos da Igreja existe a crença de que a Mãe de Deus ressuscitou poucos dias após sua morte. Essa crença é universal, e este glorioso triunfo — a Assunção de Maria — é comemorado no dia 15 de Agosto de cada ano.

S. João morreu muito velhinho, chegando até a idade avançada de cem anos. Teve uma velhice forte e alegre. No fim da vida não se cansava de dizer aos seus discípulos: "Meus Filhinhos, amai-vos uns aos outros".

Todos os Apóstolos percorreram o mundo então conhecido, pregando, pela palavra e pelo exemplo, a Doutrina do Divino Mestre.

S. Filipe ensinou a religião de Cristo no norte da Ásia, morrendo na Frígia.

S. André pregou o Evangelho ao povo cita, na Ásia, e sofreu o martírio na Grécia. Os russos têm uma grande devoção por S. André, pois foram os povos russos que depois habitaram a Cítia.

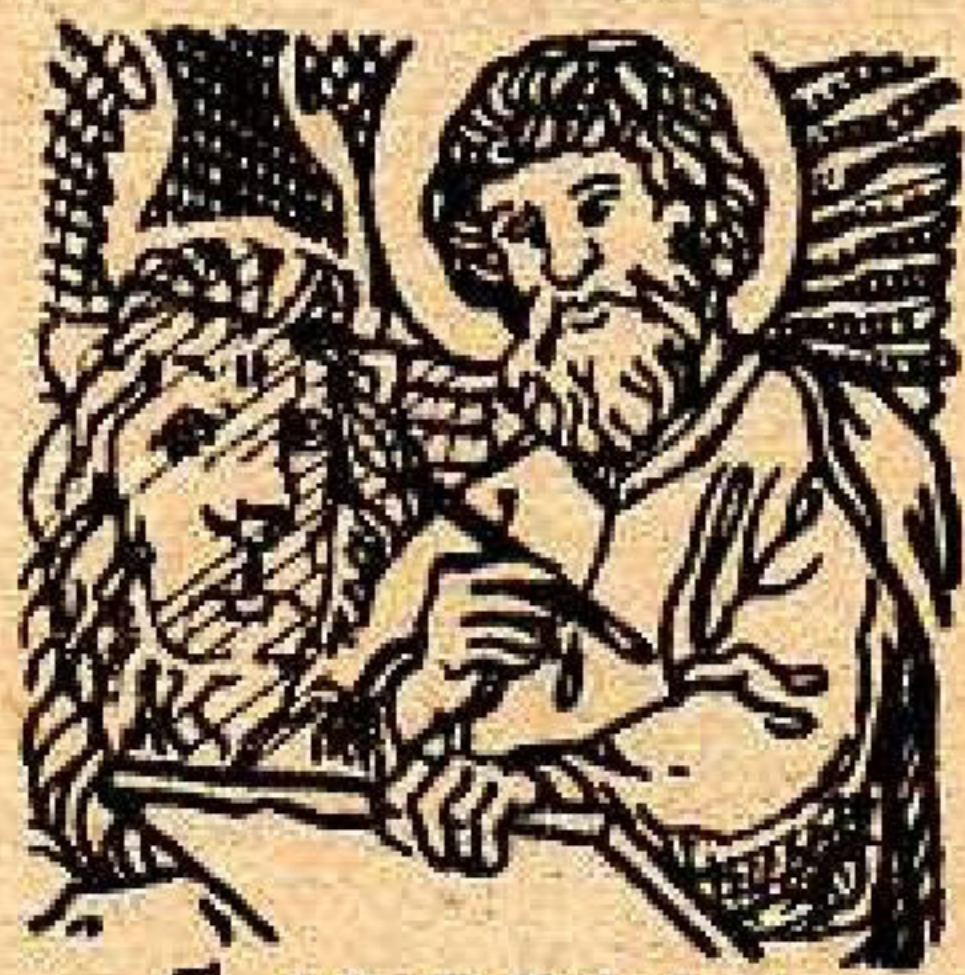
S. Bartolomeu foi o Evangelizador da Armênia, e de uma parte da Índia, aonde levou o Evangelho de S. Mateus, o mais antigo dos escritos dos Apóstolos; este Evangelho foi escrito em hebraico por causa dos judeus.

S. Tomé pregou a palavra de Cristo no vasto império dos Partos, na Ásia, até as longínquas regiões da Índia. Os portugueses pretendem ter descoberto seu corpo, na Índia, sendo este levado para Goa.

S. Matias e S. Mateus evangelizaram a Etiópia, no interior da África (hoje conhecida como Abissínia); S. Judas, na Arábia, e S. Simão, na Mesopotâmia, levaram a estes países a doutrina de Nosso Senhor.

S. Tiago Maior, primeiro bispo de Jerusalém, e S. Tiago Menor foram os primeiros apóstolos mártires, vítimas das perseguições dos judeus.

5. Livros históricos dos cristãos e Escritos dos Apóstolos.

S. MATEUS

S. MARCOS

Os Apóstolos tornaram o Evangelho, isto é, a Palavra de Deus, conhecido, não só pelos seus escritos, como pelas suas pregações. Deixaram-no nas diversas obras que formam o Novo Testamento. Estes escritos são os 4 Evangelhos de S. Mateus, S. Lucas, S. Marcos e S. João, narrações autênticas das principais ações e da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os **ATOS DOS APÓSTOLOS**, escritos por S. Lucas, narram todas as atividades dos Apóstolos até o reinado de Nero, imperador dos Romanos.

S. LUCAS

As **EPÍSTOLAS** são as cartas dos Apóstolos aos fiéis. S. Paulo escreveu 14, S. Pedro escreveu 2; S. João, 3; S. Tiago e S. Judas escreveram, cada um, uma carta, ou epístola católica, isto é, dirigida a toda a Igreja e não a uma pessoa, especialmente.

S. JOÃO

O **APOCALIPSE** foi escrito por S. João Evangelista. Esta obra contém todas as profecias dos acontecimentos do fim do mundo. São muito difíceis de ser compreendidas. Quase todos os livros do Novo Testamento foram escritos em grego. S. Mateus, porém, como já vimos, escreveu seu Evangelho em hebraico.

II. VITÓRIA SOBRE A FORÇA

1. Estabelecimento da Igreja em Roma.

SÃO Pedro levou o Cristianismo para Roma, capital do mundo então conhecido, durante o reinado do imrador Cláudio, no ano 42. As perseguições contra os cristãos começaram com o imperador Nero, no ano 64.

Os Apóstolos S. Pedro, primeiro Chefe da Igreja, e S. Paulo, o Apóstolo dos Gentios, sofreram o martírio durante esta primeira perseguição. Ainda hoje se pode ver em Roma a prisão onde estiveram presos os dois Santos, a Cruz sobre a qual morreu S. Pedro, e o túmulo do Primeiro Papa.

Os judeus, apesar de dominados pelos romanos, recusavam-lhes obediência. Pelas Escrituras Santas sabiam que o tempo da Vinda do Messias estava próximo, por isso seguiam o primeiro impostor que se intitulasse "messias" e lhes prometesse toda sorte de grandezas terrenas.

O general romano Vespasiano fora eleito imperador pelos seus soldados, quando se encontrava à testa do exército romano na Ásia. Por este motivo entregara o comando da guerra contra os judeus ao seu filho Tito.

Os cristãos que se encontravam em Jerusalém retiraram-se para Pela, um lugar nas montanhas da Síria, conforme o conselho dado por Nosso Senhor aos seus discípulos. A destruição de cidade santa teve lugar por ocasião da festa da Páscoa, no ano 70. A cidade estava

cheia de forasteiros, contavam-se cerca de dois milhões e meio de judeus, que se achavam em Jerusalém.

Tito, general romano, sitiou a cidade, ficando toda esta multidão presa. A fome foi terrível, os padecimentos do povo judeu foram horrorosos, pois não havia coisa alguma para comer.

Quando afinal Tito se apoderou da cidade, ordenou que o templo fosse poupado. Mas um soldado romano, forçado por inspiração divina, apanhou um pedaço de madeira acesa, e atirou-a, como se fosse uma tocha, num dos compartimentos do santuário. O fogo imediatamente se alastrou, e o edifício ficou inteiramente queimado, apesar dos esforços dos soldados romanos para apagar o incêndio.

Na tomada da cidade milhares e milhares de judeus morreram. Tito levou prisioneiros em grande número, e o resto do povo eleito foi mandado para as diversas províncias romanas do império.

A profecia de Nosso Senhor Jesus Cristo estava cumprida. O próprio Tito se considerou como instrumento da vingança divina.

Há trinta e sete anos passados, os judeus haviam crucificado Jesus Cristo. Quando pediram a Pilatos que condenasse o Divino Mestre à morte, pediram que "seu sangue caísse sobre eles e seus filhos". E assim aconteceu. O povo, que havia sido escolhido para formar a raça predileta de Deus, perdeu, desde então, a Pátria.

Durante as guerras de Vespasiano e Tito, os cristãos tiveram alguns anos de paz. A Igreja já se achava estabelecida em Roma, e a era das perseguições ia reiniciar-se.

2. As Perseguições Romanas.

COM a subida ao trono imperial de Domiciano, príncipe feroz e sanguinário, começou a segunda perseguição. Este imperador pensou ter bastante força para destruir a Igreja de Deus. Publicou ordens severas e desumanas contra os cristãos. O sangue generoso dos primeiros márti-

res do Cristianismo continuava a dar vigor aos fiéis perseguidos. O martírio de S. João Evangelista foi o fato mais notável desta segunda perseguição.

O santo apóstolo foi metido numa caldeira de óleo fervendo, de onde saiu milagrosamente são e salvo. Este milagre se realizou em Roma, para onde S. João havia sido levado preso, perto da Porta Latina, no ano 95. S. João, tendo escapado à morte, foi banido para a Ilha de Patmos, onde escreveu o "Apocalipse", livro profundo que contém todas as profecias do fim do mundo.

Com a morte de Domiciano e o advento de Nerva, imperador venerável e bom, os cristãos tiveram um período de paz e tranquilidade. Já a Igreja havia tido 4 Papas, depois de S. Pedro: os Pontífices S. Lino, S. Cleto, S. Clemente I e S. Anacleto, quando o imperador Trajano desencadeou a 3ª perseguição.

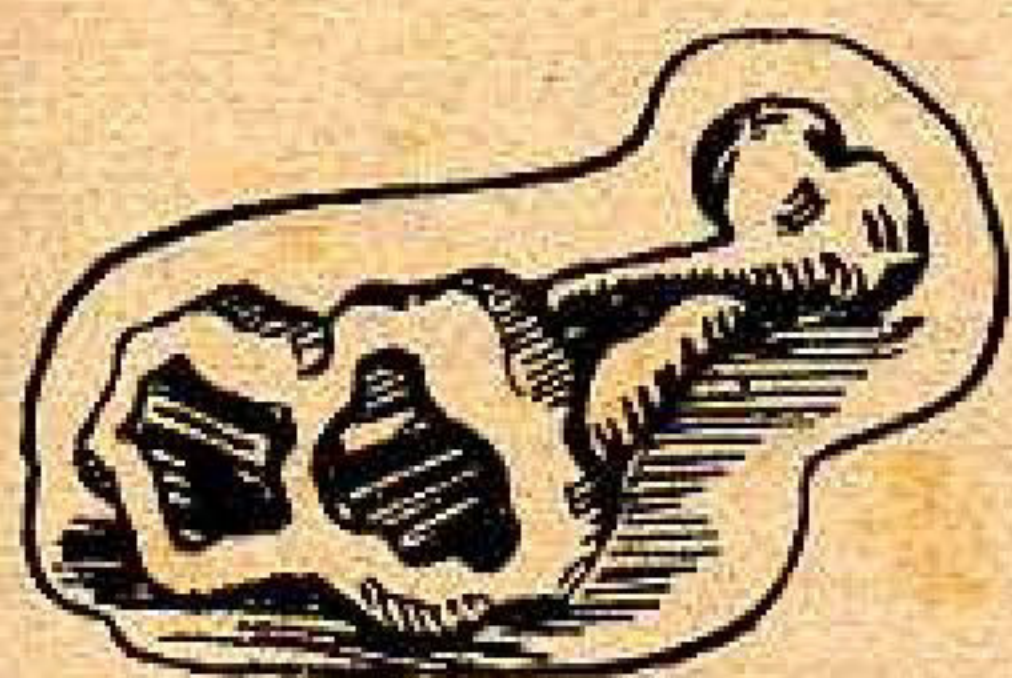
Esta 3ª perseguição foi menos violenta do que as duas primeiras, mas durou mais anos e teve um número maior de vítimas.

O Imperador Trajano, apesar de a história considerá-lo um príncipe sábio e bondoso, não foi justo para com os cristãos. Não deu novas ordens contra os discípulos de Cristo, apenas mandou que fossem cumpridas as leis deixadas pelos seus antecessores.

Um dos seus governadores escreveu ao imperador para saber como deviam ser tratados os cristãos — "persegui-los por recusarem a sacrificar aos ídolos, ou deixá-los em paz, por não encontrar crime nenhum nesses homens?" Dizia que todos os cristãos tinham vidas exemplares, puras e inocentes.

Esse governador de uma província romana, na Ásia, mostra bem claramente a santidade dos cristãos.

Trajano respondeu que não devia procurar os cristãos, mas que, se fossem denunciados como sendo cristãos, confessassem sua Fé, deveriam então ser condenados à morte. Resposta essa absurda da parte de um príncipe considerado um homem bom e estimável. Se os cristãos eram inocentes por que castigá-los? se culpados, porque não os procurar para castigá-los?

Os mártires mais notáveis dessa perseguição foram S. Inácio, S. Simão, bispo de Jerusalém, e S. Clemente I, Papa.

S. Inácio era bispo de Antioquia, a cidade onde os discípulos de Cristo tomaram o nome de Cristãos. Este santo foi levado para ser martirizado em Roma, pois os cristãos serviam de divertimento nos circos. Eram entregues aos animais ferozes nos dias de festas populares.

S. Inácio foi devorado por dois leões que deixaram sòmente um osso grande. Os fiéis recolheram piedosamente esse osso como relíquia preciosa. (A palavra "relíquia" vem do latim, quer dizer "restos").

Durante os reinados dos imperadores Adriano e Antonino Pio, os cristãos gozaram alguns anos de paz. A Igreja se ia espalhando por toda a terra. Até onde os próprios exércitos romanos não penetravam, os discípulos de Cristo pregavam a palavra de Deus, batizando todos os povos em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

A Armênia, a Pérsia, a Índia, os povos mais bárbaros recebiam as bênçãos da nova Doutrina. Os cristãos eram encontrados em todo o mundo conhecido.

A quarta perseguição foi ordenada pelo imperador Marco Aurélio, considerado pelos pagãos como um perfeito herói. Deixou-se levar pelas calúnias dos inimigos do Cristianismo e da Igreja, e esta perseguição foi uma das mais ferozes e violentas.

As primeiras cidades martirizadas foram as da Ásia. Esmirna teve em seu bispo S. Policarpo uma vítima da crueldade romana. Tinha já 86 anos quando foi submetido à tortura de ser queimado vivo. Quando o juiz do tribunal que o julgava lhe ordenou que "maldissesse o Cristo, pois assim recuperaria a liberdade", o corajoso ancião respondeu: "Sirvo a Cristo, há 86 anos, nunca me fez mal, como poderei blasfemar contra meu Rei que me salvou?"

O Bispo subiu alegremente para a fogueira. Quiseram amarrá-lo, mas ele disse aos soldados que não seria necessário. Assim que acabou de rezar, fazendo o sacrifício de sua vida, levantou-se uma grande chama, que em lugar de o queimar, rodeava-o como se fosse uma auréola, deixando exalar um perfume delicioso. Os pagãos, vendo que o corpo não queimava, mataram-no com uma espada. Saiu tanto sangue do seu corpo que a fogueira se apagou. O martírio de S. Policarpo foi contado por testemunhas que assistiram à sua morte. Seus ossos foram guardados como relíquias preciosas.

O imperador Marco Aurélio mandou cessar a 4ª perseguição por ocasião do favor que os soldados cristãos obtiveram do céu. Achava-se uma parte do exército romano nas montanhas da Boêmia, quando os soldados se viram cercados por um número muito maior de bárbaros. Havia uma tremenda seca, pois era o tempo de verão. Os romanos estavam na iminência de morrer de sede. Os soldados cristãos ajoelharam e pediram a Deus que os socorresse. Repentinamente o céu se cobriu de nuvens, e uma chuva abundante caiu do lado do acampamento romano. Saciaram sua sede e deram água a todos os animais.

Os bárbaros supuseram que este seria o momento propício para um ataque fulminante. Mas o céu, que defendia os romanos, deixou cair sobre os inimigos uma pavorosa chuva de granizo, acompanhada de faíscas, que dizimava seus batalhões, enquanto o exército de Marco Aurélio era refrescado por uma chuva clemente e benfazeja. Os bárbaros, procurando fugir aos raios, buscaram asilo no meio dos romanos, sendo afinal vencidos por estes.

As tropas cristãs, que obtiveram esta graça dos céus, receberam o nome de "Legião Fulminante". O imperador, impressionado com tal prodígio, deixou, por algum tem-

po, de perseguir os cristãos. Ainda hoje se encontra em Roma uma escultura representando este acontecimento.

Três anos mais tarde, porém, o imperador, esquecendo-se do que devia aos cristãos, ordenou que continuasse a perseguição. Esta foi mais violenta, principalmente nas Gálias. Começou na cidade de Autun, onde o jovem S. Sinforião demonstrou sua coragem, na cidade de Lião, onde o venerável S. Potínio foi morto, mártir da fé, juntamente com um grande número de fiéis.

Septímio Severo ordenou a quinta perseguição. Uma inscrição encontrada em Lião, na França, diz que houve 19 mil mártires! S. Irineu, bispo desta cidade, foi condenado à morte e com ele todos os fiéis.

Na África o sangue dos mártires corria com toda pujança. No Egito, S. Potamina e S. Banlido são exemplos da firmeza da fé cristã. Em Cartago houve inúmeras vítimas do cruel edito imperial. Entre eles vemos S. Perpétua e Felicidade, que têm a honra de terem seus nomes no Cânon da Missa.

Em Roma S. Vitor, Papa, e S. Cecília, morrem mártires da religião, durante os reinados dos sucessores de Septímio Severo. Milhares de fiéis davam seu sangue por Nosso Senhor.

S. Cecília pertencia a uma ilustre família romana. Foi decapitada, mas sua cabeça não se desligava do corpo. Como havia uma lei proibindo dar mais de 3 golpes no condenado, S. Cecília levou três dias banhada no seu sangue, e ainda respirando.

Os fiéis todos vinham vê-la, limpando o sangue que corria das feridas. Durante esses dias teve a visita do Papa S. Urbano, que um mês mais tarde sofreria o martírio. S. Cecília conversou com o S. Padre, depois recostou a cabeça e morreu.

Maximino foi o autor da sexta perseguição. Depois da morte de Marco Aurélio a Igreja teve 24 anos de tranquilidade. A sexta perseguição foi dirigida contra os Papas e os Bispos. Apesar de Maximino ter governado apenas 3 anos, mandou ao martírio 2 Papas — S. Ponciano e S. Antero. Supunham os juízes que matando os chefes da religião católica esta acabasse por sua vez.

O imperador Décio encetou uma feroz campanha contra os discípulos de Jesus Cristo. Todos os suplícios foram postos em execução, e a Igreja teve a glória e a consolação de ver uma multidão de fiéis sofrendo heròicamente o martírio. Os tormentos mais pavorosos foram infligidos aos cristãos, mas estes se mantinham firmes na fé com uma constância admirável.

S. Fabiano e S. Cornélio foram os dois Pontífices vítimas dessa perseguição.

Na oitava perseguição o imperador Valeriano mandou decapitar o Papa S. Estêvão. Seu sucessor, o Papa S. Sixto, teve a mesma sorte no ano seguinte.

Um dos mais célebres mártires desta perseguição foi S. Lourenço. Sendo chamado ao tribunal, o juiz ordenou que entregasse todos os tesouros da Igreja, que diziam ser consideráveis. "E' verdade", respondeu Lourenço, "o próprio imperador não os possui tão magníficos, mas eu necessito de três dias para reunir todas as nossas preciosidades".

S. Lourenço reuniu todos os pobres sustentados com as esmolas da Igreja, todos os aleijados, doentes, cegos e paralíticos num vasto jardim. Chamou o juiz e lhe disse —

"Eis aí os tesouros que pertencem à Igreja, e que eu vos havia prometido".

O juiz, furioso, mandou que Lourenço fosse chicoteado até a pele cair. Depois mandou deitá-lo numa grelha, encimada de carvões acesos. S. Lourenço suportou este suplício com a maior calma, e dizia aos seus algozes: "Meu corpo já está todo queimado deste lado, virem-no para o outro lado". Alguns instantes mais tarde acrescentava: "Minha carne está completamente cozida, podem comê-la". Depois de rezar pela salvação de Roma, S. Lourenço morreu.

Na nona perseguição encontramos, entre outros grandes santos, o martírio de S. Dionísio, primeiro bispo de Paris. — Foi chamado Apóstolo das Gálias, pelo seu zelo em difundir a religião na capital e nas cidades e províncias da Gália. Este santo foi martirizado, junto com mais dois companheiros, numa colina próxima de Paris, conhecida, desde então, como Montmartre, isto é, o monte dos mártires.

A luta entre os paganismo e a Igreja já durava 3 séculos. Os esforços mais cruéis, as leis mais iníquas eram impostas — tudo em vão, porém. — O Cristianismo ia vencendo, regado pelo sangue generoso dos seus mártires.

Esta décima perseguição foi a mais longa e a mais terrível. Disse um historiador romano que o "mundo conhecido estava banhado em sangue, desde o Oriente até o Ocidente". Houve cidades inteiras arrasadas pelos algozes, pois os cristãos morriam mártires da sua fé com a mais sublime das coragens.

A célebre legião tebana foi martirizada nesta décima e última perseguição. Era a Legião composta de soldados vindos da Tebaida, e toda ela convertida ao Cristianismo depois de uma estada na Palestina.

São Maurício comandava estes valentes soldados de Cristo. O governador das Gálias exigiu que a Legião fizesse o juramento aos ídolos e fosse perseguir os cristãos. Maurício declarou que a Legião estava nas Gálias para combater os inimigos da pátria, e não para renegar seu Deus e matar seus irmãos.

O imperador, furioso, mandou passar a fio de espada um décimo da Legião. Morreram os primeiros soldados sem uma queixa, sem fazerem a menor resistência. Esta carnificina não amedrontou os companheiros. Veio a nova ordem — dizimar mais uma vez a Legião! S. Maurício disse ao governador: "Somos soldados do imperador, mas somos também servos de Deus. Estamos armados, mas não faremos nenhuma resistência". E a legião inteira foi imolada, cerca de 6 mil homens. Sòmente uma religião divina poderia dar fortaleza tão firme, um caráter tão perfeito.

S. Sebastião também foi martirizado nessa mesma época. Sebastião era soldado, capitão da guarda real do palácio do imperador. Zeloso cristão, era um digno continuador de S. Maurício — trabalhava ardentemente, sustentando a coragem e a fidelidade dos soldados cristãos.

O imperador Diocleciano, um dia, censurou-lhe de estar empregando, contra o governo e a autoridade, o prestígio que exercia entre seus soldados. "Não deixei nunca de ser um fiel cumpridor de todos os meus deveres", foi a resposta de Sebastião, "mas reconheci ser um erro adorar os deuses de barro, e elevei minhas orações ao verdadeiro Deus que está no céu, e a seu Filho Jesus Cristo".

Esta resposta o levou ao martírio. O imperador mandou chamar a Legião dos frecheiros e S. Sebastião teve o corpo trespassado de setas. Foi dado como morto, mas uma piedosa mulher foi buscá-lo, e tratou de suas feridas, curando-o. Assim que ele ficou bom, voltou ao palácio para continuar no seu cargo, mas o imperador mandou matá-lo, a pauladas, no circo.

S. Inês, piedosa virgem de 15 anos, sofreu um martírio horrível. Depois de abomináveis tormentos, foi decapitada. S. Marcelino foi o Papa martirizado no reinado de Diocleciano.

Com a morte do imperador a posse da coroa imperial foi disputada por cinco príncipes que lutaram uns contra os outros. Um dos principais chefes era Constantino, que pedira o auxílio de Deus para que se tornasse cristão e o ajudasse a vencer seus inimigos.

3. Fim do paganismo; Edito de Milão; O Catolicismo, religião do Estado.

DEUS respondeu a este pedido da seguinte maneira: Cerca das primeiras horas da tarde de um belo e calmo dia, Constantino viu nos céus uma Cruz brilhante.

Este príncipe estava lutando, nessa ocasião, pela coroa. A Cruz que viu no céu estava rodeada com as seguintes palavras: "In hoc signo vinces", que quer dizer: "Por este sinal vencerás". Todo o exército assistiu a este prodígio. Durante a noite Constantino viu, em sonho, Nosso Senhor que lhe ordenava fizesse um estandarte igual ao da Cruz que vira no céu, e levasse este estandarte nas batalhas, "Labarum" em latim, e, na batalha contra Maxêncio, este foi completamente derrotado (ano 312).

Constantino, ao entrar triunfante em Roma, tornou-se cristão. Quis que a Cruz, que fora o penhor da sua vi-

tória, dominasse doravante sua coroa, e que fosse colocada no alto do Capitólio para anunciar ao universo o triunfo de Jesus Crucificado.

Este imperador, pelo Edito de Milão, abriu as prisões, e homens ilustres, que se achavam presos por serem cristãos, voltaram aos seus postos. Constantino fez leis apoiadas no Cristianismo, aboliu muitos usos pagãos, e o suplício da cruz e os combates dos gladiadores no circo foram proibidos. A liberdade dos escravos foi, desde essa ocasião, aconselhada. O culto dos deuses pagãos foi repelido sem violência, pois Constantino deu liberdade religiosa.

Durante seu reinado, a piedosa S. Helena, mãe do imperador, encontrou a Santa Cruz. Depois de muitas pesquisas, foi afinal encontrado o local onde Cristo fora enterrado. Encontraram 3 cruzes. S. Helena, aconselhada pelo Bispo de Jerusalém, levou as cruzes para tocar com elas numa pessoa doente. As duas primeiras não fizeram nenhum milagre, mas quando o enfermo foi tocado pela terceira Cruz, levantou-se completamente curado.

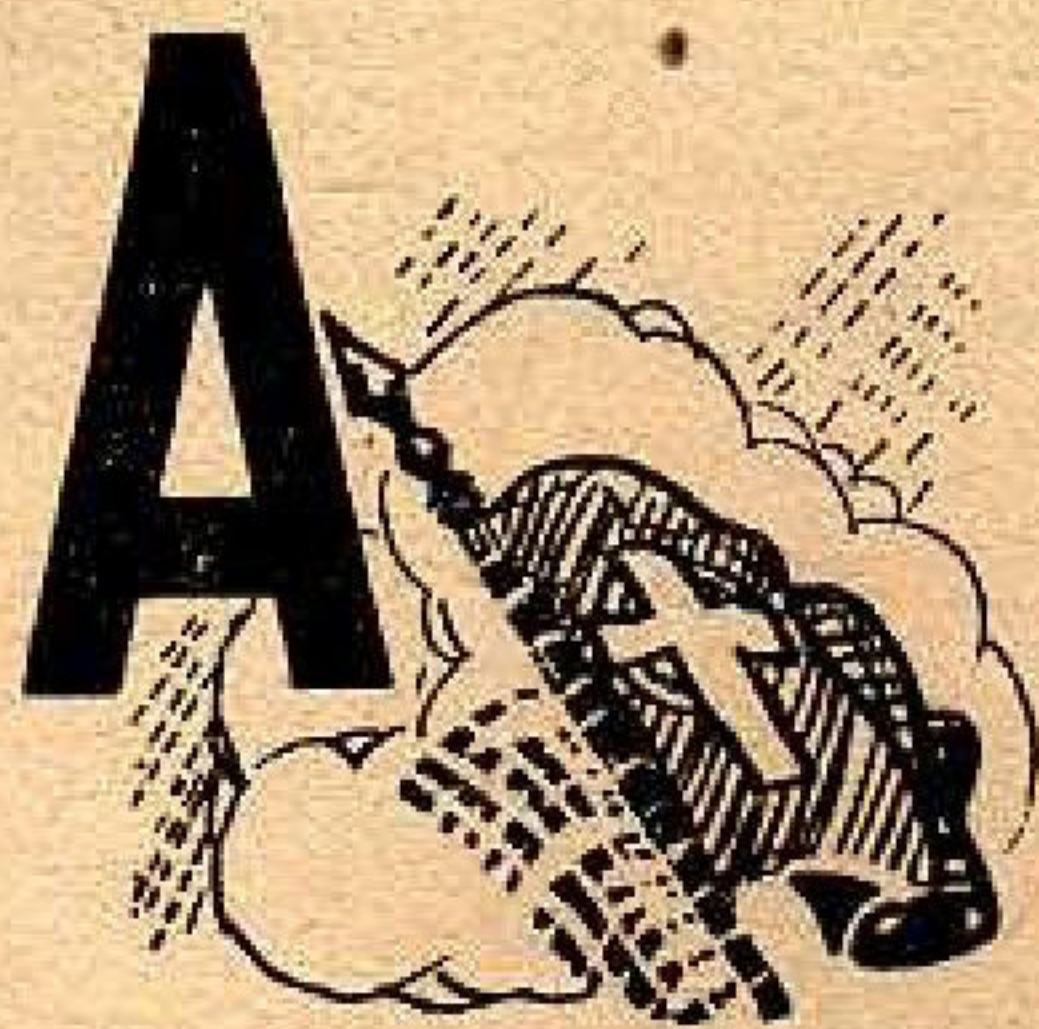
S. Helena levou um pedaço do Santo Lenho para seu filho, e, tendo guardado o resto numa caixa preciosa de prata, entregou-a ao Bispo de Jerusalém para ser colocada na Igreja que Constantino mandara construir em Jerusalém. Esta grande santa fez construir mais duas igrejas,

uma no local onde Nosso Senhor subiu aos céus, e outra em Belém, no lugar onde nascera o Salvador.

Com o triunfo do Cristianismo ficou provada a Divindade da Igreja, fundada por Jesus Cristo. O ensino da Doutrina pelos Apóstolos, a sua difusão no mundo inteiro então conhecido, através das mais violentas lutas, das mais atrozes perseguições, era o sinal indiscutível da Divindade da Doutrina.

Jovens, velhos, crianças, sacerdotes e leigos, todos morriam por Nosso Senhor Jesus Cristo. Estes primeiros cristãos deram o bom exemplo e morreram com as armas nas mãos, cimentando com seu sangue generoso e ardente a Religião Cristã.

III. VITÓRIA SOBRE O ERRO

1. Principais heresias: a) na Igreja nascente.

S perseguições violentas contra o Cristianismo haviam cessado com a conversão de Constantino. Mas apareceram, agora, para a Igreja, as lutas terríveis no combate contra as heresias. Era o demônio tentando o homem, procurando promover a desunião entre os fiéis.

Durante o pontificado do Papa S. Silvestre, no ano de 325, houve a primeira reunião de bispos, ou Concílio, na cidade de Nicéia, na Ásia Menor. Este concílio foi presidido pelo Legado do Soberano Pontífice, isto é, um bispo enviado pelo Papa, para representá-lo.

Foi o Primeiro Concílio Ecumênico, quer dizer, Universal. Foi uma reunião a que assistiram os Bispos de todos os países cristãos, e teve lugar para examinar uma doutrina nova ensinada por um padre chamado Ario. Esta doutrina negava a Divindade de Cristo.

Os bispos estudaram a questão, e Ario foi condenado como herege. O Concílio escreveu uma profissão de fé pública, afirmando que Nosso Senhor é consubstancial ao Pai, isto é, Cristo é Deus, portanto igual ao Pai. Esta profissão de Fé é o Credo de Nicéia, que, com alguma coisa acrescentada, é rezado na Missa, depois do Evangelho.

O herege Ario fingiu que se submetia, mas continuou a pregar sua doutrina errada. Infelizmente alguns bispos se deixaram enganar e abraçaram o arianismo. O próprio Constantino se deixou levar pela tentação, e ordenou ao Bispo S. Atanásio que desse a comunhão a Ario. O santo bispo, por se negar a obedecer a ordens tão iníquas e irreverentes, foi exilado. Os católicos sofreram com estes insultos contra a Santa Igreja. Constantino mandou que Ario viesse para Constantinopla e o bispo desta cidade teve ordem de receber o herege.

Os fiéis padeciam juntos com seu Pastor, vendo o sofrimento da Igreja. Mas, no dia em que Ario se devia dirigir para a igreja, acompanhado por seu séquito de amigos, Nosso Senhor lhe enviou, repentinamente, uma terrível enfermidade, e ele morreu no meio de dores pavorosas.

Esta morte horrorosa assustou os arianos, mas infelizmente e com o auxílio dos imperadores, maus e heréticos, a seita ímpia se espalhou e se tornou uma heresia temível. Um dos sucessores de Constantino Magno, Juliano, teve o triste apelido de Juliano Apóstata, porque renunciou à verdadeira religião para adorar os ídolos e voltar ao paganismo. Tornou-se pagão e perseguiu o Cristianismo de maneira horrível. Não praticou violências, mas proibiu aos cristãos de se defenderem nos tribunais, de possuir escolas, apoderando-se de todos os bens que a Igreja possuía.

b) nos primeiros séculos.

PARA mostrar ao mundo que Nosso Senhor se havia enganado nas suas profecias, Juliano resolveu reconstruir o templo de Jerusalém. A seu chamado correram judeus de toda parte do mundo para trabalhar na obra de reerguimento do santuário. Depois de haverem encontrado o antigo local, começaram a construção. Um forte tremor de terra, porém, pôs por terra todos os alicerces, causan-

do o desabamento das casas vizinhas e matando os operários. Os judeus, todavia, não desistiam.

Por diversas vezes recomeçaram o trabalho. Mas, cada vez que iniciavam qualquer construção, surgiam do solo imensas bolas de fogo, queimando e ferindo todos os presentes.

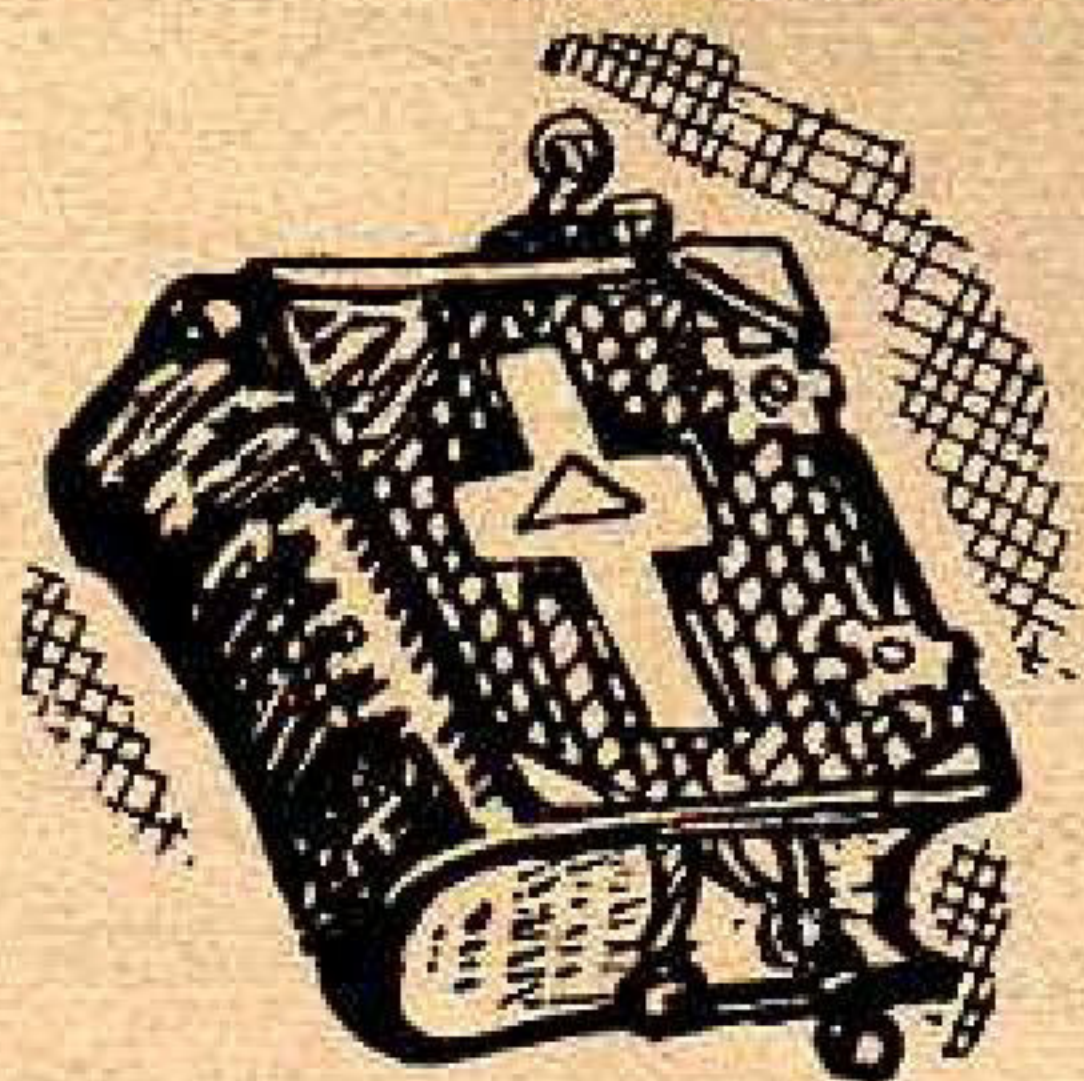
A aparelhagem de construção ficou toda destruída, e os judeus acabaram desistindo, e este empreendimento confirma, plenamente, a profecia de Nosso Senhor "que no templo não ficaria pedra sobre pedra".

O triunfo de Jesus Cristo foi proclamado pelo próprio Juliano, que, ferido mortalmente num combate contra os persas, declarou ao morrer: "Tu venceste, Galileu".

Infelizmente novas heresias surgiram no Oriente e o Papa S. Dâmaso reuniu o 2º Concílio Ecumênico, em Constantinopla, para condenar esses novos erros.

Em meados do século quinto, houve o 3º Concílio Ecumênico, sob o pontificado de S. Celestino. Este concílio reuniu-se em Éfeso, e condenou a heresia de Nestório, que afirmava que a Santíssima Virgem não se podia chamar Mãe de Deus.

2. Desenvolvimento da doutrina católica; Apologistas, Padres e Concílios desta época.

NESSE tempo a Igreja já possuía homens notáveis pelo seu saber, doutores da Igreja, como ficaram sendo conhecidos. S. Basílio e S. Gregório de Nazianzo, bispos muito instruídos e santos, ligados, desde a mocidade, por uma forte amizade, são nomes ilustres destes tempos.

S. Jerônimo, outro grande escritor, traduziu a Bíblia, escrita em hebraico, para o latim. Esta tradução foi adotada pela Igreja com o nome de Vulgata. Trabalhou muito nos Comentários e Explicações dos Livros Santos.

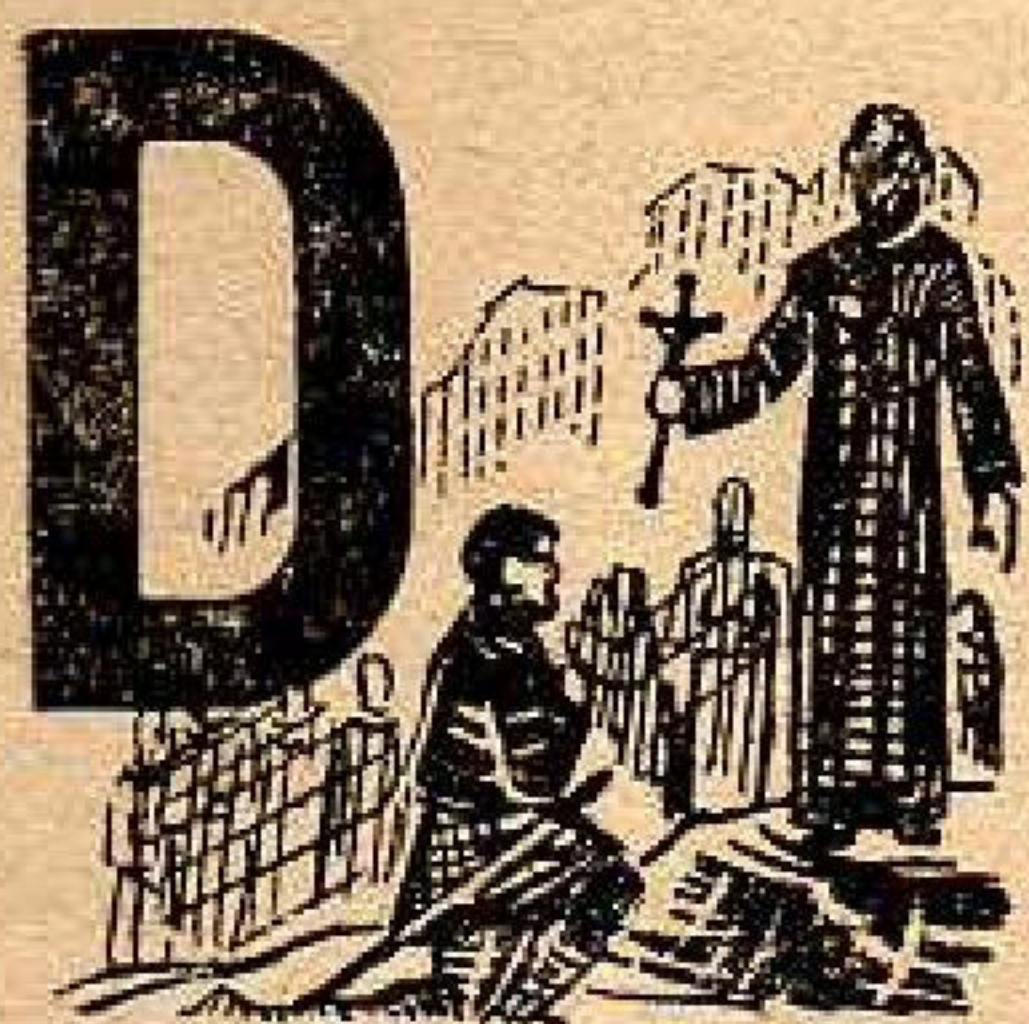
S. João Crisóstomo, que quer di-

zer "Boca de Ouro", foi assim chamado por ser um orador com formosos dotes de eloquência. S. Agostinho pertence ao número de brilhantes inteligências desses primeiros séculos. Depois de uma mocidade descrente e desregrada, converteu-se aos 32 anos, devido aos sermões de S. Ambrósio, bispo de Milão, e às orações e lágrimas de sua santa mãe S. Mônica.

S. Agostinho foi Bispo de Hipona, na África. Sua ciência e piedade tornaram-no uma das grandes luzes da Igreja, e o serviço que sua belíssima inteligência prestou à religião cristã é imenso.

O Concílio de Calcedônia teve lugar no século quinto a fim de julgar a heresia de Êutiques, que ensinava que Jesus Cristo tinha apenas uma natureza. Os Bispos se reuniram em número de 630, e S. Leão, o Sumo Pontífice de então, enviou três delegados em seu nome. A Carta do Santo Papa, condenando a heresia, foi lida e aprovada unânimemente. "Cremos", disseram todos os Prelados, "que é Pedro que falou pela boca de Leão. Seja excomungado quem assim não acreditar".

IV. VITÓRIA SOBRE OS BÁRBAROS

1. Reinos bárbaros e sua conversão.

ESDE o pontificado de São Leão, a Igreja, que se constituíra Guarda da Verdade e Protetora dos fracos, iria acrescentar aos seus encargos mais uma missão: salvar a Civilização contra a barbaria. Sempre procurou conciliar invasores com os invadidos. Amorteceu o choque entre os "Flagelos de Deus" (como eram chamados os invasores bárbaros) e os vencidos. Pouco a pouco conseguia abrandar e converter os próprios bárbaros.

O Império Romano do Ocidente estava sofrendo as invasões constantes dos Bárbaros. E a religião do Cristo iria sofrer um novo assalto, até conseguir o apaziguamento e a conversão de todas essas raças guerreiras.

O Cristianismo se ia tornando a religião de todo o Império Romano. Um dos grandes santos desses primeiros tempos de paz foi o Bispo S. Martinho. Era um soldado das Gálias e ainda era catecúmeno, isto é, preparava-se para receber o santo batismo, quando começou a demonstrar que sua vida já era a de um verdadeiro cristão.

Um dia um pobre mendigo pediu-lhe uma esmola. Não possuindo dinheiro nenhum para dar, S. Martinho pegou na espada e rasgou seu manto de soldado em dois, dando metade ao pobre. Nessa mesma noite, Nosso Senhor lhe apareceu em sonho, coberto com o pedaço de manto dado ao pobre, dizendo aos anjos que o cercavam:

"Martinho, apesar de ainda não ser cristão, deu-me este manto".

Pregou o Evangelho nas Gálias, e como Deus lhe dera o dom de fazer milagres, as conversões se sucediam aos milhares. Um dia, quando procurava convencer os habitantes de certa aldeia a destruir uma árvore que o povo adorava como se fosse um deus. Nosso Senhor permitiu que S. Martinho fizesse o milagre seguinte. O povo disse ao santo pregador: "Nós abateremos a árvore, mas com a seguinte condição — o senhor se colocará do lado em que ela deverá cair". Martinho aceitou a condição, e começaram a derrubar a árvore. No momento da queda, S. Martinho fez o sinal da Cruz e a árvore tombou do lado oposto.

Os habitantes da aldeia se converteram com este milagre. S. Martinho morreu no ano 400. Foi o primeiro santo a ter um culto público da Igreja. Sua festa se celebra no dia 11 de Novembro, dia da sua morte.

Enquanto os povos pagãos se convertiam e pediam o batismo, a Igreja lutava contra as heresias.

Mas Deus suscitava sempre grandes santos que ajudavam no triunfo da causa de Deus. Em Milão, cidade do norte da Itália, encontramos S. Ambrósio, o piedoso bispo desta cidade. Foi um pastor sábio e fervoroso. A composição do "Te Deum" é atribuída a este santo.

Durante este tempo aconteceu que o imperador romano Teodósio mandou castigar severamente os habi-

tantes da cidade de Tessalonica, na Macedônia, por se haverem revoltado contra ele. O povo foi massacrado. O ato do imperador causou um grande espanto, pois este chefe havia perdoado, a pedido de S. Flaviano, uma revolta semelhante na cidade de Antioquia.

Quando o Imperador chegou a Milão, S. Ambrósio mandou dizer que, depois de haver cometido tantos assassínios, o imperador não poderia entrar na igreja sem fazer penitência pública. O imperador, homem de gênio violento, quis forçar esta decisão, e entrar, por força, na Catedral. O Bispo não o permitiu, dizendo-lhe: "Imitaste David no pecado, imita-o também na sua penitência".

O imperador voltou para seu palácio, mas só depois de 8 meses, no dia de Natal, foi que ele alcançou a absolvição de S. Ambrósio, prometendo fazer penitência pública. E assim procedeu. Este imperador recebeu o título de Grande, pela sua piedade, coragem e sabedoria. Ao morrer dividiu o Império Romano em duas partes: o Império do Ocidente, com capital Roma, e o Império do Oriente, tendo por capital a cidade de Constantinopla, que fora fundada por Constantino Magno.

O primeiro povo selvagem a se lançar sobre a cidade de Roma foi o povo Visigodo, chefiado pelo terrível Alarico, seu rei. Os Visigodos cobriram a Itália de ruínas.

Essas invasões de bárbaros pareciam enviadas por Deus como castigo ao mundo antigo por haver resistido, por tanto tempo, aos ensinamentos cristãos. Roma foi saqueada e devastada. Os vencedores, porém, respeitaram as igrejas, onde o povo apavorado se havia refugiado, pedindo proteção ao Deus dos cristãos.

Átila, feroz chefe dos Hunos, à frente de 500 mil homens, partiu pa-

ra a conquista do mundo. Vencia todos os povos que encontrava pela sua frente. Esta horda selvagem, vinda das margens do Mar Cáspio, dizia: "que a terra nunca mais florescia por onde eles passavam".

Este huno feroz invadiu as Gálias e marchou sobre Paris, outrora Lutécia, cidade salva pela pastora S. Genoveva, que disse ao povo que, se fizesse penitência e rezasse muito, Deus não permitiria que Átila chegasse até à cidade.

E assim aconteceu; houve uma desavença qualquer no exército dos hunos, e Átila repentinamente mudou de itinerário. S. Genoveva tornou-se a Padroeira de Paris.

Átila atirou-se contra Roma, depois de haver arrasado e incendiado todo o norte da Itália. O Papa Leão, encarregado pelo imperador de negociar a paz, dirigiu-se ao encontro do feroz chefe. Incumbiu-se o Soberano Pontífice dessa perigosa missão, convicto de que Deus disporia à Sua vontade o coração mais endurecido.

Intrèpidamente falou ao comandante dos bárbaros, com segurança e força moral, empenhando-se em pedir tranquilidade para a Itália. A firmeza deste Sumo Sacerdote espantou o terrível chefe: "Não sei qual a razão por que as palavras deste padre tanto me comoveram", dizia Átila aos seus companheiros. Atendeu, entretanto, às propostas do imperador, fez cessar as hostilidades, e retirou seu exército da Itália. Eis a força da virtude que abranda todas as almas, até as mais fechadas à luz.

Três anos mais tarde, depois da retirada de Átila, o Império Romano foi novamente atacado pelos Bárbaros. Os Vândalos, procedendo do norte da África, dirigidos por Genserico, desembarcaram na Itália. Incendiavam e pilhavam todos os lugares por onde passavam.

Novamente o povo de Roma recorreu ao seu Pontífice, S. Leão, para que este o salvasse. Genserico relutou

em satisfazer ao venerável ancião que pedia fosse poupada a vida de seus filhos. Mas S. Leão venceu, finalmente. Os Vândalos levaram 14 dias em Roma, saqueando, mas não mataram pessoa alguma.

A conversão da ilha da Irlanda, ao noroeste da Europa, foi feita pelo monge escocês S. Patrício, no pontificado de S. Leão. O Papa S. Celestino constituíra Patrício Bispo da Irlanda. As conversões se fizeram com extraordinária rapidez. S. Patrício, considerado Padroeiro da Ilha, teve a felicidade de ver quase toda a população da Irlanda convertida ao Catolicismo.

O povo Franco era composto por bárbaros que haviam vindo da Germânia. Clóvis, rei desta tribo, estabeleceu-se nas Gálias, depois da batalha de Soissons. Havia conquistado todo o país, era dono de todas as terras compreendidas entre o Rio Loire, na Gália (França), e o Rio Reno, na Germânia (Alemanha).

Apesar de se haver casado com uma princesa cristã muito piedosa, Clotilde, esta ainda não havia conseguido a conversão de seu esposo. Clóvis ouvia atentamente tudo que a esposa lhe contava dos Evangelhos, mas não se convencia.

Este príncipe possuía grandes qualidades de chefe, e no seu reino todos os seus súditos cristãos rezavam pela sua conversão

Os germanos resolveram conquistar as Gálias, e já haviam atravessado o Rio Reno, quando Clóvis os atacou nas planícies de Tolbiaco. Mas o inimigo era superior em número, e muitos fran-

cos começaram a debandar. Nesta hora Clóvis se lembrou dos conselhos de Clotilde e gritou: "Deus de Clotilde, socorrei-me! se for vitorioso, não terei outro Deus senão Vós". No mesmo instante a vitória passou para os francos, os germanos fugiram e foram perseguidos e dizimados pelos soldados de Clóvis.

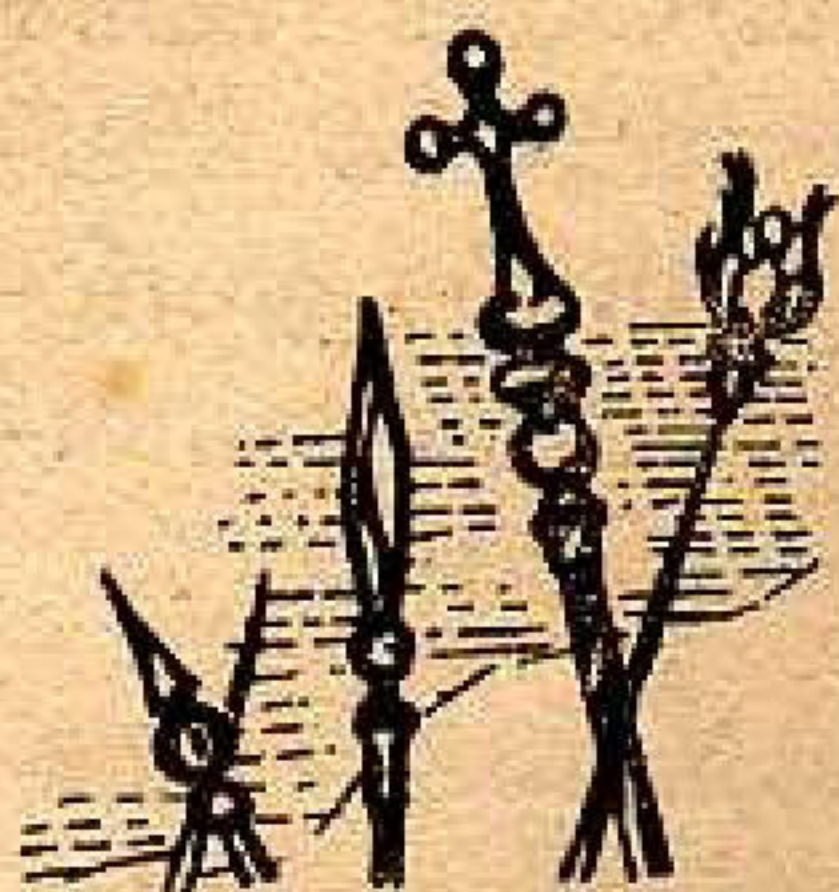
Não havia dúvida alguma que esta vitória fora devida ao Céu e a guerreira nação dos Francos reconheceu que o Deus de Clotilde era o Deus dos exércitos vitoriosos. Clóvis voltou dos campos de batalha e começou a se preparar para receber o batismo. Instruído por S. Remígio, Bispo de Reims, cidade do norte da França, Clóvis reuniu suas tropas e insistiu para que seus soldados se fizessem cristãos para adorar o Deus que lhes dera tão gloriosa vitória. Todos gritavam: "Renunciamos aos deuses mortais, estamos prontos para adorar o Deus verdadeiro".

E, no ano de 420, o rei e mais três mil homens receberam o batismo, assim como foram batizados as mulheres e filhos dos Francos. A conversão de Clóvis foi uma alegria para o mundo cristão, pois se tornou o único soberano católico daquela época.

Clóvis, desde o dia em que abraçou a verdadeira religião, nunca deixou de proteger o Cristianismo. Deus escolheu o rei dos Francos para ser o primeiro rei católico. Por esta razão os reis da França receberam o titulo de filhos primogênitos da Igreja. Até os nossos dias, apesar dos governos anticristãos que a França tem tido, esta grande nação é considerada Filha dileta da Igreja.

O grande feito de S. Genoveva, salvando milagrosamente Paris e sua pátria, aconteceu pouco depois da conversão do povo franco ao cristianismo. Como já vimos em capítulo anterior, esta santa, uma simples pastora, concitando os seus compatriotas a fazerem penitência e suplicarem a Deus pela Pátria em perigo, impediu que os ferozes hunos tomassem conta das Gálias.

Santa Genoveva, implorando pela sua pátria, dá-nos o exemplo de como pode ser forte o patriotismo cristão. Deus, Nosso Senhor, ouvindo os rogos da simples pastorazinha e dos francos rezando para libertação da sua terra, deu ao mundo cristão a prova da necessidade da oração em todas as ocasiões da vida do homem.

Depois da retirada de Átila, com os seus terríveis soldados, S. Genoveva viveu longos anos, e morreu muito velhinha. Foi enterrada perto do túmulo de Clóvis na igreja, em Paris, que hoje tem seu nome.

Na Itália vemos a Igreja e o Império Romano lutando contra os Lombardos, um povo bárbaro, que se estabeleceu ao norte da Itália. S. Gregório, o Grande, foi o Papa que salvou Roma nessa ocasião. Pagou o resgate da cidade com o tesouro da Igreja, e entusiasmou os cidadãos romanos a defenderem sua cidade pagando o Pontífice o soldo aos soldados. Este Papa foi um grande soberano. Entregou-se de corpo e alma aos interesses da Igreja. Assistiu à volta à Igreja de quase todos os povos arianos, que provinham das hordas bárbaras, invasoras do Império Romano.

Os Visigodos, na Espanha, os Borguinhões nas Gálias, todos voltaram à Religião Católica, desaparecendo o arianismo por completo da face da terra.

Este sábio Papa mandou 40 Beneditinos às Ilhas Britânicas para continuar com o ensino do Evangelho, começado há 2 séculos atrás. Estas ilhas já haviam recebido a doutrina cristã, mas, com a invasão dos Saxões idólatras, a fé se apagara, pois os invasores haviam obrigado os antigos habitantes a fugir para as montanhas de Gales.

S. Gregório ainda era um monge quando, passeando no mercado de Roma, viu uns escravos ingleses. Per-

guntando quem eram aqueles, responderam que eram Anglos, vindos de uma ilha do norte da Europa. "Seriam anjos, se tivessem o dom da Fé", foi o comentário do monge. Assim que foi eleito Papa, enviou logo os beneditinos, chefiados por S. Agostinho, para pregar o Evangelho de Cristo. S. Agostinho mais tarde foi feito primeiro arcebispo de Canterbury, cidade da Inglaterra.

O rei Etelberto deu uma audiência pública aos missionários. Depois de os ter ouvido, permitiu-lhes que pregassem a palavra Divina na sua ilha. A pureza de vida desses homens, a frugalidade, o desinteresse e o dom de milagres que Deus lhes concedera, converteram ràpidamente aqueles pagãos.

O próprio rei, que era casado com uma princesa cristã, converteu-se, e essa conversão foi acompanhada da de milhares de súditos.

2. Queda do Império do Ocidente.

POR diversas vezes vemos a Igreja servindo de medianeira entre os bárbaros e o Império Romano. S. Leão salvou Roma de vários invasores, mas foi impotente para salvar o Império Romano do Ocidente da ruína que o esperava. Em 475 Odoacro, rei dos Hérulos, apossou-se da Itália, exilou o último rei, e tomou o título de Rei da Itália.

Acabara-se o grande Império Romano. A História Sagrada narra o sonho que o Rei da Assíria Nabucodonosor tivera, e que foi explicado pelos profetas judeus. Neste sonho os romanos representavam a quarta grande nação da Idade Antiga. Nabucodonosoro sonhou que vira uma grande estátua representando todas as nações dos primeiros tempos. Os romanos, que foram a última grande nação da Idade Antiga, formavam as pernas de ferro desta colossal estátua. Nabucodonosor vê uma pequenina pedra que, rolando do alto de uma colina, joga por terra a está-

tua. Por sua vez esta pequenina pedra se vai avolumando até tomar conta do mundo inteiro.

Esta pedrinha representa a Igreja. Vem do Monte Calvário e se espalha pelo Universo, levando a Fé aos Bárbaros. Estes o dividem entre si. Mas Deus permite então que esses povos se convertam. O Evangelho se difunde entre eles, e aos Francos cabe a glória de haver sido escolhido como o povo destinado a preparar esta regeneração.

O Papado à frente da Europa.

Nos tempos confusos do começo da Idade Média, a Igreja Católica era a luz segura que norteava, em rumos certos, tanto espirituais, como temporais, todas as jovens nações que iam surgindo. S. Gregório foi o primeiro monge elevado ao trono pontifício. Como Papa conservou todas as virtudes monásticas. Pertencia a uma antiga família de Roma e se fez monge no convento de Monte-Cassino, na Itália. Deu aos pobres uma grande parte da sua fortuna, que era imensa, e com o resto fundou 6 conventos na Sicília, sendo o sétimo convento seu próprio palácio em Roma.

Sucedeu ao Sumo pontífice Pelágio II. Foi o primeiro Papa a usar a frase conservada por todos os seus sucessores: "Servidor dos servidores de Deus". Era de uma simplicidade comovedora, tirando do tesouro da Igreja todo o dinheiro necessário para sustentar o povo romano por ocasião de uma grande fome.

Como já vimos, defendeu Roma dos seus invasores. S. Gregório Magno foi um defensor da liberdade. Lutou contra a escravidão. Naquela época, a maior parte dos vencidos se tornava escrava dos conquistadores. Mostrava esse grande pontífice como Nosso Senhor, o Redentor, se fez Homem para nos fazer voltar à liberdade primitiva, e que é do agrado de Deus agir em benefício da liberdade

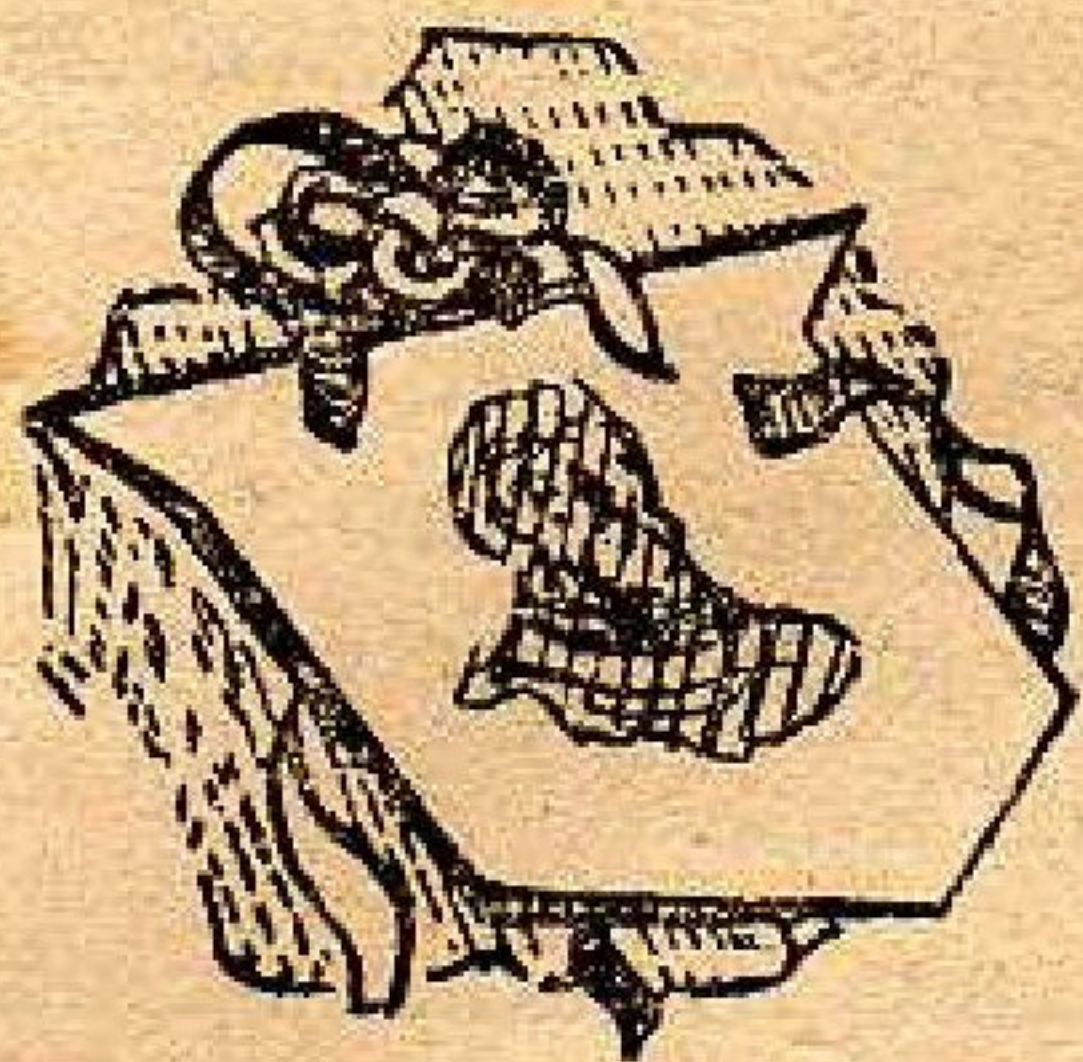
original dos homens, que a natureza e as leis humanas curvavam sob o jugo da servidão.

Enquanto essa mancha da escravidão não se apagava da terra, o Soberano Pontífice comprava, com o dinheiro da Igreja, todo escravo pagão ou judeu, que se convertesse, tornado-o, assim, um homem livre.

Todas as nações da Europa estavam reunidas numa só Fé, formando, por assim dizer, um só povo. As artes, tais como as construções das belíssimas catedrais, das escolas, dos hospitais, eram aplicadas em relevar o brilho da religião, dando todo esplendor ao culto cristão.

S. Gregório ocupou-se muito da música sacra, isto é, da música das igrejas. O belo canto romano ainda hoje é conhecido como Canto Gregoriano. Essse Pontífice aparece na história como escritor da mais alta autoridade. E' considerado um dos doutores da Igreja. Morreu santamente depois de uma vida trabalhosa e cheia de canseiras, no dia 12 de Março de 604.

Em fins do século sétimo, em 680, houve um Concílio Geral em Constantinopla. A heresia dos monotelitas foi condenada nesta reunião. Esta heresia pretendia afirmar que Jesus Cristo só possuía uma vontade. Era a mesma doutrina errada de Eutiques, negando a Divindade do Cristo.

Houve o Concílio Ecumênico; a doutrina foi declarada falsa e o erro se foi aos poucos desaparecendo, cessando finalmente as agitações. Mas no Oriente surgia uma nova heresia: os Iconoclastas, uma seita nova que era contra as honras prestadas às imagens. Quebravam e destruíam todas as imagens religiosas. O imperador do Oriente, Constantino Coprônimo, sustentou, perante os sacerdotes, que se podia pisar na imagem de Cristo sem ofender a Deus.

Um sacerdote apanhou logo uma medalha onde se achava gravado o retrato do imperador e disse: "Posso perfeitamente pisar e destruir esta imagem sem faltar ao respeito devido ao imperador". Atirou a moeda no chão e pisou-a. Os oficiais, que queriam agradar ao imperador, imediatamente prenderam o sacerdote e o mataram. Este crime tornou bem claro que todos da corte davam razão ao sacerdote, pois senão não o teriam morto.

O Papa S. Adriano reuniu, na cidade de Nicéia, 370 bispos para um Concílio que foi presidido pelos legados do Papa. A heresia foi condenada, declarando-se ato de fé e de piedade honrar as Sagradas Imagens, pois a honra e o culto prestados às imagens santas estão em relação aos objetos que estas representam.

Em meios do século oitavo deu-se a conversão dos povos germânicos ao Cristianismo. O grande apóstolo da Germânia foi S. Bonifácio. Este santo nasceu na Inglaterra, mas pregou o Evangelho aos povos da Alemanha, antiga Germânia. Foi nomeado bispo de Mogúncia, uma das mais velhas cidades da Alemanha. Já era bastante idoso quando empreendeu a conquista da Frísia para Deus Nosso Senhor. Fez numerosas conversões e implantou o Cristianismo nas terras que hoje formam a Holanda.

Mas, um dia, atacado por um bando de pagãos, S. Bonifácio não permitiu que seus companheiros abrissem luta. Todos foram cruelmente massacrados. Seu corpo foi levado para a cidade de Fulda, na Alemanha, e lá dado à sepultura.

As conversões dos povos bárbaros se vinham processando ràpidamente, mas Deus, que prometera à Sua Igreja que estaria sempre ao seu lado, até a consumação dos tempos, não lhe prometeu um triunfo contínuo. A calma

e glória do pontificado de S. Gregório Magno não seriam de grande duração.

Ao começar o sétimo século iria aparecer um homem que arrancaria à Igreja muitos países importantes. Essas terras, até os nossos dias, ainda não voltaram ao Cristianismo! Maomé foi o instrumento escolhido pelo demônio para fazer a maior ferida que até hoje a religião receberia.

4. O Islamismo.

MAOMÉ' era descendente de Ismael, filho de Abraão. Nasceu em Meca, filho de pai pagão e mãe judia. Com 40 anos começou a se fazer de profeta, e a se dizer pùblicamente "Enviado de Deus". Os habitantes de Meca, que o conheciam como um homem sem moral alguma, não acreditaram na sua missão, e o quiseram prender.

Maomé, então, fugiu para a cidade de Medina, e desta fuga data o calendário muçulmano. Ambas estas cidades se acham na Arábia, na Ásia. O calendário muçulmano, chamado "Hégira", tem início em 622. A religião pregada por Maomé era uma mistura horrorosa de judaísmo, cristianismo e paganismo.

Como este impostor não sabia escrever, toda a sua doutrina foi escrita por um frade que abandonara o cristianismo. O livro que contém o ensino deste falso profeta chama-se "Al-Corão", que quer dizer o livro por excelência.

Como sofria de epilepsia, Maomé dizia que esses ataques eram visões do Anjo Gabriel. Contava ele que o Anjo lhe vinha revelar as verdades eternas. Quando pediam milagres, ele dizia que não viera para fazer milagres, mas que sua finalidade era espalhar a religião por meio da espada.

Juntou-se a um bando de soldados desertores, e mais alguns ladrões. Começou roubando e saqueando as caravanas no deserto, depois marchou contra a cidade de Meca, e tomou posse da cidade.

Aos poucos foi conquistando todos os países da Arábia. Os sucessores de Maomé conquistaram a Ásia, passaram ao Egito, vencendo todo o norte da África. Atravessaram o estreito de Gibraltar e tomaram conta da Espanha, conquistando as terras dos Visigodos.

Prosseguindo nas suas correrias vencedoras através dos países, galgaram os Montes Pirineus, cadeia de montanhas entre a França e a Espanha. Já se achavam no coração mesmo da França quando foram esmagados por Carlos Martel, rei da França, nas planícies em redor da cidade de Poitiers. A derrota foi tão completa que os muçulmanos nunca mais tentaram atravessar os montes Pirineus, instalando-se na Espanha (ano de 732).

Três séculos, porém, mais tarde, os maometanos iriam ameaçar a Europa. Essa religião, fundada à força da espada, ganhava terreno no norte da África. Os discípulos de Maomé já estavam cercando o Ocidente. Haviam tomado conta da Síria, na Ásia Menor, e levavam suas conquistas até a Espanha. O fraco império de Constantinopla estava sem forças para resistir ao exército muçulmano, e estes ousados e cruéis soldados atacavam a Península italiana. Chegaram até os montes Pirineus, novamente, pondo a Europa em perigo.

Contra a cimitarra dos maometanos iria a Igreja levantar a espada dos príncipes cristãos. Desde que os muçulmanos apareceram, todos os lugares Santos estavam debaixo do seu jugo — Belém, Nazaré, Jerusalém — enfim a Terra Santa de Nosso Senhor havia caído nas mãos desses infiéis. Os cristãos que iam em peregrinação aos

Santos Lugares sofriam verdadeiras perseguições nas mãos desses hereges.

Quando voltavam às suas pátrias contavam tudo que haviam sofrido dos maometanos. Naturalmente os cristãos se foram entusiasmando, e começou a vontade de lutar pela reconquista da Terra Santa. Formaram-se os Cruzados, os soldados cristãos que iriam defender a pátria de Nosso Senhor.

5. As Cruzadas.

CORRIA o ano de 1093. Pedro, o Eremita, padre da paróquia de Amiens, uma cidade da França, tendo feito uma peregrinação à Cidade Santa — Jerusalém — voltou profundamente triste com o que se estava passando na terra de Nosso Senhor. Encontrou os Santos Lugares profanados, e os cristãos injuriados pelos maometanos. Na reunião do Concílio, em Clermont, na França, o Sumo Pontífice fez uma narração dos feitos que ouvira dos lábios de Pedro, o Eremita, contando os sofrimentos e as perseguições por que passavam os cristãos que iam à Terra Santa.

O Santo Padre falou de maneira tão comovedora que os presentes choravam de emoção, e ao grito de "Deus o Quer" formaram-se os primeiros Cruzados, os soldados que iriam defender o Cristianismo da religião muçulmana.

Os peregrinos chamavam-se assim "Cruzados", porque levavam uma cruz vermelha de pano, no ombro direito

Houve, ao todo, 8 cruzadas, empreendidas para defender o Santo Sepulcro.

A primeira Cruzada teve como chefes: Godofredo de Bouillon, Duque de Lorena, Raimundo, Conde de Tolosa,

e Roberto, Conde de Flandres.

O primeiro exército a chegar à Ásia e pôr cerco a Jerusalém foi o comandado por Godofredo de Bouillon. Houve uma terrível luta, pois os infiéis haviam preparado bem as suas defesas. Porém os Cruzados estavam armados de coragem indescritível, e após 5 semanas de terríveis combates, tomaram a Cidade Santa, de assalto, numa sexta-feira, às 3 horas da tarde.

Depois da vitória estes soldados cristãos, levados pelo chefe, retiraram as armaduras, e dirigiram-se, descalços, chorando e batendo no peito, para visitar os lugares consagrados pelos sofrimentos de Nosso Senhor.

Oito dias depois da vitória, os chefes se reuniram para eleger um rei capaz de conservar tão preciosa conquista. A escolha recaiu em Godofredo de Bouillon, o mais valente e mais sábio comandante do exército cristão. Foi proclamado Rei na Igreja do Santo Sepulcro.

Mas este piedoso e santo homem recusou a coroa de ouro que lhe era oferecida. "Como poderei usar uma coroa de ouro no lugar onde o Rei dos Reis foi coroado de espinhos?" foram as memoráveis palavras do Guarda do Santo Sepulcro, nome que escolheu por espírito de humildade. Era o ano de 1099.

As Cruzadas deram lugar a fundações de diversas ordens de caráter religioso-militar. A mais antiga foi a Ordem dos Cavaleiros de Malta, uma ilha do mar Mediterrâneo. Sua primeira casa foi o hospital construído em Jerusalém para recolher os peregrinos e cuidar dos doentes.

Quando os Cruzados conquistaram Jerusalém, muitos fidalgos, entusiasmados pelo espírito de caridade existente nesses cavaleiros, dedicaram-se a esta obra de caridade. Acrescentaram, todavia, aos 3 votos que todo religioso fazia, mais um: o de fazer a guerra contra os inimigos da Fé.

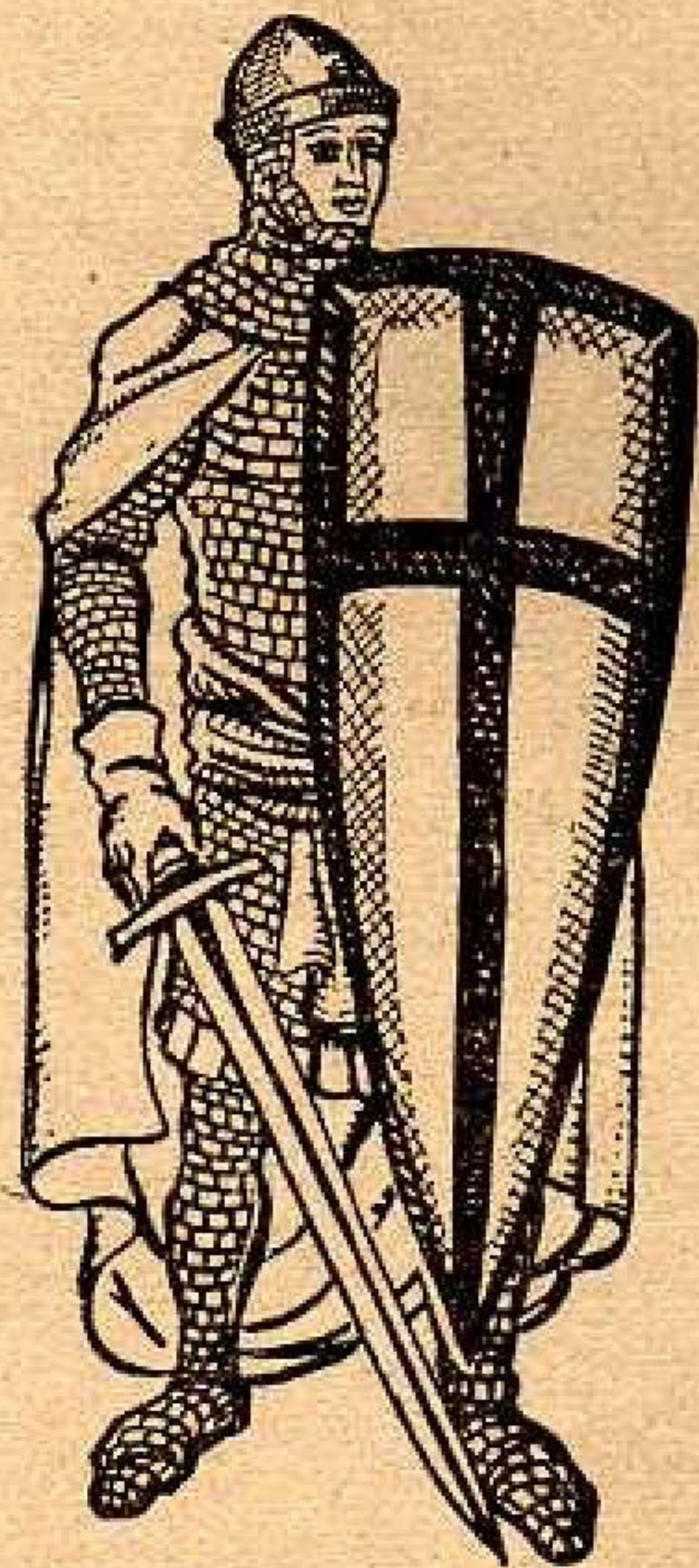
Contra os infiéis, realmente, esses homens eram terríveis. No entanto, dentro dos hospitais, eram os humildes servos dos doentes e peregrinos. Esta Ordem se espalhou de modo rápido. Com a queda do Reino de Jerusalém, que durou apenas 100 anos, esses cavaleiros se estabeleceram na Ilha de Malta e na Ilha de Rodes, ambas no Mar Mediterrâneo. Essas duas ilhas defendidas por esse punhado de bravos servidores de Cristo formaram fortalezas inexpugnáveis da Cristandade.

Sustentaram cerco após cerco contra os turcos, sem nunca se renderem. O valor desses bravos e piedosos guerreiros foi o principal obstáculo às conquistas dos turcos na Europa.

Para proteger os peregrinos foi fundada a Ordem dos Templários. Quando a Palestina foi retomada pelos Sarracenos, ou turcos, os Cavaleiros Templários deixaram, pouco a pouco, os seus votos, e a Ordem, tendo perdido sua finalidade, extinguiu-se em 1312.

Mais tarde surgiu uma terceira Ordem Militar: os Cavaleiros Teutões, assim chamados, por ser a ordem composta quase que exclusivamente de cavaleiros alemães.

Na época das primeiras cruzadas apareceu um homem considerado o mais notável de século XI, São Bernardo. Entrou para a Ordem dos Monges Cistercienses, ordem que praticava a regra de São Bento. Foi conselheiro de Bispos e do Santo Padre.

A segunda Cruzada foi pregada por São Bernardo, conforme mandou o Papa, pois a Terra Santa corria o grave perigo de cair, novamente, nas mãos dos infiéis. O Rei de Jerusalém pedia socorro aos principais chefes da Europa. S. Bernardo foi tão eloquente ao pregar essa Cruzada que os Reis da França e o Imperador da Alemanha partiram com grandes exércitos para lutar contra os turcos que estavam invadindo a Europa Oriental e tomando os Santos Lugares.

Mas, infelizmente, esta cruzada foi mal sucedida, devido especialmente ao mau comportamento dos Cruzados. As armadilhas e as emboscadas preparadas pelo Imperador de Constantinopla muito contribuíram para o seu fracasso.

S. Bernardo explicou que a derrota desta cruzada foi devida à indisciplina dos soldados cristãos, atraindo, dessarte, a cólera de Deus. Pouco tempo depois da segunda cruzada S. Bernardo morria. A terceira Cruzada foi contra o sultão do Egito, Saladino, que conseguira vencer os cristãos e retomar a cidade de Jerusalém. A verdadeira Cruz caiu nas mãos dos muçulmanos. Os reis da França e da Inglaterra, que se achavam em luta, fizeram as pazes, e juntos partiram para defender a terra de Nosso Senhor.

Os dois exércitos reuniram suas forças e foram ajudar os soldados que há já dois anos punham cerco à cidade de São João d'Acre, na Ásia Menor. A cidade foi tomada e um dos primeiros artigos do tratado de paz foi que

a verdadeira Cruz fosse entregue aos cristãos (ano de 1191).

Os Cruzados desistiram de conquistar Jerusalém, e a cidade de São João d'Acre se tornou o refúgio dos cristãos do Oriente. Durante os trinta anos que se seguiram houve mais 3 cruzadas, que não alcançaram o fim almejado, pois desviaram-se completamente das suas finalidades.

O único resultado das 4ª, 5ª e 6ª Cruzadas foi a criação do Império Latino em Constantinopla, cuja duração foi apenas de 50 anos. Os Gregos, porém, não se submeteram a essa conquista, e isso ajudou o rápido progresso do cisma da Igreja do Oriente, começado por Fócio, e continuado pelo Bispo Miguel Cerulário.

Os orientais romperam definitivamente com a Santa Sé, apesar dos esforços empregados pelo Papa para impedir que os cruzados passassem pela cidade de Constantinopla.

As últimas cruzadas, 7ª, 8ª e 9ª, foram resultados do entusiasmo provocado pelas pregações dos grandes santos S. Domingos e S. Francisco de Assis.

S. Luís, rei da França, depois de uma doença quase mortal, fez o voto de ir combater os infiéis. Partiu, com seus soldados, e atacou o Egito, cujo sultão era o senhor da Palestina.

O rei já se havia apoderado da cidade de Damieta, mas, devido às imprudências dos seus generais nessa campanha, aconteceu que o exército francês foi derrotado e o rei feito prisioneiro.

Os maometanos ficaram espantados com a firmeza da Fé de que este grande soldado deu provas. Tratado com grandes maldades, sempre se mostrou nobre e piedoso. Os próprios infiéis quiseram fazê-lo rei, mas acabaram dando-lhe a liberdade, recebendo a cidade de Damieta como resgate.

S. Luis foi então à Palestina, onde cuidou de fortificar as cidades ocupadas pelos cristãos, e libertou muitos cativos cristãos. A morte de sua mãe, a rainha Branca de Castela, fê-lo voltar à pátria.

A oitava cruzada foi empreendida por S. Luís. O bei da Tunísia enviou embaixadores ao rei da França, dando a entender que ele, chefe dos maometanos, tinha grandes inclinações para o cristianismo. S. Luís mandou dizer "que desejava tanto a salvação deste rei, que alegremente passaria o resto dos seus dias numa prisão no meio dos sarracenos, sem nunca ver a luz do sol, contanto que ele e seu povo se fizessem cristãos da verdadeira Fé".

Este nobre desejo foi uma das razões que o levaram à África. Mas, ao desembarcar em Túnis, o exército foi atacado pela peste, e o rei foi vítima da dedicação aos seus soldados feridos. Morreu como um perfeito cristão, no dia 25 de Agosto de 1270. Sua morte destruiu as esperanças de outra expedição.

Os dois exércitos assinaram uma trégua de 10 anos. O bei de Túnis deu liberdade a todos os cristãos prisioneiros e permitiu a liberdade religiosa nas suas terras. S. Luís foi canonizado vinte anos depois da sua morte.

O resultado das Cruzadas foi impedir, em primeiro lugar, que a religião de Maomé se estendesse em toda a Europa. Em segundo lugar serviu para desviar da Europa as guerras entre as nações que apenas se estavam formando. Trouxe também a liberdade de governos e todos os povos começaram a se interessar pelas causas públicas.

V. VITÓRIA SOBRE OS EXCESSOS DO PODER TEMPORAL

1. Influência do poder civil sobre o espiritual, depois de Constantino.

CONSTANTINO Magno, pelo Edito de Milão, deu liberdade religiosa em todo o império. Os Santos Padres procuraram manter a independência da Igreja, pois a Igreja foi sempre a guarda segura de todas as tradições cristãs. Livre das perseguições, o Cristianismo estendeu-se pelo mundo conhecido, levando a civilização juntamente com a palavra de Deus. Os reis pagãos, ao se converterem, levavam seus usos e costumes, que sòmente as exortações constantes da Santa Igreja faziam com que eles se modificassem. Desde os primeiros tempos da Igreja começou a luta dos reis e imperadores para se intrometerem nas questões religiosas.

Muitos desses governantes apoiavam os hereges contra as ordens da Igreja. Houve imperadores que empregaram todos os seus esforços para alterar a Fé na Igreja. Já os imperadores romanos Nero e Diocleciano haviam feito todo o possível para impedir o seu estabelecimento. O erro, no entanto, nunca esmoreceu, mas o ensino público e universal prevaleceu, sempre favorecendo a verdade. A Igreja sempre conservou seu caráter de autoridade suprema, condenando as heresias. Nunca deixou de ser católica, ou universal.

2. O Santo Império Romano; Carlos Magno.

O povo romano sofria as constantes invasões dos Lombardos, um povo que vivia ao norte da Itália. O rei da França, Pepino, o Breve, filho de Carlos Martel, viera, já por duas vezes, defender o Santo Padre em Roma. As províncias por ele conquistadas foram doadas à Igreja, ficando, dessa maneira, regularizada a soberania dos Pontífices Romanos, que havia sido abandonada pelos soberanos efetivos, os imperadores do Oriente.

Carlos Magno, filho de Pepino, o Breve, confirmou esta doação, por um ato assinado em Roma, em 774. Este piedoso e grande rei da França, dono da metade da Europa, havia empregado todo o seu poderio para o desenvolvimento e engrandecimento da Santa Igreja. Enviava missionários aos povos que eram seus súditos para os evangelizar.

Auxiliava os bispos e restabelecia a ordem e a disciplina em todos os ramos. Combatia a ignorância, fundando numerosas escolas. Protegeu o Papado contra a dominação dos Lombardos. O Papa S. Leão III achou que era tempo de se reconstruir o Império do Ocidente sob o cetro de Carlos Magno.

No dia de Natal, do ano 800, enquanto Carlos Magno rezava no túmulo de S. Pedro e S. Paulo, em Roma, durante a Missa de Natal, o Pontífice pôs a coroa imperial sobre a cabeça do rei ajoelhado. O povo o aclamou por 3 vezes: "Carlos Augusto, coroado pela mão de Deus, grande e pacífico imperador dos Romanos, vida e vitória".

O Ocidente havia encontrado neste poderoso monarca um grande protetor para o mundo cristão. Infelizmente no Oriente se preparava uma nova luta, um cisma que, breve, iria separar a Igreja de Roma dos países orientais.

3. O protetorado imperial.

A coroação de Carlos Magno como imperador do Ocidente era o mesmo que introduzir, na vida pública, social e política, o espírito cristão. As leis civis ficaram imbuídas do

espírito dos grandes legisladores cristãos. Surgia a Cavalaria para proteger os fracos e os oprimidos. Os reis procuravam viver de acordo com as regras da doutrina cristã. Quando erravam faziam penitência pública, como já vimos no caso de Teodósio o Grande e S. Ambrósio. O Santo Padre era o chefe espiritual da Europa, e o imperador era o defensor dos bens temporais.

Os Papas exerciam sobre o imperador o direito de sagração do mesmo, e o imperador aprovava os Papas eleitos. O imperador era considerado "Primus inter pares", exercendo sobre os reis um poder moral. Durante os mil anos que durou essa organização os resultados foram notáveis.

4. Questão das Investiduras; Gregório VII.

As invasões sucessivas que ainda continuavam ao começar o século XI causavam sérias desordens à Igreja, mas o desassossego aumentou quando os imperadores da Alemanha resolveram ter o direito de nomear os Sumos Pontífices, privando, dessa maneira, a Santa Sé de sua independência.

As igrejas e os conventos haviam sido destruídos pelas guerras e lutas contínuas. Tornava-se, portanto, muito difícil o estudo, reinando a ignorância por toda parte. Não havia piedade, os maus costumes se estavam introduzindo em todos os lugares. Houve até escândalos no meio do próprio clero, pois os príncipes haviam usurpado o poder do Santo Padre, nomeando eles próprios bispos e padres para as dignidades eclesiásticas.

Não indagavam se aqueles homens eram bons e santos, faziam questão sòmente que fossem capazes de lhes obedecer em tudo. Mas Deus velava pela sua Igreja, e apareceu um jovem que havia de reformar e acabar com os abusos e faltas de disciplina que haviam surgido. S. Gregório VII foi o Papa destinado ao triunfo da Igreja Católica. Era monge beneditino do Mosteiro de Cluni, na França, e se chamava Hildebrando. O Papa Leão IX levou-o para Roma, onde Hildebrando se tornou conselheiro jun-

to ao Santo Padre. Aconselhou ao Pontífice a confirmar sua eleição por meio de um concílio reunido em Roma. Quando Hildebrando foi eleito Papa pela aclamação do povo romano, a Santa Sé havia reconquistado a sua liberdade.

S. Gregório reuniu em Roma um Concílio a fim de tomar medidas enérgicas para acabar com as desordens que reinavam no meio do clero. Um outro concílio retirou dos príncipes o direito que eles se haviam arrogado — o direito de nomear ou fazer a investidura para as responsabilidades eclesiásticas.

Esse direito se chamava "investidura" e a luta que o Santo Padre sustentou para reprimir esse abuso é conhecida como a "Questão das Investiduras". O Concílio decidiu que sòmente o Sumo Pontífice poderia nomear os bispos, os superiores ou abades dos conventos e nomear os vigários.

O príncipe que conferisse, ou tentasse conferir uma dessas investiduras, seria excomungado. Quando um chefe de Estado era excomungado pela Igreja, seus súditos ficavam desligados do juramento de obediência para com seus dirigentes.

Todos os príncipes cristãos do Ocidente se submeteram a estes decretos do Pontífice. O imperador da Alemanha, Henrique IV, porém, continuou a questão. Recusou-se a obedecer ao Papa, e foi por isso excomungado. Assustado com as consequências, o imperador retratou-se e fingiu que se submetia ao Santo Padre.

Mas sua submissão era falsa, e pouco tempo depois recomeçou a luta. Henrique IV veio pôr cerco a Roma, durando 3 anos esta situação. Finalmente Gregório VII foi libertado pelo chefe dos Normandos da Sicília, Guiscardo. O velho Papa foi levado para Salerno pelo seu libertador.

O Pontífice não teve a consolação de assistir ao triunfo completo da sua causa. Morreu em Salerno em 1085, dizendo: "Amei a justiça e detestei a iniquidade, eis por que morro no exílio".

O Concílio de Latrão foi o 9º Concílio Ecumênico. Neste concílio os decretos a respeito das questões das Investiduras foram decididos e aceitos pelos imperadores e príncipes.

Apesar de todas as lutas, o Papa S. Gregório teve, durante seu pontificado, a glória de assistir ao triunfo do Direito sobre a força material, e ver a civilização cristã vencer a barbaria pagã. Pelo menos o grande pontífice sentiu que sua causa seria vencedora.

A Igreja, completamente livre, iria utilizar essa liberdade em prol da civilização. A Trégua de Deus atenuava as desgraças causadas pelas guerras, pois todas essas jovens nações da Europa viviam numa agitação guerreira constante.

Mas a trégua de Deus não era suficiente para impedir a guerra. A ameaça dos Maometanos veio tirar, por algum tempo, as guerras da Europa. Os príncipes cristãos uniram-se para defender os Lugares Santos, desviando, dessa maneira, as lutas da Europa para a Ásia.

5. A Questão do poder indireto; Bonifácio VIII.

O Pontífice Bonifácio VIII, eleito em começo do século XIV, vem fechar a série dos grandes Papas da Idade Média, iniciada com S. Gregório VII e tendo chegado ao apogeu com o Papa Inocêncio III.

Apesar dos seus 80 anos, Bonifácio VIII soube governar mantendo firme o leme da barca de S. Pedro. Lutou em questão de bens temporais do clero, enfrentou o rei da França, Filipe o Belo. Este rei mandou seus soldados invadir a Itália e atacar Roma, cidade do Soberano Pontífice. O povo repeliu as forças invasoras e livrou o Pa-

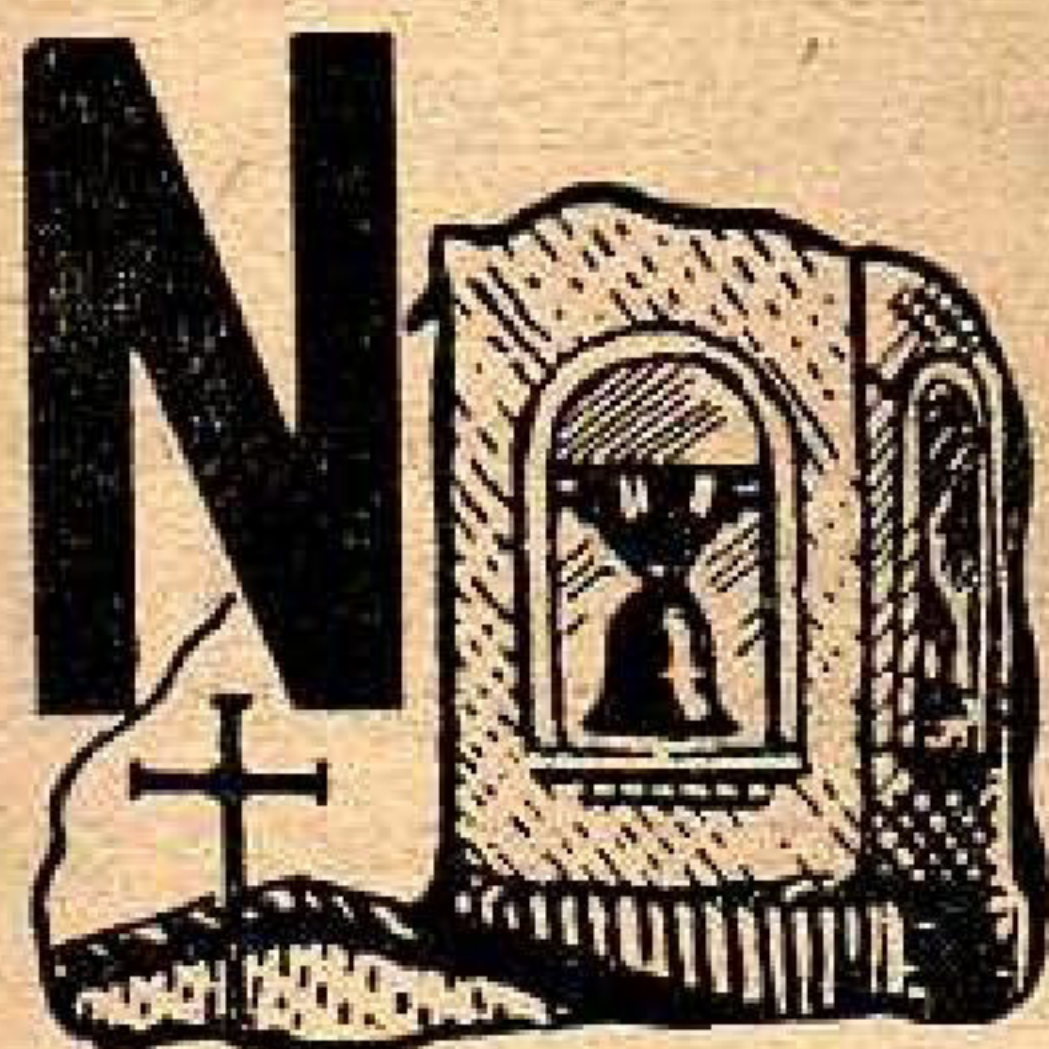
pa. Este, porém, morreu um mês após sua libertação, em consequência dos maus tratos que havia recebido.

Este Papa introduziu as festas de Jubileu, que no começo eram de cem em cem anos, depois passaram a ser de cinquenta em cinquenta anos, e, finalmente, passaram a ser de vinte e cinco em vinte e cinco anos.

Pouco antes do pontificado de Bonifácio VIII, a casa de Nosso Senhor, de Nazaré, foi milagrosamente transportada para a Itália, onde é venerada, ainda nos nossos dias, no abençoado santuário de Nossa Senhora de Loreto, Padroeira dos Aviadores.

No 15º Concílio Ecumênico, que se realizou em Viena, na França, o Papa Clemente V resolveu acabar com a Ordem dos Templários, que já há muito se havia desviado dos seus regulamentos. Não havendo mais Cruzadas, e tendo a Ordem se enriquecido demais, começaram a surgir graves desordens. Não havia mais necessidade nem utilidade, na continuação dos cavaleiros Templários.

VI. VITÓRIA SOBRE OS INIMIGOS INTERNOS

1. Do primitivo fervor à decadência pós-constantina; A reação do monaquismo: S. Bento.

OS primeiros tempos de paz que a Igreja gozou surgiram as primeiras lutas contra as inovações que certos homens procuraram dar ou introduzir na religião católica. A Igreja estava sempre alerta para zelar pelo patrimônio moral e religioso das almas dos seus filhos. Nos primeiros séculos do Cristianismo surgiram os solitários ou eremitas, homens que iam procurar a perfeição na solidão. No século terceiro, aumentou a vida eremítica. A vida monástica, isto é, a vida nos mosteiros, ou nos conventos, foi uma consequência da vida dos eremitas. Houve muitas almas ansiosas para seguirem este ramo de perfeição, surgindo então, por assim dizer, a vida monástica.

No Oriente, S. Pacômio, natural da Tebaida, fez-se monge e aos poucos reuniu sob sua obediência uns sete mil monges. Organizou-se a vida monástica, agrupando uns quarenta religiosos em cada comunidade. A reunião de um certo número de comunidades formava o mosteiro. As comunidades femininas foram dirigidas pela irmã de S. Pacômio. Este método para obtenção da perfeição espalhou-se na Palestina, Síria, Arábia e Mesopotâmia. S. Basílio Magno foi o introdutor e organizador da vida cenobítica no Ponto e na Capadócia. As regras seguidas pelos monges hoje são as mesmas do tempo da fundação.

O Ocidente, só em meados do século IV, recebeu o impulso da vida monástica. S. Jerônimo fundou mosteiros na Itália, contribuindo muito para esse fim os seus escritos.

A vida religiosa, na Igreja, é um caminho da perfeição que muitas almas escolhidas por Deus procuram, a fim de se aperfeiçoarem. Os conventos e os mosteiros foram os lugares onde os homens e mulheres, que se queriam consagrar a Deus, reuniam-se para rezar, estudar e trabalhar. Viviam em comunidade, sob a direção de Superior. Esses conventos foram os guardas e depositários de todos os tesouros espirituais, e mesmo materiais, dos séculos.

No silêncio e recolhimento dessas casas abençoadas por Deus floresceram, e ainda hoje florescem, todas as almas eleitas de Nosso Senhor. Os monges estudam os escritos antigos, trabalham e preparam toda espécie de serviços, quer espirituais quer materiais.

Esses homens, doutos e piedosos, tiveram influência em todos os campos, quer da ciência, quer da vida prática. O amanho das terras, o saneamento das terras alagadiças, as primeiras aldeias e cidades, enfim os primeiros sinais de vida social lhes é devida.

O fundador da vida monástica foi S. Bento. Muito jovem ainda, levou 3 anos morando numa caverna afastada e longe dos homens. Pouco a pouco, porém, foram chegando discípulos em número tão grande que ele teve que construir 12 conventos.

O mais importante destes conventos foi o de Monte Cassino, mais tarde considerado como Casa Central da Ordem dos Beneditinos. São Bento teve o dom da profecia, e sua santidade se tornou conhecida por diversos milagres.

Foi o fundador da Ordem dos Beneditinos, monges que prestaram, e ainda prestam, serviços importantíssimos

à Igreja. Foram estes monges os conservadores dos livros dos Antigos. Foram também ilustres escritores de obras admiráveis. Eram hábeis agricultores e muito ajudaram a melhorar a lavoura. Esta Ordem deu ao mundo uma multidão de grandes homens, entre outros, 24 Papas e para mais de 50 mil santos.

Dez anos depois da morte de S. Bento, realizou-se o 5º Concílio Ecumênico em Constantinopla. Este concílio veio confirmar as decisões do Concílio de Calcedônia a respeito da heresia de Eutiques.

S. Gregório foi o primeiro monge elevado ao trono pontifical. Conservou no seu pontificado todas as virtudes monásticas.

Na época das primeiras cruzadas apareceu um homem considerado o mais notável do século XI. — S. Bernardo. Muito jovem ainda, abandonou todas as honrarias, e, acompanhado por quase todos os seus irmãos, entrou para a Ordem dos Cistercienses, monges que praticavam a regra dos beneditinos.

Foi eleito Prior, ou Superior, de um novo convento, fundado em Clairvaux na província de Champagne, na França. Esperava ficar esquecido neste retiro, mas sua ciência e sua piedade tornaram-no famoso. De todos os lados, pobres e ricos, sábios e ignorantes, recorriam a ele.

Foi o refúgio dos infelizes, defensor dos fracos e oprimidos, o terror dos hereges. Foi conselheiro de bispos e do Santo Padre. Numa palavra, foi a luz e o consolo e sustentáculo da Igreja neste século. Até hoje sua ciência e seu ardor o conservam no mesmo lugar.

A 2ª Cruzada contra os muçulmanos foi pregada por S. Bernardo, a pedido do Papa.

2. Grandeza e decadência da Idade Média; a reação das Ordens Mendicantes.

O Norte da Europa ainda se mantinha pagão, ao começar o século IX. Os povos bárbaros percorriam, armados de ferro e de lança, a Alemanha, a Inglaterra, França, Espanha e Itália. Por onde passavam ficava a marca do seu ódio contra o Cristianismo.

As artes e as ciências só eram encontradas, nestes tempos, nos conventos. Formavam os mosteiros os únicos asilos contra a barbaria invasora. Os religiosos se ocupavam em guardar, recolher e copiar as obras antigas que haviam conseguido escapar à destruição das primeiras invasões de bárbaros. Essas obras, verdadeiros monumentos preciosos de conhecimentos, teriam desaparecido, se a Igreja não tivesse tido o cuidado de as guardar para poder transmiti-las às gerações futuras.

Foi a Igreja que manteve, nos conventos e escolas, o gosto pelas letras e artes. A própria arte de lavrar a terra era ensinada pelos frades que trabalhavam e cuidavam das terras em redor dos mosteiros.

Sòmente a Igreja teve a glória de submeter à sua obediência as nações guerreiras que tanta tristeza lhe causavam. Só ela conseguia abrandar, civilizar e transformar em filhos dóceis seus mais cruéis perseguidores.

No século IX a Igreja já convertera sucessivamente os dinamarqueses, os suecos, os poloneses e os russos.

No século X houve a conversão dos normandos. Este povo, que há muitos anos assolava a França com suas repetidas invasões, recebeu, no começo do século X, a graça da Fé, havendo uma transformação repentina nos seus costumes.

No fim do século X, chamado o século de ferro, os húngaros, povo ainda mais selvagem do que os normandos, saqueadores terríveis das igrejas da Alemanha, foram convertidos por S. Estêvão, rei e apóstolo da Hungria

(ano de 997). Este piedoso e santo rei tinha uma devoção especial pela Mãe de Deus, e colocou sua pessoa e seu reino sob a proteção maternal da Mãe de Nosso Senhor.

A Idade Média viu surgir diversas Ordens religiosas que muito a auxiliavam. No século XI apareceu a Ordem dos Cartuxos, que, abençoada por Deus, iria espalhar o bem pelo mundo.

Esta Ordem foi fundada por S. Bruno, considerado o homem mais sábio do seu tempo. Abandonou todas as honras do mundo e se retirou para viver na solidão, entregue à penitência e à meditação.

Muitos amigos o quiseram imitar, e, então, Bruno, aconselhado pelo Bispo de Grenoble, cidade da França, estabeleceu-se em um lugar selvagem, na diocese deste prelado.

O convento, fundado nas montanhas conhecidas como Chartreuse, foi o primeiro núcleo dos frades cartuxos, como são conhecidos em português. Essa fundação teve lugar no ano de 1084.

Os monges da Chartreuse levavam uma vida santificante. Moravam cada um na sua cela, que dava para um pequeno jardim. Recebiam, uma vez por semana, pão e legumes, alimento para os sete dias da semana. Guardavam silêncio absoluto, e pediam tudo por meio de sinais.

Reuniam-se uma vez por semana, no domingo, e só neste dia passeavam juntos. Entregavam-se ao trabalho manual, às orações e à cópia dos manuscritos antigos. Viviam do trabalho de suas mãos. O hábito era muito simples, e, por debaixo desses hábitos, usavam cilício para martirizar o corpo. Tudo era pobre nos Cartuxos, a pró-

pria igreja era muito pobre, sòmente o cálice da Consagração era de prata.

S. Bruno teve o consolo de ver sua Ordem se espalhar pela Europa toda, ràpidamente. Até os dias presentes os religiosos de S. Bruno possuem o mesmo espírito e um privilégio bem raro: esta ordem, fundada há nove séculos, nunca teve necessidade de uma reforma.

Até o fim do século XII foram convocados 3 Concílios Gerais, no palácio do Latrão, em Roma. No último desses concílios, realizado em 1215, foi promulgada a obrigação imposta pêla Igreja do Preceito Pascal: Confessar-se ao menos uma vez por ano, e comungar pela Páscoa da Ressurreição.

Este Concílio de Latrão, 12º Concílio Ecumênico, foi como que a coroa do Papa Inocêncio III. O Oriente e o Ocidente se achavam representados por 412 bispos, por todos os patriarcas, ou seus representantes. Todos os príncipes, chefes das Nações Cristãs, mandaram seus embaixadores. O que havia de mais ilustre e erudito na Igreja e nos países católicos se achava reunido sob a presidência do Soberano Pontífice.

Nesse pontificado surgiram as grandes Ordens da Igreja, entre elas as dos dominicanos e franciscanos.

Já existia a Ordem dos Trinitários, fundada por S. João da Mata, para redenção dos cativos, prisioneiros dos turcos.

S. Domingos, fundador da Ordem dos Pregadores, e S. Francisco de Assis, fundador da Ordem dos Menores, são as duas colunas da Igreja que, conforme uma tradição, Inocêncio III viu em sonhos. Conta-se que o Papa teve um sonho no qual viu a Igreja de S. João do Latrão, a Igreja Metrópole, tão tombada que parecia ruir. Porém o Papa viu o braço de Deus sustentando a cúpula, e colocando 2 colunas do lado onde a igreja estava tombada. Essas duas colunas eram as Ordens franciscana e dominicana.

S. Domingos nasceu na Espanha, e pertencia a uma família nobre. Fez-se padre e veio para o sul da França

trabalhar na conversão dos hereges conhecidos como Albigenses. Estes hereges não respeitavam a autoridade, nem da Igreja, nem do Estado. Rejeitavam o uso dos sacramentos, reuniam-se em grande número saqueando as cidades e as aldeias. Massacravam os padres e religiosos, profanando as igrejas e quebrando os vasos sagrados.

Os albigenses ameaçavam todo o sul da França com uma revolução geral. Esta seita começara na cidade de Albi, ao sul da França. Os fidalgos do sul deste país eram quase todos em favor dos hereges, e os senhores do norte da França uniram-se para os combater. S. Domingos resolveu conquistar estes revolucianários por meios pacíficos, usando sòmente a doçura e, sobretudo, a oração para conversão dos infiéis.

Associou-se a alguns sacerdotes zelosos pela salvação das almas e fundou com o nome de "Frades Pregadores" uma nova Ordem religiosa que até os nossos dias vem prestando relevantes serviços à Igreja e às nações.

S. Domingos introduziu a devoção do Santo Rosário, devoção a Nossa Senhora, que obteve inúmeras conversões, e desde então, todas as almas devotas da Santíssima Virgem rezam o Rosário ou o Terço. Quando o santo fundador morreu, em 1221, a Ordem Dominicana, como é conhecida, já possuía 60 conventos. Em Paris existe, até a data de hoje, o Convento de S. Jaques, fundado no tempo de S. Domingos. A Ordem Terceira de S. Domingos conta um grande número de confrades em todas as camadas sociais.

S. Francisco de Assis foi dessa mesma época e contemporâneo de S. Domingos. Desde criança Francisco se distinguiu por um grande amor pelos pobres. Tendo ficado gravemente enfermo, tomou a resolução de se afastar, para sempre, do mundo. Começou a pregar e a mostrar a necessidade de se fazer penitência. Seus sermões eram muito simples, mas todos que o ouviam ficavam maravilhados.

Apareceram logo discípulos que, imitando sua penitência, fizeram com que ele fundasse a Ordem dos Frades Menores, isto é, a menor entre todas as Ordens religiosas. Esses frades faziam voto de pobreza absoluta, usavam uma roupa parda, amarrada na cintura com um cordão, e andavam descalços.

As virtudes de S. Francisco despertavam um entusiasmo extraordinário. Quando ele chegava a uma cidade, os sinos repicavam festivamente, e enfeitavam as ruas por onde o humilde franciscano passava. O clero e o povo vinham recebê-lo entoando cânticos. Dentro de pouco tempo S. Francisco teve cinco mil companheiros. O santo os mandava pregar a doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo por toda parte.

Este ardente apóstolo foi à Síria, na Ásia Menor, para converter o sultão maometano. Ofereceu-se para se atirar numa fogueira, juntamente com os sacerdotes muçulmanos, a fim de mostrar qual era a verdadeira religião. Mas o sultão respondeu que os maometanos não tinham inclinações para uma prova de tanta coragem. Prestou-lhe todas as honras devidas à sua grande santidade. Quase no fim da vida. S. Francisco viu um anjo crucificado que lhe fez nas mãos, nos pés e no lado as chagas iguais às que Jesus Cristo tivera na sua Crucificação. São chamadas os "estigmas" de S. Francisco.

Depois da sua morte, em 1226, seus religiosos dividiram-se em diversas Ordens: Recoletos, Capuchinhos, Observantes. Todos esses frades prestaram grandes serviços à Igreja. Houve 5 Pontífices franciscanos, e um grande número de bispos e cardeais perteceram à Ordem de S. Francisco.

S. Francisco de Assis, como é conhecido, fundou também uma Ordem Terceira para as pessoas que vivem no mundo. Sob a direção de S. Francisco foi fundada a Ordem Segunda, destinada a mulheres, em 1212, dirigida por S. Clara.

As duas Ordens Mendicantes empreenderam a renovação espiritual do fim da Idade Média. O mundo cristão achava-se desanimado pela inveja, falta de fervor na vida religiosa, riqueza do clero, erros de hereges que procuravam impor-se como reformadores.

Essas novas Ordens religiosas, simples e pobres, começavam a ter uma influência muito grande no meio da Cristandade, produzindo resultados imediatos pelo seu zelo, seu exemplo e o seu modo de viver evangélico.

A Igreja teve, na época em que precisava, para dar novo alento às criaturas humanas, essas duas grandes forças, que até os nossos dias vêm prodigalizando toda sua dedicação na propagação da Fé.

Este século XIII, considerado dos grandes santos, tem duas figuras que iluminaram o mundo com seu saber: S. Tomás de Aquino e S. Boaventura.

S. Tomás foi um estudioso, mas era tão calado, tão metido consigo, que seus colegas o apelidaram de "Boi

mudo". Quando seu professor soube desse apelido disse aos que caçoavam do rapàzinho: "Saibam vocês que um dia os mugidos deste boi ressoarão por toda a terra".

E não se enganava o mestre. S. Tomás de Aquino foi a maravilha do seu tempo e dos tempos vindouros. Escreveu livros sábios onde se vê a mais profunda crença ao lado de uma piedade edificante.

Nos dias de hoje, depois de passados mais de seiscentos anos, os trabalhos de S. Tomás são recomendados por todos os Pontífices para os estudos, especialmente do clero. S. Boaventura foi uma das grandes luzes dos Franciscanos, ao mesmo tempo que S. Tomás enriquecia, com seu talento, a Ordem Dominicana.

S. Boaventura fora milagrosamente curado, por S. Francisco de Assis, de uma séria moléstia. Entrou para a Ordem Franciscana por gratidão. Foi eleito geral pouco tempo depois da morte do seu fundador. Com grande desgosto seu foi feito Cardeal pelo Papa Gregório X.

Tomou parte no 14º Concílio Ecumênico que se realizou em Lião, cidade do sul da França. Neste concílio os representantes do imperador do Oriente, Miguel Paleólogo, vieram reconhecer solenemente a autoridade do Papa. Parecia terminado o Cisma Grego, mas infelizmente as discussões recomeçaram com o sucessor de Miguel Paleólogo.

3. Os Cismas do Oriente e do Ocidente.

O Cisma do Oriente teve início em meados e fins do século nono. Os Patriarcas, ou Bispos de Constantinopla, quando esta cidade se tornou capital do Império do Oriente, olhavam com inveja a supremacia dos Sumos Pontífices em Roma. Os Patriarcas queriam ter a mesma autoriade, queriam ser iguais ao Papa.

No século nono, Fócio, homem de nascimento nobre, tão hábil quanto sábio, foi o primeiro a trabalhar para separar a Igreja de Constantinopla da Igreja de Roma. Era bispo de Constantinopla S. Inácio.

Fócio, auxiliado por um ministro ímpio do imperador, conseguiu afastar o Bispo e se fazer reconhecer como Patriarca da cidade. Ao mesmo tempo o impostor escreveu uma carta ao Sumo Pontífice S. Nicolau, dizendo que ele tinha sido feito bispo contra a sua vontade, e que S. Inácio se havia recolhido a um convento depois de haver pedido sua demissão.

E tudo era falso. S. Inácio fora preso e atirado numa prisão pavorosa. Felizmente este santo homem conseguiu fazer chegar uma carta ao Santo Padre, contando a notícia de tudo que se havia passado.

O Papa imediatamente escreveu condenando Fócio, e restabelecendo S. Inácio como Patriarca de Constantinopla. Mas o terrível Fócio destruiu a carta do Sumo Pontífice e falsificou outra, dizendo justamente o contrário, conseguindo, desta maneira, usurpar o bispado.

Com a morte do Imperador do Oriente, seu sucessor mandou Fócio embora, e chamou novamente S. Inácio para dirigir a Igreja do Oriente.

Reuniu um Concílio Geral em Constantinopla, e os legados do Papa ocuparam os primeiros lugares. Este Concílio, que é o 8º Concílio Ecumênico, reconheceu que todos os bispos e patriarcas são sujeitos ao Santo Padre, que é o Chefe Supremo da Igreja.

Fócio fingiu-se inocente e perseguido, recusando-se a responder ao Concílio. Foi excomungado, assim como todos os seus adeptos. O Papa confirmou as decisões do Concílio e parecia que a paz se havia restabelecido.

Porém, 200 anos mais tarde, em 1053, quando reinava o Papa Leão IX, surgiu uma nova revolta, chefiada pelo Patriarca de Constantinopla: Miguel Cerulário. Este revoltou-se contra a autoridade do Sumo Pontífice, mandou fechar as igrejas latinas (isto é, as igrejas onde se celebra-

va o ofício em latim, como se fazia em Roma) chegando até ao cúmulo de batizar novamente todos aqueles que haviam recebido o batismo conforme o cerimonial de Roma.

O Santo Padre enviou legados a Constantinopla. O imperador os recebeu com honras, mas o bispo se recusou a recebê-los. Os Legados Pontifícios depositaram no altar-mor da igreja de Santa Sofia, na presença do clero e fiéis, a sentença da excomunhão. Retiraram-se sacudindo a poeira dos pés, dizendo: "Que Deus veja e que Ele julgue".

Muitos foram os bispos que seguiram o Patriarca cismático. Cisma quer dizer separação e foi o que aconteceu. Uma grande parte dos fiéis do Oriente passou-se para a direção deste patriarca, ficando a separação completa no século seguinte, com a tomada de Constantinopla pelos Cruzados Latinos.

A separação foi completada, porém, no século XV. No Concílio de Florença, nesse século, houve mais uma tentativa para a volta dos gregos à Igreja Católica. Mais uma vez estes renunciaram ao cisma de Constantinopla no 17º Concílio Ecumênico.

Mas quando os delegados do imperador voltaram ao seu país, o clero e o povo os receberam com injúrias, e revoltaram-se contra a autoridade de Roma. Os membros da embaixada ficaram amedrontados e desistiram do acordo feito em Roma. Desde então passou a ser completa a separação entre Roma e Constantinopla.

Os gregos, porém, foram castigados dessa revolta, pois Deus permitiu que os turcos se apoderassem da cidade de Constantinopla e ali se instalassem como vencedores. Maomé II, sultão dos turcos, tomou de assalto o império do Oriente, e depois de 3 dias de terríveis lutas, a cidade, capital do império do Oriente, tombava em poder dos infiéis muçulmanos. A bela igreja de Santa Sofia foi transformada em mesquita (nome que os maometanos dão aos seus templos, ou lugares onde se reúnem para fazer suas orações).

Os cristãos do Oriente, que se mantiveram cristãos, continuaram a fazer parte da Igreja Grega. Alguns anos mais tarde, 1492, Cristóvão Colombo, com a descoberta das Américas, iria trazer novos filhos para a Igreja de Roma. Este novo continente, em breve, tornar-se-ia um campo fecundo para o apostolado, sempre renovado, da doutrina de Cristo.

Ao terminar o século catorze, houve o cisma do Ocidente. Dois Papas governaram a Igreja ao mesmo tempo. Clemente VII em Avinhão, na França, e Urbano VI em Roma.

A Igreja ficou assim dividida em duas. Enquanto uma nação reconhecia a supremacia de um Pontífice, outra nação atendia e obedecia aos conselhos do outro.

Cada um desses pontífices teve seus sucessores, e durante 40 anos persistiu esse cisma. Enfim, na cidade de Constança, ao sul da Alemanha, reuniu-se o 16º Concílio Ecumênico, para pôr um termo a essa dissensão. Os que haviam sido nomeados Papas renunciaram de pleno acordo a esta dignidade e as decisões do Concílio foram postas em execução.

Martinho V foi o Pontífice escolhido no Concílio e sua autoridade foi reconhecida por todo o mundo católico. S. Catarina de Sena foi a conselheira ouvida, que, inspirada por Deus, soube guiar os fiéis para que a Cristandade voltasse à Santa Sé de Roma.

4. Protestantismo e a reação católica; o Concílio de Trento.

No Pontificado do Papa Leão X, em princípios do século XVI, surgiu o Protestantismo na Alemanha, fundado por um frade alemão que se recusou a obedecer às ordens do Santo Padre. Este Padre chamava-se Lutero, e revoltou-se contra as Indulgências, o Purgatório e a Confissão.

Como o Concílio de Latrão declarara que havia necessidade de reformas nas disciplinas eclesiásticas, tais como a melhor preparação dos sacerdotes, maior disciplina entre os religiosos, Lutero, para poder angariar discípulos,

declarou que sua revolta contra a Santa Sé era apenas para fazer uma reforma.

Isso era uma falsidade, pois sòmente o Sumo Pontífice tinha, e tem, autoridade para poder fazer todas as reformas necessárias.

Leão X condenou os erros de Lutero, mas este se recusou a obedecer às ordens do Santo Padre. Fez ainda mais: autorizou os príncipes alemães a se apoderarem dos bens que pertenciam à Igreja e permitiu que fossem desobedecidas diversas proibições da Santa Igreja. Ele próprio deu o mau exemplo, casando-se com uma freira, sendo ele religioso também. Esta seita, que favorecia todos os maus instintos dos homens, espalhava-se ràpidamente pela Alemanha, Suécia, Noruega e Dinamarca.

Orgulhoso com estes sucessos, Lutero perdeu toda a compostura. Falava mal do Santo Padre, da Igreja, seus partidários atacavam os conventos, incendiavam as igrejas, matando padres e religiosos. Os protestantes incendiaram, apenas nesses tempos, novecentas aldeias e vinte mil igrejas.

Na Suíça os protestantes tiveram dois chefes — na Suíça alemã, Ulrico Zwinglio, que resolveu seguir as pegadas de Lutero. Mas já estava aparecendo a discórdia entre os próprios chefes do protestantismo. Houve lutas e com a morte de Zwinglio, em 1551, Lutero ficou senhor deste campo de luta.

Na Suíça francesa foi Calvino o introdutor do Protestantismo. Nasceu na França, mas como o rei da França não admitia suas idéias, estabeleceu-se na Suíça, e lá fundou uma seita protestante. Foi um verdadeiro tirano, não admitia que seus discípulos tivessem liberdade de pensamento; ele, que reclamara porque os reis católicos não davam liberdade aos protestantes, era completamente intolerante para com as outras seitas que foram aparecendo.

Na Inglaterra o Protestantismo se difundiu graças ao Rei Henrique VIII, que deixou sua legítima esposa Catarina de Aragão para se casar com outra mulher. O Papa se

opôs, naturalmente, a esta desobediência à doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. Henrique VIII se revoltou contra a autoridade do Sumo Pontífice, casou-se 6 vezes, tendo mandado matar duas das suas mulheres.

O povo inglês seguiu o rei e a Inglaterra se separou da Igreja, recusando-se a reconhecer a soberania do Papa Os sucessores de Henrique VIII, com exceção da Rainha Maria, filha do Rei e de Catarina de Aragão, sua legítima esposa, não só se recusaram a reconhecer a autoridade do Papa, mas adotaram todos os erros do protestantismo — suprimiram a missa, os conventos e as igrejas católicas foram saqueadas e devastadas. A Escócia seguiu a Inglaterra e se tornou calvinista. A Irlanda, conhecida como a "Ilha dos Santos", sofreu uma perseguição terrível, mas se manteve firme e unida à Santa Sé.

Na época em que apareceu o Protestantismo, ficou muito em evidência o Tribunal da Inquisição. Este tribunal fora instituído pelos Santos Padres com o fim especial de zelar pela religião, evitando as heresias de se espalharem, e de observarem os países muçulmanos e os judeus.

Mais tarde o tribunal da Inquisição passou a ser conhecido como "Santo Ofício". Em meados do século XV os reis da Espanha estabeleceram um tribunal da Inquisição no seu país, onde foi de grande auxílio contra os ateus. A Inquisição, na Espanha, foi muito falada, pois os ateus achavam que sòmente à Igreja cabia julgar as heresias. Realmente sòmente a Igreja julga e condena as heresias, porém na Espanha os juízes eram nomeados pelos reis, e estes proibiram aos acusados recorrerem à justiça dos Sumos Pontífices para novo julgamento, o que lhes era permitido. Os espanhóis fizeram da Inquisição um sistema de governo, tão rigoroso e tão duro, a fim de evitar, diziam eles, males maiores.

Deus não abandonava sua Igreja nesses tristes tempos. Os Papas já haviam começado a reforma católica e Paulo III, nos seus 14 anos de Pontificado, encetou, com

segurança, a reforma, e por meio de um Concílio Ecumênico pôs em execução seu programa. Foi escolhida para local da reunião a cidade de Trento, e aí se realizou o célebre Concílio de Trento que durou de 1545 a 1563. Foi o 18º Concílio Ecumênico. Os próprios protestantes se interessaram, no início, pela realização desta reunião. Este grande e demorado concílio de bispos fez com que a Igreja se sentisse revigorada, aperfeiçoada nas suas disciplinas. Os protestantes foram condenados e ficaram completamente separados da Santa Sé de Roma. Houve neste Concílio 25 sessões, e nele foram decididas as definições sobre o purgatório, a legitimidade da invocação dos santos, as honras prestadas às relíquias, o culto das imagens, Cânones disciplinares sobre as Ordens religiosas e sobre as indulgências.

O Papa Pio IV confirmou todos os pontos estudados, por uma Bula, aprovando as atas e os decretos do Concílio Tridentino. Sua voz de Pai e Chefe Supremo da Igreja foi ouvida pelos reis e povos que procuraram, daí em diante, observar todos os preceitos do Concílio.

Nosso Senhor, nos seus Evangelhos, diz que a "boa árvore se conhece pelos seus frutos". Ora, a Igreja Católica, e sòmente a Igreja Católica, produziu e produz santos, fiéis imitadores de Cristo. Portanto, só na Santa Igreja, Católica, Apostólica, Romana, é encontrada a Verdade.

Entre os grandes santos desse tempo a figura de S. Carlos Borromeu, o grande bispo de Milão, na Itália, apresenta-se aos nossos olhos. Este prelado estabeleceu a disciplina no meio dos seus religiosos e padres. Houve uma grande epidemia de peste em Milão, e o maior e mais dedicado enfermeiro que o povo teve foi o seu bispo. Visitava os doentes e agonizantes, levando-lhes o consolo espiritual da sua presença e o lenitivo do socorro do corpo. Morreu no dia 3 de Novembro de 1584, tendo deixado um magnífico exemplo de perfeito discípulo de Nosso Senhor.

S. Teresa d'Ávila, a Grande, como é chamada, reformadora do Carmelo, isto é, das religiosas carmelitas, foi outra grande santa desse século. A Ordem das Carmelitas era muito antiga, dizem que sua origem provém do Monte Carmelo, na Palestina, local escolhido pelo profeta Elias para fazer seus retiros. Os religiosos da Ordem, fundada neste local, chamaram-se Carmelitas.

S. Teresa fez uma reforma na Ordem, que se achava um pouco afastada da disciplina religiosa. Teve que enfrentar grandes lutas e sofrimentos. Mas conseguiu deixar implantada sua regra austera, desde seu tempo, assistindo à reforma de 16 conventos de carmelitas, e de 14 conventos de frades da mesma Ordem. "Ou sofrer ou morrer", era seu lema. Morreu no ano de 1582.

De 1565 a 1572 governou a Igreja o Papa S. Pio V. Pertencia à Ordem de S. Domingos, e era conhecido pelas suas virtudes e profunda ciência. Eleito Papa, pôs em prática todas as resoluções do Concílio de Trento. Reviveu a santidade em Roma e em todos os estados da Igreja.

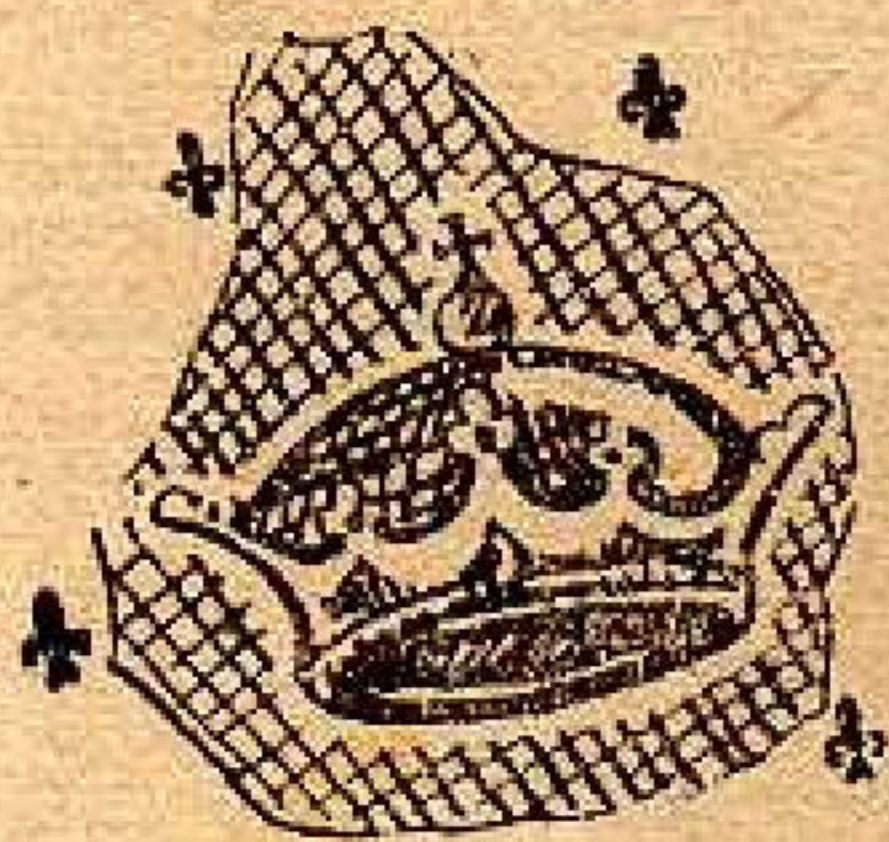
Os turcos, nessa ocasião, estavam lançando suas últimas ofensivas contra a Europa. Ameaçavam tomar uma grande parte do sul da Espanha. Os protestantes achavam que não valia a pena impedir essa terrível investida de um povo herege.

Mas Pio V soube levantar uma armada composta de Venezianos e Espanhóis. Comandada por D. João d'Áustria, esta frota se encontrou em Lepanto com a frota turca. Os turcos foram completamente desbaratados e a vitória foi atribuída à proteção de Nossa Senhora, invocada pelo Sumo Pontífice. Na tarde do dia em que se feriu esta memorável batalha, muitos dias antes de chegar a notícia a Roma, o Santo Padre, depois de estar alguns instantes

absorvido em reflexões, perto de uma janela, virou-se para os que o cercavam e disse: "Vamos dar graças a Deus! Nossos exércitos alcançaram a vitória".

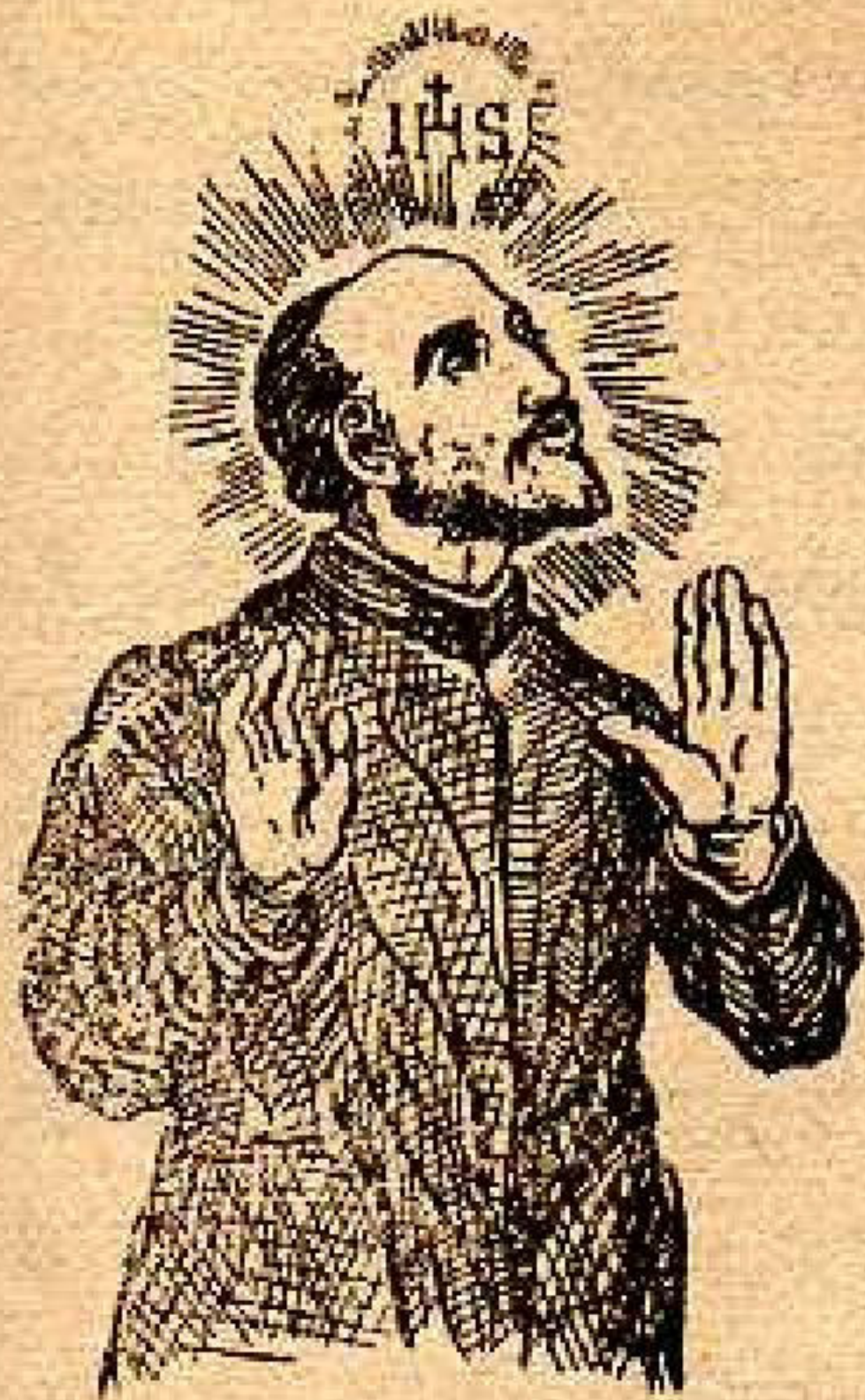
Apesar da derrota sofrida em Lepanto, em meados do século XVI, os turcos fizeram uma nova tentativa para trazer o islamismo para a Europa, levando seus exércitos até às portas da cidade de Viena. O Rei da Polônia, João Sobieski, foi o heróico vencedor da batalha de Viena, livrando assim o mundo cristão, no século XVII, do poderio muçulmano. Nunca mais os turcos conseguiram penetrar no coração da Europa.

O povo atribuiu a vitória de Sobieski e a salvação de Viena aos rogos e lágrimas do Santo Padre, Inocêncio XI, que deu forças aos corajosos e valentes soldados do bravo rei polonês, para vencerem um exército muito mais numeroso. O Papa Inocêncio XI era invocado como um santo pelos Romanos.

Gregório XIII, sucessor de Pio V, continuou a grande obra de restauração da disciplina eclesiástica. Foi notável o seu zelo na propagação da Fé nos países pagãos. Reformou o calendário que serve até aos nossos dias e que é chamado Calendário Gregoriano.

Sixto V, sucessor de Gregório XIII, foi um grande administrador, quer reprimindo as faltas e os abusos, quer dotando a cidade de Roma de melhoramentos como os aquedutos, e terminando a cúpula da Igreja de S. Pedro, começada no pontificado de Leão X. Estabeleceu o número de cardeais para 70. Estava sempre alerta com a política pérfida e fingida dos príncipes protestantes. Sustentou, na França, a Liga Católica, que se reformara para defender a religião, e fez tudo quanto lhe era possível para a conversão do rei da França, Henrique IV. Na França o protestantismo ocasionara lutas sangrentas. Os hereges queimaram, numa só província francesa, cerca de 900 aldeias, e, durante 3 rei-

nados, houve perseguições dos protestantes nas províncias católicas. Quando Henrique IV subiu ao trono francês, ele que era o chefe do partido protestante na França, o partido dos Huguenotes como era conhecido, os católicos abriram luta. Os huguenotes julgavam que teriam o triunfo de sua causa. A Igreja procurava e se esforçava para mostrar ao rei onde estava a verdadeira Fé.

O rei perguntou então aos pastores protestantes se eles achavam possível a salvação na religião católica. Eles disseram que sim. "Então", perguntou-lhes o rei, "por que abandonaram esta religião? Os católicos sustentam que não há salvação senão na religião deles. Manda o bom senso que eu tome o partido mais seguro". Abjurou o protestantismo, recebendo a absolvição do Papa. Foi fiel à religião católica, se bem que não tivesse sido um homem exemplar. Seu sucessor, Luís XIII, fez os protestantes perderem todo o poder que tinham na França.

Já vimos o primeiro fator da Reforma Católica que veio trazer à Igreja seu desenvolvimento e extraordinário reflorescimento. O segundo fator, que muito contribuiu para que essa reforma fosse posta em prática, foram as Ordens e Congregações religiosas. Surgiu, entre outras, para ajudar na propagação da Fé, na renovação da disciplina e da moral, a Ordem dos Jesuitas, os religiosos da Companhia de Jesus.

Esses religiosos foram, e ainda hoje são, afamados por sua piedade, zelo e ciência. São célebres no combate contra todos os inimigos da religião. Seu fundador — Inácio de Loiola — era um nobre soldado espanhol, um dos mais bravos cavaleiros da sua época.

Havendo sido ferido no cerco de Pamplona, na Espanha, foi obrigado a ficar de cama por muito tempo. O jovem oficial pediu livros para ler, e len-

do a Vida dos Santos ficou tão impressionado com o que lera, que renunciou ao serviço do rei para se consagrar ao Rei dos Céus.

Não conhecia coisa alguma de latim, mas era tal o seu amor a Deus, que, com 30 anos, estudou latim no meio de crianças. Deus abençoou seus esforços, e, depois de seus estudos completos na famosa universidade de Paris, Inácio foi ordenado padre.

Homens de grandes qualidades e virtudes se juntaram a S. Inácio, e todos juntos se foram oferecer ao Papa Paulo III para defesa da Fé. Tiveram grandes sucessos e muitos santos sacerdotes se uniram a eles. Dentro em breve esses novos religiosos seriam abençoados pelo mundo inteiro pela sua piedade e ciência. Os inimigos da religião ainda hoje, como no tempo da sua fundação, têm um ódio terrível aos Jesuítas.

Outro grande santo dessa época foi S. Francisco Xavier. Estava estudando em Paris quando conheceu S. Inácio de Loiola, de quem era conterrâneo. Uniu-se a ele, e se tornou o grande apóstolo das Índias.

Como o Rei de Portugal havia pedido ao Santo Padre missionários para evangelizar as Índias Orientais, o Papa enviou-lhe Francisco Xavier. Os trabalhos do piedoso jesuíta foram abençoados por Deus, pois em pouco tempo os povos orientais, dados a todos os vícios, formaram nações de santos. A multidão de pagãos pedindo o batismo era tão grande, que S. Francisco Xavier não podia mais levantar o braço de cansaço. Em um mês batizou, com suas próprias mãos, 10.000 infiéis. Foi para o Japão, onde converteu milhares de pagãos. Só não conseguiu penetrar na China, pois era vedada a entrada ao estrangeiro nesse vasto país.

S. Francisco morreu numa ilha perto da China, com 45 anos; e, para que suas carnes fossem consumidas mais ràpidamente, atiraram cal viva, a fim de poder transportar seus ossos para a Índia. Dois meses mais tarde seu corpo ainda estava perfeito, fresco como o corpo de uma criatura viva, e sua roupa em ótima conservação. Foi levado para Goa, capital das Possesões Portuguesas, na Índia. No seu túmulo realizaram-se diversos milagres.

No Japão o trabalho de S. Francisco Xavier foi notável. Seus convertidos e seus discípulos contavam-se aos milhares. Sobreveio, porém, uma violentíssima perseguição, e todos os cristãos, sendo quase um milhão de japoneses, foram mortos, mártires do catolicismo, no meio das mais horrorosas torturas. Os perseguidores só pararam quando não houve mais vítimas a matar.

A descoberta das Américas, no século XVI, veio trazer à Igreja a felicidade de chamar para seu aprisco todos esses povos selvagens que iriam dar nova vida e trazer milhares de almas ao rebanho de Cristo.

5. As heresias dos últimos séculos.

Em meados do século XI, Berengário, diácono de Angers, cidade da França, atacou o mistério da Santíssima Eucaristia, ensinando que o corpo e o sangue de Jesus Cristo, na Eucaristia, eram apenas simbólicos. Os sacerdotes católicos imediatamente refutaram essa doutrina, e se levantaram para defender a verdade. O Papa Nicolau II reuniu um concílio em Roma para decidir a questão. Berengário compareceu e subscreveu a profissão de Fé que o Concílio redigiu.

Esta heresia, condenada pelo seu próprio autor, não se espalhou, mas, séculos mais tarde, reapareceu com o Protestantismo.

A heresia dos Albigenses trouxe um período de lutas ferozes contra a Igreja e contra a própria autoridade real. Esses sectários desprezavam a autoridade papal, recusavam-se a receber os sacramentos, e queriam acabar com toda disciplina religiosa. Devastavam todo o país, saqueando aldeias e destruindo os vasos consagrados.

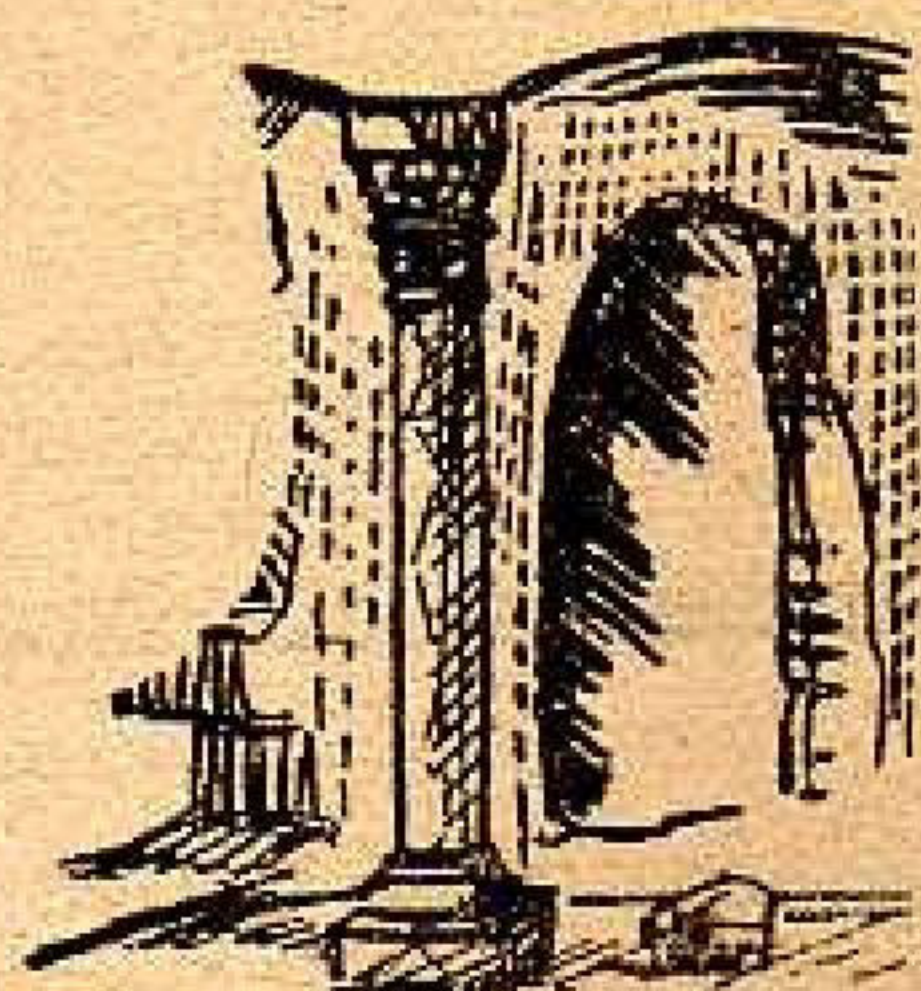
Aos filhos de S. Domingos, chefiados pelo seu santo fundador, foi dada a graça de converter esses ímpios.

No começo do século XIV, João Wiclef, inglês, começou a atacar as Ordens Mendicantes, acusando-as de hipocrisia. Sendo feito professor, foi-lhe fácil expandir suas doutrinas em flagrante contradição com o ensino da Igreja. Recusou-se a ver na Igreja autoridade visível, não admitia distinção entre os bispos e os padres. Apresentou a Sagrada Escritura como a única fonte verdadeira da Revelação, negou a transubstanciação, e ensinou diversos outros erros. Wiclef foi condenado como herege, mas continuou pregando suas doutrinas. Seus discípulos, chamados lolardos, foram perseguidos e desapareceram em meados do século XV.

João Huss, em fins do século XIV, pregou na Boêmia a doutrina de Wiclef, acrescentando, por sua vez, novos erros, inclusive a necessidade de comungar sob as duas espécies. Conseguiu cativar um grande número de adeptos, especialmente estudantes.

O Papa João XXIII fez tudo para que João Huss voltasse à Igreja, mas foi em vão. Reuniu então o Concílio em Constança e o herege veio defender suas doutrinas. Seus livros foram condenados a ser queimados e as ordens santas lhe foram retiradas. Foram baldados todos os esforços para que reconhecesse seus erros, e se retratasse. Foi condenado a morrer na fogueira. Seus partidários foram aos poucos diminuindo e os últimos se passaram depois para o protestantismo.

O século XII viu aparecerem as seitas dos cátaros e patarinos, que devastaram o norte da Itália e o sul da

França. Essas seitas rejeitavam a Santíssima Trindade, a Criação, o pecado original, a Encarnação e a Redenção. Condenavam o matrimônio, o uso da carne e a guerra.

Rejeitavam o sacerdócio, os templos e os altares. Destruíram a ordem pública, a família e a propriedade. Formavam verdadeiros grupos de bandidos armados e pilhavam e incendiavam as igrejas, mosteiros e escolas. Quando se estabeleceram em Albi, como já vimos, tomaram o nome de Albigenses. Essas seitas foram condenadas no Concílio Geral de 1179.

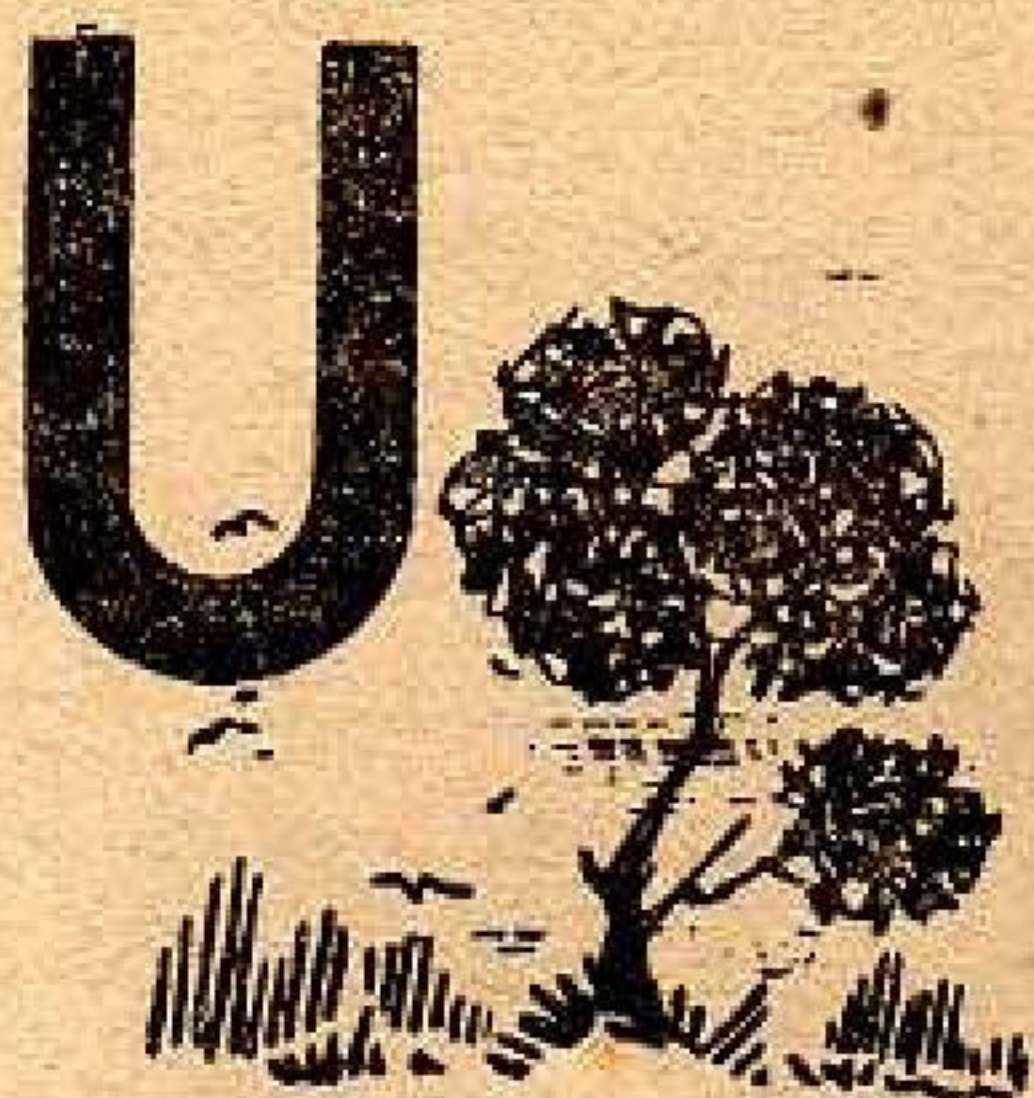
Outra seita herética foi a dos Valdenses, fundada por Pedro de Vaux, negociante em Lião. Abandonou suas riquezas e começou a pregar a penitência. Formaram, pois a Pedro de Vaux juntaram-se alguns fanáticos, um verdadeiro sistema religioso, e esse erro se espalhou até o norte da Itália e parte da Alemanha. Mais tarde uniram-se aos Hussitas, e foram, por assim dizer, os precursores do protestantismo.

O Jansenismo, que surgiu ao principiar o século XVIII, tinha, como finalidade principal, combater os Jesuítas. Essa heresia foi quase tão funesta como o protestantismo. O Papa Inocêncio X condenou os hereges, e os jansenistas fingiram submissão às ordens do Santo Padre. Mas o Papa Alexandre VII percebeu-lhes o fingimento e o jansenismo foi novamente condenado por este Papa. Teve pouca duração, pois a Revolução Francesa de 1789 acabou, de vez, com esses hereges.

O Quietismo, fundado por Miguel de Molinos, sacerdote espanhol, tirava ao homem a responsabilidade dos seus atos. O Papa Inocêncio IX condenou a doutrina e Molinos se retratou, passando o resto da vida encerrado num mosteiro.

Todas essas heresias, que iam surgindo, seriam de pouca duração, vencendo sempre a Igreja verdadeira.

VII. VITÓRIA SOBRE A INCREDULIDADE

1. As seitas secretas.

UMA outra causa de dissolução começava a surgir nas cidades, em princípios do século XVIII. Uma sociedade, numerosa e bastante poderosa, agindo nas trevas e por meios desconhecidos de todos, surgia em 1725, com o nome de Maçonaria. Esta Maçonaria vinha dos protestantes ingleses, e até hoje mantém-se um sigilo sobre sua sociedade. Seu mistério não foi ainda penetrado, mas suas finalidades são conhecidas. E' a luta contra a Igreja de Cristo, procurando enfraquecer a religião e fomentar entre os povos e as nações as lutas e implantar a anarquia. As piores maçonarias são as que existem nos países latinos, pois são sempre anti-religiosas e sempre antimonárquicas. Diversos Papas condenaram a Maçonaria por meio de Bulas Condenatórias, desde Clemente XII em 1738, até Leão XIII em 1884. Da Maçonaria, podemos afiançar, derivam todos os erros modernos do Comunismo, Nazismo e Fascismo.

Na Itália a Carbonaria foi uma espécie de maçonaria, ocasionando os mesmos males. Para contrabalançar todas essas seitas nefastas à religião e às nações, surgiram os grandes santos e santas, que iriam auxiliar, pelas suas ações, exemplos e obras, a Igreja a prosseguir na sua rota invencível.

O século XVII viu aparecer S. Francisco de Sales, fundador da Ordem das Visitandinas, e S. Vicente de Paulo, fundador das Irmãs de Caridade e dos Padres da Missão.

S. Francisco de Sales foi feito Bispo de Grenoble, uma cidade da província francesa da Sabóia, quando parecia que o calvinismo estava dominando toda a província.

O santo Bispo começou a percorrer a sua diocese; subia às mais altas montanhas, ia a todas as regiões, e, pela sua doçura e piedade, em poucos anos, setenta mil hereges se haviam convertido e voltado à Igreja. Gostava muito este prelado das crianças e tinha um especial prazer em lhes ensinar o catecismo.

A Ordem da Visitação, fundada por ele, foi uma Ordem precursora das Irmãs de Caridade. As religiosas dessa Ordem tomaram o nome de Visitandinas, e sua fundadora foi S. Joana de Chantal.

S. Francisco de Sales foi um escritor notável, e é hoje considerado o padroeiro dos escritores católicos.

S. Vicente de Paulo nasceu de pais pobres e começou a trabalhar guardando os rebanhos. Conseguiu, porém, estudar e foi ordenado padre. Pouco tempo depois da sua ordenação, Vicente foi aprisionado pelos turcos numa viagem por mar. Foi vendido como escravo em Túnis, na África, no mercado de cavalos. S. Vicente converteu seu senhor, e os dois juntos fugiram para a França.

Foi o fundador das duas Congregações mundialmente conhecidas: as Irmãs de Caridade e os Padres da Missão, conhecidos como Lazaristas, pois a Casa Mãe dessa Ordem chama-se São Lázaro. Vicente de Paulo foi pobre toda vida, mas sua incansável caridade soube encontrar somas enormes de dinheiro para minorar as misérias dos pobres e infelizes. Mais de 40 milhões de francos foram distribuídos por ele em esmolas, não sòmente na França, mas em todo o mundo conhecido da época.

Foi o benfeitor e pai de todos os desgraçados. Morreu velhinho, com 85 anos, esgotado de tantos trabalhos e sofrimentos, e considerando-se o mais inútil dos homens.

As Irmãs de Caridade herdaram o seu infinito amor pela humanidade. Fundadas por S. Luísa de Marillac, e orientadas por S. Vicente, essas diletas filhas de tão grandes santos levam a todas as partes do mundo a mais sublime caridade e inesgotável atividade em prol do velho, enfermo, órfão e abandonado.

Doentes, presos, órfãos, ignorantes, infiéis, a infância desvalida, a velhice desamparada encontram nelas a sua providência. Os próprios ateus e incrédulos só têm palavras de admiração por estes anjos de caridade, pela sua coragem e sacrifícios em todos os postos onde se encontram.

O grande Cardeal francês De Bérulle foi quem instituiu, em 1611, na França, a Ordem dos Oratorianos. Este prelado foi uma das mais brilhantes personagens da Igreja no século XVII. Os oratorianos, ou Padres da Congregação do Oratório, foram fundados, no século XVI, por S. Filipe Néri.

Monsenhor Olier, fundador da Congregação de S. Sulpício, ficou célebre pelo talento especial recebido de Deus, na formação de seminários.

Monsenhor de La Salle, um santo cônego da cidade de Reims, na França, fundou a admirável Ordem dos Irmãos das Escolas Cristãs. Essa Ordem se destinou a dar às crianças do povo uma instrução verdadeiramente cristã e útil, baseada na doutrina de Nosso Senhor.

2. O Filosofismo; a Enciclopédia.

As idéias ímpias se desenvolvem ràpidamente. A impiedade reinava na corte francesa depois da morte de Luís XIV. A Santa Igreja, sempre perseguida pelos inimigos de Cristo, ia agora enfrentar mais uma luta: a do ateísmo. O ateu é a criatura que nega a existência de Deus. Ora, o homem que nega a existência de Deus não quer saber de Leis Divinas, nem de obediência à Santa Igreja. Procura, por todos os meios, afastar as almas do

caminho do céu. E' uma luta que continua até os nossos dias.

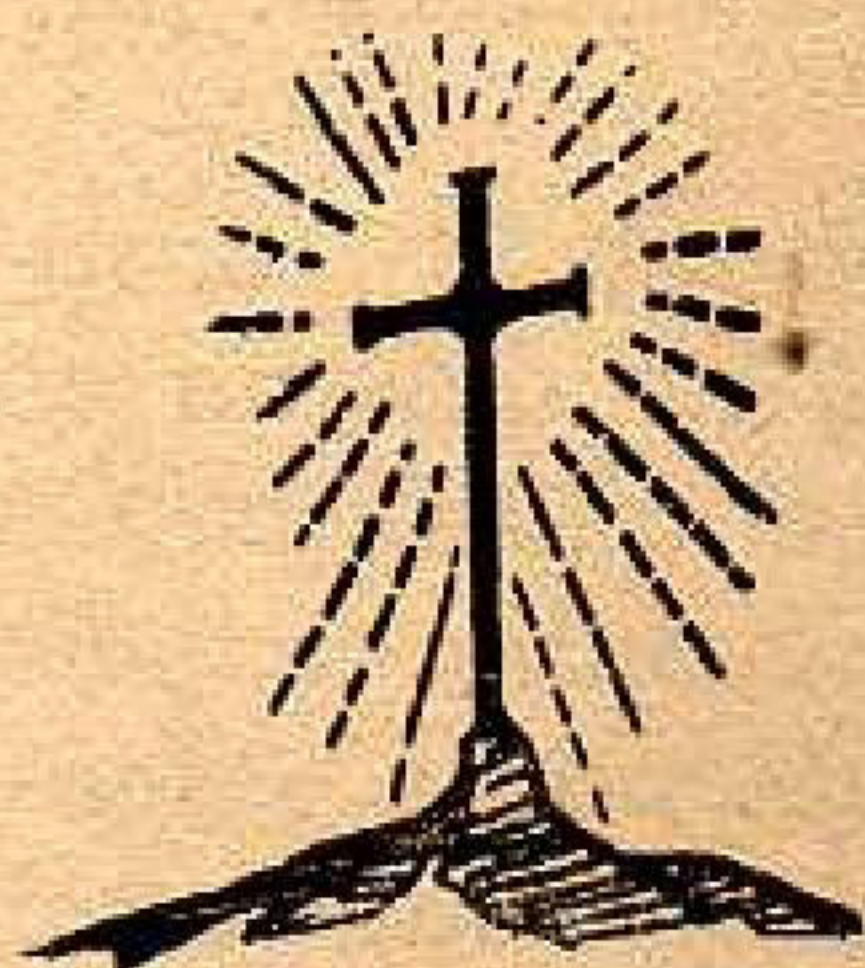
A Igreja lutou, como luta nos tempos modernos, com desassombro contra o espírito de impiedade, a falta de crença e o indiferentismo em todos os assuntos espirituais. São os resultados da doutrina protestante, que por falta de unidade se dividiu em diversas seitas, todas pregando, entretanto, a revolta contra a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

No século XVIII chamou-se a esta falta de fé "filosofia", pois os homens que começaram a querer destruir os ensinamentos da Igreja tomaram o nome de filósofos. Os protestantes, afirmando que se não devia reconhecer mais a autoridade do Santo Padre, que cada um podia entender as Sagradas Escrituras como quisesse, e formar uma religião a seu feitio, foram os causadores das primeiras revoltas contra a Sé de S. Pedro, contra os ministros de Deus. Por esse motivo, o protestantismo é dividido em uma quantidade de seitas, tendo cada uma sua regra e suas leis.

Os protestantes, que começaram negando os mistérios da Religião, depois a Revelação Divina, acabaram negando a existência de Deus, tornando-se os filósofos do século XVII. Os ateus não acreditavam nem no inferno, nem no céu. Não acreditando em Deus, diziam que a alma morria com o corpo; foram os primeiros materialistas, os homens que só crêem naquilo que vêem.

Esta falta de religião veio trazer a série de males dos nossos dias — o comunismo, o nazismo e todas essas ideologias que tendem a adorar o homem. O homem, negando Deus, nega sua origem divina, e coloca o Estado, o homem, a raça nos altares para ser adorada, incensada e obedecida. Os resultados funestos do ateísmo do século XVIII colhemos nós, nos tempos presentes.

A Enciclopédia foi uma obra escrita por homens ateus, tais como o matemático d'Alembert e Diderot, revolucionário francês, que procuravam ensinar ao povo todas as idéias contrárias à doutrina do Divino Mestre e da Sua Igreja.

A luta principal dos ateus dessa época foi movida contra os Jesuítas, chamados pelos inimigos da Fé "Regimento de Guardas do Papa". Por este motivo levantaram questões sobre o ensino dos seus colégios, foram caluniados vilmente, e estes santos padres foram expulsos sucessivamente da França, de Portugal, Espanha e Áustria.

O mundo esqueceu-se que Nosso Senhor havia prometido que "estaria com Sua Igreja até a consumação dos séculos". Supuseram os homens que a nau da Santa Igreja naufragaria, que o Catolicismo estava prestes a se findar.

3. Revolução Francesa.

QUANDO o Papa Pio VI subiu ao trono pontifical, em 1775, as idéias ateístas estavam prontas para ser postas em execução. O imperador da Alemanha, José II, iniciou as perseguições contra os conventos, contra os bens do clero, e procurando até governar os direitos da Santa Sé. Pio VI foi a Viena, na esperança de modificar os planos do imperador, mas este fez promessas que não tinha a menor intenção de cumprir, e que realmente nunca cumpriu.

Na França, os princípios falsos destas doutrinas iriam fazer um mal terrível, preparando a Revolução Francesa, que transformou a França num rio de sangue. O clero francês e o povo francês se mantiveram unidos à Igreja, sofreram perseguições horrorosas, houve massacres, mas os fiéis permaneceram firmes aos ensinamentos da Igreja. Os próprios revolucionários admiravam a coragem e a constância dos sacerdotes e religiosos franceses.

Um célebre político disse dessas vítimas da religião: "Tiramos deles todo o dinheiro, mas estes homens conservaram sua honra".

A Revolução Francesa perseguiu tenazmente a religião. Porém os Bispos franceses, com a exceção de 4 prelados, mantiveram-se na mais estreita união com o Papado. Pio VI publicou uma Bula onde se viam, muito claramente, os erros dos bispos e padres que juraram a Constituição civil do clero na França, como ficou sendo chamada a lei que procurou separar o povo e o clero francês da Santa Sé.

Houve matanças terríveis em todo o país. No Convento dos Carmelitas, em Paris, quase todos os padres foram assassinados. Apenas um número muito reduzido conseguiu fugir. Os revolucionários penderam, nessa ocasião, o rei Luís XVI e toda a família real. O rei foi guilhotinado em 1793, e pouco tempo depois a rainha Maria Antonieta subiu ao cadafalso e foi guilhotinada.

Aos olhos dos homens sem fé parecia que Deus estava vencido! As igrejas foram transformadas em templos pagãos, onde era adorada a deusa Razão. A Itália foi conquistada pelo General Bonaparte, e o Papa Pio VI feito prisioneiro. O Soberano Pontífice foi levado de cidade em cidade, até Valença, na França. Lá, devido à sua extrema fraqueza, morreu no dia 29 de Agosto de 1799.

Com a morte do Santo Padre a impiedade exultou! A religião estava, mais do que nunca, com seus dias contados. Roma pertencia aos revolucionários. Os Cardeais estavam todos espalhados e não seria possível proceder-se a uma eleição para o sucessor de Pio VI.

Deus vela, porém, pelos seus filhos. Permitiu que os austríacos vencessem os republicanos franceses, e o norte da Itália se tornasse livre. Os Cardeais se reuniram em

Veneza para eleger o novo Papa. O Conclave, isto é, a reunião de Cardeais para proceder à eleição do Papa, teve lugar no mosteiro de S. Jorge Maior. Foi eleito Papa Pio VII, beneditino, bispo de Imola, no dia 14 de Março de 1800.

Em 1801 Pio VII fez uma Concordata com o General Bonaparte, que se tornara Primeiro Cônsul da República Francesa. Neste tratado, ou Concordata, ficou estabelecido que o culto católico teria liberdade de ser praticado na França. As igrejas foram reabertas e os sacerdotes que haviam escapado ao massacre geral voltaram a ensinar e a pregar a palavra de Deus.

Pio VII, para mostrar a boa vontade que tivera com o Primeiro Cônsul Bonaparte, não hesitou em vir sagrá-lo Imperador dos Franceses. O imperador Napoleão foi solenemente sagrado em 1804, em Paris, na Catedral de Notre Dame. Este homem, Napoleão Bonaparte, havia sido o instrumento escolhido por Deus para dar liberdade à religião católica na França.

Alguns anos mais tarde, porém, Napoleão acrescentou uns artigos à Concordata que havia assinado com o Sumo Pontífice. Pio VII não podia admitir essas novas ordens. Recomeçaram as lutas e como o Vigário de Cristo se recusasse a obedecer às novas decisões imperiais, os soldados franceses tomaram a cidade de Roma e o Santo Padre foi levado prisioneiro para Savona, perto de Gênova, na Itália.

O Sumo Pontífice levou 3 anos nesta cidade, sendo depois transferido para Fontainebleau, arrabalde de Paris. Durante 5 anos suportou o cativeiro, e ficou privado de toda e qualquer espécie de comunicação com a Igreja. Mas, nem as ameaças, nem os aborrecimentos de um longo cativeiro fizeram com que Sua Santidade cedesse.

Quando, em 1814, Napoleão sentiu que seu poder estava diminuindo, permitiu que o Santo Padre voltasse para Roma. E ele, o orgulhoso monarca, no próprio palácio onde mantivera preso o Representante de Deus, foi obrigado a abdicar, no mesmo ano, em 1814.

Pio VII foi recebido com grandes demonstrações de alegria em Roma. Com a queda definitiva de Napoleão, os reis e príncipes da Europa, depois da reunião do Congresso de Viena, entregaram, novamente, ao Soberano Pontífice todos os bens temporais da Santa Sé. Este Papa teve um dos mais longos pontificados na história da Igreja. Criou novos bispados nos Estados Unidos, onde o número de católicos aumentava de ano para ano. Foi durante o seu governo que se fundou a maravilhosa obra da Associação da Propagação da Fé, na cidade de Lião, na França.

Pio VII governou mais de 23 anos. Restabeleceu os Jesuítas em todos os paises da Europa de onde haviam sido expulsos. Fez diversas Concordatas com nações protestantes e reformou várias disciplinas da Igreja. No seu pontificado recomeçaram as missões na China e na Coréia. Morreu este grande Papa no dia 20 de Agosto de 1823, na idade de 80 anos.

Leão XII, sucessor de Pio VII, esteve no trono pontifical apenas 6 anos. Ocupou-se especialmente dos católicos da Irlanda e da Bélgica, pois ambos estes países eram sujeitos a reis protestantes. Embelezou a cidade de Roma e auxiliou as ciências e as artes.

Seu sucessor, o Papa Pio VIII, teve apenas 2 anos de pontificado. Publicou uma Encíclica onde apresentou os perigos que ameaçavam a Europa, aumentados diàriamente pela indiferença religiosa, a propagação dos maus livros e jornais, e as sociedades que conspiravam contra os governos constituídos. A revolução de Julho de 1830, na França, veio provar, com bastante força, a razão dos avisos e conselhos do Santo Padre.

Pio VIII foi sucedido por Gregório XVI, que enfrentou todos os perigos que surgiram para a Santa Sé com as revoluções em diversos países da Europa. Foi um grande sábio e de uma extraordinária piedade. Vivia sempre rezando, e fazendo mortificações constantes.

Teve o desgosto de assistir à perseguição dos católicos poloneses, feita pelos russos. Presenciou, porém, na França, a volta das Ordens religiosas. Os Frades Dominicanos, com o grande pregador Lacordaire, os Beneditinos com Dom• Guéranger, tomaram novamente os seus lugares. Gregório XVI assistiu ao desabrochar de novas Ordens religiosas que vinham continuar a tarefa de difundir o reino de Cristo.

A Obra da Propagação da Fé continuava sempre em ascensão, levando aos missionário o auxílio dos católicos de todas as partes do mundo. Durante este pontificado os católicos ingleses e irlandeses obtiveram a liberdade de praiicar o culto católico, e essa foi uma das maiores alegrias do Santo Padre.

As Ordens femininas na França continuaram a se multiplicar, surgindo as novas religiosas do Sagrado Coração, as Ursulinas, as Irmãs de Sant'Ana, as Dominicanas, as Clarissas, Irmãs do Bom Pastor, Sacramentinas, Nossa Senhora de Sião, Beneditinas, para citar sòmente as mais conhecidas entre nós.

Entre as Ordens religiosas masculinas citemos algumas: Maristas, Dominicanos, Trapistas, Franciscanos, Missionários Africanos, Carmelitas Descalços, Capuchinhos, Sagrados Corações, Salesianos, Premonstratenses e inúmeras Ordens religiosas que mais tarde conheceremos.

Gregório XVI morreu antes de ver esta bela floração da Igreja, mas suas bênçãos e sua solicitude paternal acompanharam muitas delas desde suas origens.

4. O Liberalismo; Pio IX e o Concílio do Vaticano; o Syllabus.

O pontificado de Pio IX, que foi o maior pontificado da História da Igreja, pois durou 32 anos, teve sua luta contra as idéias revolucionárias que se intitularam de "idéias liberais", formando o partido liberal, não só na França, mas influenciando o mundo inteiro. O partido liberal abriu luta contra a Igreja. Na Itália as sociedades secretas se alastravam por toda parte.

Apesar de todas essas lutas, o Santo Padre teve o consolo de ver os progressos da religião católica na Inglaterra, criando, neste país, uma Sé Metropolitana e 12 bispados. Em diversas nações protestantes, tais como a Holanda e os Estados Unidos, foram criados bispados e houve um grande número de conversões de homens ilustres para o Catolicismo.

No dia 8 de Dezembro de 1854, o Papa Pio IX proclamou, solenemente, em Roma, o Dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, depois de haver verificado, por meio de cartas recebidas de todos os Bispos do mundo católico, que esta era a crença universal de toda a Igreja, em todos os recantos do mundo.

Na Bélgica os católicos lutavam corajosamente pela liberdade religiosa. Com as esmolas de todos os fiéis mantinham os católicos belgas a célebre Universidade de Lovaina. Em toda a Europa o catolicismo lutava e vencia as maiores oposições, pois Deus vencerá sempre.

Pio IX publicou a Encíclica "Quanta Cura" e o "Syllabus". Esta encíclica chama a atenção do mundo cristão para os 3 pontos que são as fontes dos males que perturbam a Igreja: as pretensões dos governos em querer submeter a Igreja à autoridade civil — o liberalismo que ensina que os homens devem ser governados sem religião — e as revoluções, que dizem ser a lei suprema e universal ditada pela vontade do povo.

Conjuntamente apareceu, também, o "Syllabus", que é um catálogo de refutações dos erros do panteísmo, do racionalismo e do indiferentismo. Com o auxílio do Espírito Santo, como lhe fora prometido por Jesus Cristo, a palavra do Santo Padre era ouvida e seguida pelo mundo católico. Pio IX reuniu os bispos para o 19º Concílio Ecumênico. Este Concílio iniciou-se no dia 8 de Dezembro de 1869, no Vaticano. Houve 69 sessões, e achavam-se presentes, nesta reunião, 747 dignitários.

No Concílio do Vaticano foi declarada Dogma de Fé a infalibilidade do Papa. Infalibilidade quer dizer que o Santo Padre não erra quando define qualquer questão de Fé, ou quando fala sobre os costumes da sociedade humana. Este dogma de Fé foi declarado no dia 18 de Julho de 1870.

Devido à guerra Franco-Prussiana, que irrompeu na Europa, o Santo Padre suspendeu este Concílio em 20 de Outubro de 1870, e até os nossos dias está suspenso.

A unificação da Itália foi feita durante o pontificado de Pio IX, sendo retiradas, pelo Governo Italiano, as terras que formavam o Patrimônio de S. Pedro. (Essas terras pertenciam à Igreja desde o tempo de Carlos Magno, no século IX, por doação deste imperador). Pio IX retirou-se para o Palácio do Vaticano, onde morreu, considerando-se prisioneiro, em 7 de Fevereiro de 1878.

Por toda parte reinava um espírito de revolta contra a doutrina de Nosso Senhor. A França, considerada a filha primogênita da Igreja, tornara-se uma nação governada por homens esquecidos de Deus e de Seus Ensinamentos. Fizera-se inimiga da Igreja.

VIII. VITÓRIA DA IGREJA EM NOSSOS TEMPOS

1. Renovação intelectual e social; Leão XIII.

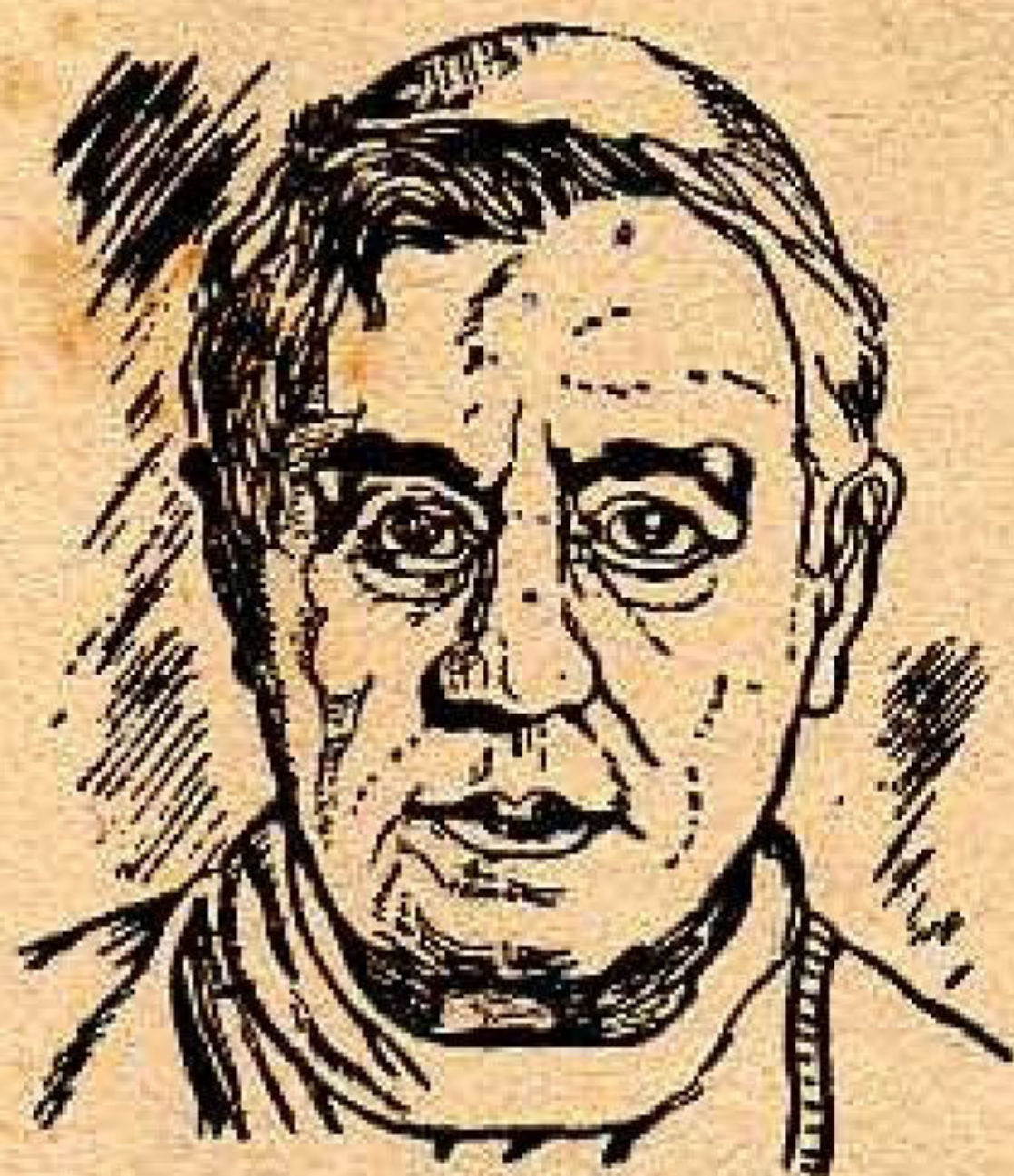
COM a morte de Pio IX o Conclave elegeu o novo Papa, depois de 2 dias apenas de sessões. Foi eleito o Cardeal Joaquim Pecci, que tomou o nome de Leão XIII e governou a Igreja durante 25 anos. Leão XIII era um homem de profunda ciência e de uma piedade fervorosa. Ajudou e deu um grande impulso aos estudos eclesiásticos. Criou seminários em todo o mundo, e viu, durante o seu pontificado, espalhar-se pelo universo o reino de Cristo.

Nesse tempo começaram as conversões dos judeus. O Padre Ratisbonne, judeu convertido, fundador da Ordem dos religiosos e religiosas de Nossa Senhora de Sião, muito contribuiu para este fim. Assistiu ao florescimento da Obra da Propagação da Fé, levando o auxílio às regiões mais afastadas do globo.

Auxiliou os seminários, vendo-os progredir em todas as nações, mesmo nos países protestantes. Este grande pontífice deixou várias Encíclicas. A mais célebre é a "Rerum Novarum", onde o Vigário de Cristo mostra as soluções cristãs para a questão social, a santidade do matrimônio, os direitos da propriedade individual. Esta encíclica é uma reunião de sábios conselhos para a fe-

licidade espiritual e temporal dos homens. Muito tem a sociedade a lucrar na aplicação das regras desta Encíclica.

2. A Restauração da vida cristã; Pio X.

O Papa Leão XIII morreu no ano de 1903, e seu sucessor, o Papa Pio X, é chamado o Papa da Comunhão diária. Introduziu o hábito da comunhão cotidiana, permitiu que as crianças se aproximassem da Mesa Eucarística assim que tivessem conhecimento do Sacramento da Eucaristia. Revigorou o ensino do Catecismo, deixando sábias lições na sua Encíclica "Acerbo nimis". Continuou a considerar-se prisioneiro, como seus antecessores. Animou e encorajou os cientistas nas suas pesquisas para obtenção de resultados certos, pois não há nada a temer das doutrinas reveladas. Condenou todos os erros modernistas que queriam dizer que a ciência está em oposição com a religião. A Encíclica "Pascendi" condenou o modernismo, demonstrando a perfeita coerência entre a ciência e a Fé.

Pio X governou a Santa Sé até o ano de 1914. Teve o desgosto de assistir ao rompimento da Primeira Grande Guerra Mundial, e de ver que seus apelos para evitar tamanha calamidade entre os homens não foram atendidos.

Bento XV, que o sucedeu no trono pontifício, governou apenas 8 anos, de 1914 a 1922. Seu pontificado se passou no meio da conflagração européia de 1914/18. Empregou todos os meios espirituais e materiais para socorrer as desgraças provenientes desta terrível guerra. No seu pontificado começou a luta contra as ideologias anticristãs que surgiram com o aparecimento do comunismo, e, mais tarde, com o nazismo e o fascismo. Em 1922 morria este Santo Padre e a Sé de Pedro foi ocupada por Pio XI.

3. O surto católico em nossos dias: Missões, Ação Católica, Liturgia; Pio XI.

ESTE magno Pontífice foi um dos maiores homens deste século. E' considerado o Papa das Missões e da Ação Católica, pois as Missões e a Ação Católica tiveram um progresso realmente abençoado e fecundo.

Fundaram-se os Seminários indígenas em todos os países de missões. Houve Congressos Eucarísticos Internacionais grandiosos. Foram criados diversos cardinalatos. O Brasil já havia recebido seu primeiro Cardeal no pontificado de Pio X, na pessoa do Cardeal Arcoverde. Em 1930 recebeu o chapéu cardinalício D. Sebastião Leme, saudoso arcebispo do Rio de Janeiro, falecido em 17 de Outubro de 1942.

Pio XI levou socorros espirituais e materiais aos povos da Europa que sofriam as tristes consequências do conflito mundial que terminara em Novembro de 1918, e que já começavam a sentir a influência das novas doutrinas anticristãs.

Foi o fundador da maravilhosa organização da Ação Católica, que é o agrupamento de todos os fiéis para melhor auxiliar o clero em todas as classes. No seu pontificado foram canonizados diversos santos e santas. Entre as santas temos S. Teresinha do Menino Jesus, cuja devoção se difundiu como as rosas que esta alma privilegiada prometera fazer cair do céu.

O ensino religioso, já impulsionado no pontificado de Pio X, tomou um novo alento nesta ocasião. Houve no Vaticano uma belíssima exposição missionária. Durante o pontificado de Pio XI o Governo Italiano, pelo Tratado de Latrão, devolveu o Patrimônio de São Pedro, considerando todas as dependências do Vaticano como sendo a "Cidade do Vaticano".

Pio XI morreu no dia 10 de Fevereiro de 1939, prevendo os males que iam desabar sobre o mundo com a falta de Fé e de Religião dos seus dirigentes, esquecidos dos mandamentos de Deus e da Sua Igreja. Deixou diversas encíclicas, onde o Santo Padre apontava os remédios para todas as desgraças que afligiam e afligem o mundo moderno.

Seu sucessor, Pio XII, já era universalmente conhecido, quando assumiu a direção da Igreja Católica. Fora Legado Papal em vários Congressos Eucarísticos Internacionais. Fora Representante do Papa em diversas capitais européias. Era Secretário de Estado de Pio XI, portanto estava a par de todos os negócios da Igreja.

Por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional de Buenos Aires, em 1934, o Cardeal Pacelli teve ocasião de ser hóspede oficial do Governo Brasileiro, e o Rio de Janeiro aclamou com alegria o Legado Papal de Pio XI, futuro Pontífice da Igreja Católica.

Pio XII conhece todos os movimentos mundiais. E' um homem de grande sabedoria e de uma profunda piedade. Sua vida é uma mortificação constante. Seus ensinamentos e suas lutas pela Justiça Divina tornaram-no conhecido e admirado, não só dos católicos, mas de todos os homens.

Durante seu pontificado o Brasil teve a honra de merecer mais dois cardeais: Dom Carmelo Vasconcelos Motta, Arcebispo de São Paulo, em 1946, e Dom Augusto Álvaro da Silva, Arcebispo da Baía e Primaz do Brasil, em 1952.

Dom Jaime de Barros Câmara, designado como sucessor do Cardeal Leme, recebeu o chapéu cardinalício em 1946.

Este mesmo Pontífice criou no Brasil várias novas dioceses e prelazias nas regiões missionárias.

Missões.

As Missões foram sempre a grande preocupação dos Vigários de Cristo. Quando o protestantismo invadiu as nações, outrora católicas, Deus permitiu as descobertas de novas terras e novos povos que iriam aumentar o número de fiéis. O século XVI, século de homens santos, tais como Inácio de Loiola, Francisco Xavier, assistiu ao florescimento das Missões Católicas. Os muçulmanos haviam conquistado a África, e este continente, outrora cristão, achava-se reduzido ao paganismo e ao jugo sarraceno. Possuía, todavia, um pequeno e reduzido grupo de missões.

A Obra de Resgate de Cativos, fundada por S. João da Mata, nunca deixou de prosperar. Os países europeus enviavam sempre seus missionários a essas terras africanas. Luís XIV, rei da França, sustentou as Missões do Oriente, e mandou apóstolos para a conquista cristã do Senegal, na África Equatorial. Até os nossos dias as Ilhas da Madeira, as Canárias e as Ilhas do Cabo Verde são católicas, possuindo alguns Bispados.

A Etiópia, ou Abissínia, acolheu os missionários católicos com toda docilidade. Os Franciscanos tiveram, durante longos anos, uma feliz e fecunda missão neste país, até o ano de 1700, quando um rei impostor mandou parar este apostolado cristão.

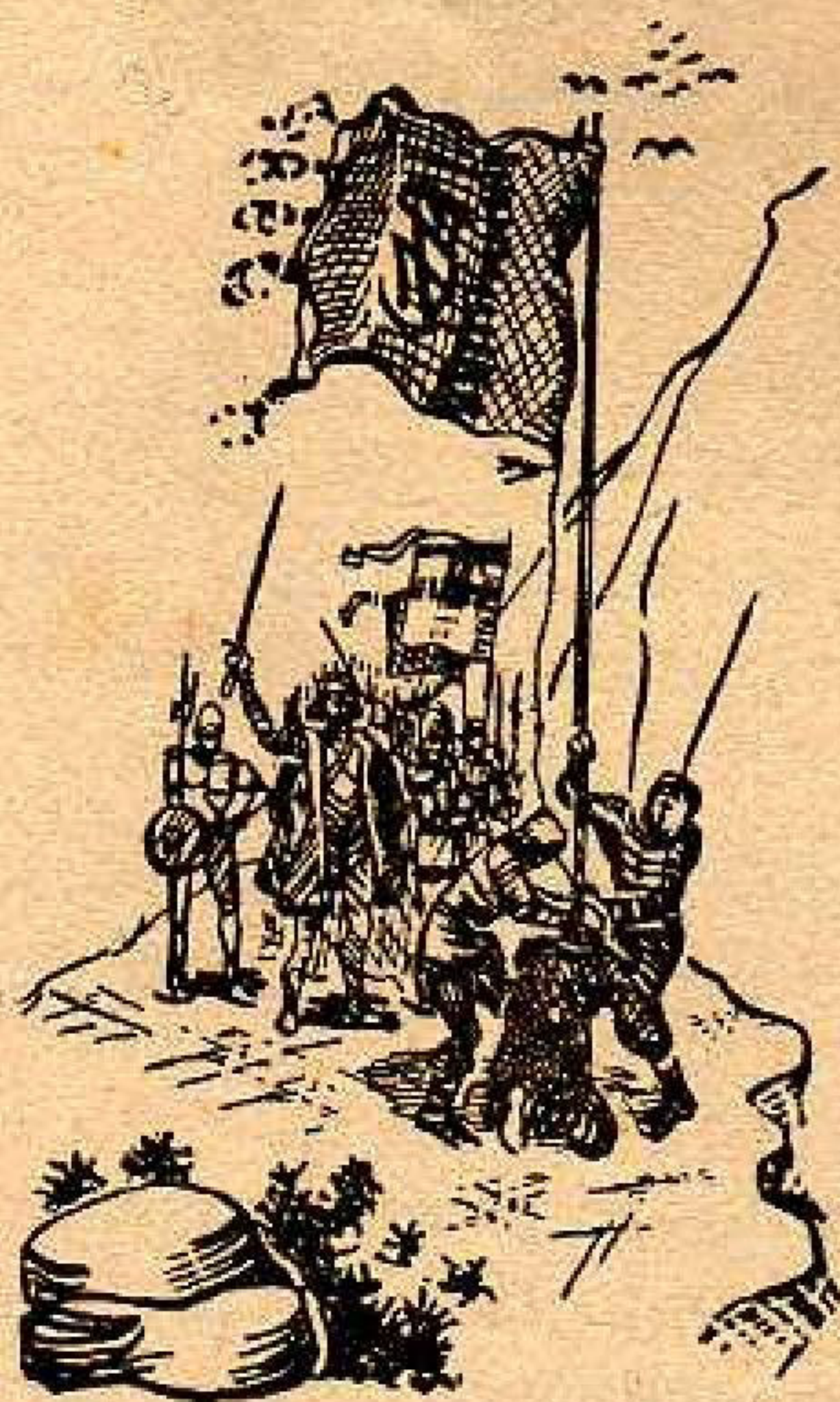
Felizmente a conquista da Argélia, ao norte da África, pelos franceses, muito contribuiu para que a Abissínia continuasse sendo catequizada.

A religião continuava fazendo grandes progressos nos países que se haviam separado de Roma. Nas novas terras descobertas onde imperava o paganismo, enfim, em todas as partes do mundo, a palavra Divina era pregada.

Um número infindo de missionários e missionárias, vencendo as canseiras, os perigos, os rigores dos frios excessivos ou o calor abrasador, partia para levar a Boa Nova dos Evangelhos, como lhes fora mandado por Cristo.

Missões nas Américas.

O Continente Americano, descoberto por um dos maiores homens da Idade Média, grande servidor de Deus, Cristóvão Colombo, seria um campo promissor da catequese cristã. — As riquezas do Novo Mundo, principalmente o ouro e a prata, atraíram, no começo, uma multidão de aventureiros espanhóis. A maioria era composta por homens sem moral, sem religião. Mas, junto com esses homens, vieram os nossos primeiros Apóstolos, que implantaram nas Américas a Civilização cristã.

Foram os denodados missionários que trouxeram aos nossos índios as graças inefáveis da Doutrina de Cristo e a proteção maternal da Santa Igreja. Na nossa terra, que teve como primeiro nome o de Terra de Santa Cruz, encontramos logo os nomes dos Padres Anchieta e Nóbrega, jesuítas portugueses que passaram suas longas vidas, evangelizando e lançando as raízes da Igreja de Cristo no Brasil.

O Padre José de Anchieta é, para nós, brasileiros, uma notável figura. Estudou a língua tupi, que era o idioma mais comum entre os nossos índios, e compôs cânticos a Nossa Senhora nesta língua. Escreveu também um catecismo e uma gramática em língua tupi. Evangelizou os indígenas da terra brasileira, desde as margens do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Construiu muitas igrejas nesses três Estados, e soube implantar, secundado pelo Padre Manuel da Nóbre-

ga, a religião cristã, que até hoje tanta influência tem na nossa formação.

Os franciscanos que vieram na frota de Pedro Álvares Cabral, foram os precursores desses incansáveis missionários que o Brasil inteiro conhece e estima de todo o coração.

Nos dias que correm, seguindo as pegadas do insigne Apóstolo das Selvas Brasileiras, José de Anchieta, continuam os intrépidos discípulos de Cristo a levar a palavra Divina através do nosso vasto território. Jesuítas, franciscanos, dominicanos, salesianos e todas as Ordens missionárias atravessam os rios, penetram nas florestas, galgam montanhas, sofrendo as maiores vicissitudes, mas trabalhando, até a morte, na grandiosa obra da Civilização e do progresso cristãos.

A América Central teve no célebre dominicano o Bispo Bartolomeu de Las Casas, defensor ardente das liberdades dos índios, um dos seus mais afamados missionários. Passou 50 anos trabalhando para a conversão dos indígenas. Sua memória é venerada na Igreja.

Na América do Sul encontramos as célebres "Reduções" do Paraguai. Esses aldeamentos dos índios, formados pelos Jesuítas, foram modelos de uma perfeita organização cristã, e a formação do povo paraguaio. Mas, com a expulsão dos Jesuítas, em 1767, das Reduções, os índios paraguaios caíram nas mãos dos ferozes conquistadores. O anticristianismo destruiu uma das mais belas obras de organização social cristã, sem saber criar, até hoje, nenhuma outra obra nesse gênero.

Na América do Norte, nos Estados Unidos e no Canadá, o Evangelho foi pregado aos Peles Vermelhas, os

indígenas mais bárbaros e selvagens de todo o continente, por dedicados missionários jesuítas.

Os índios Iroqueses, tidos como os mais ferozes, ao se converterem, tornaram-se verdadeiros exemplos de santidade evangélica. No ano de 1600 nascia a primeira santinha americana, uma jovem índia, Catarina Tekawita. Essa jovem iroquesa tornar-se-ia conhecida pela pureza e santidade de sua vida. Morreu na idade de 24 anos, depois de terrível moléstia com atrozes sofrimentos.

Na América do Sul, o Peru daria ao mundo a Padroeira do Continente Sul-americano: S. Rosa de Lima. Essa peruana de nascimento fizera-se religiosa da Ordem de S. Domingos. Sua santidade e seus milagres levaram-na aos altares, sendo a primeira santa americana.

O Padre Pedro Claver, célebre apóstolo dos escravos, foi outro grande santo dessa época. Sua abnegação e caridade conduziram a Deus milhares de almas. Por toda a América se espalhava a religião católica.

O Padre Breuilly, jesuíta francês, fundou as Missões de Caiena, capital da Guiana Francesa. Os dominicanos, carmelitas, capuchinhos e jesuítas levaram o Evangelho de Cristo às Antilhas, que hoje são inteiramente católicas.

Califórnia, Canadá, até os mais longínquos rincões do Alaska foram cristianizados pelos continuadores dos apóstolos, os dedicados e excelsos missionários de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Missões no resto do mundo. Missões na Ásia.

As Índias foram cristianizadas pelos portugueses. Goa, em 1533, já possuía um bispado, e data desse tempo o Seminário para preparar o clero indígena.

Já vimos S. Francisco Xavier batizando e catequizando milhares de pagãos das Índias, da costa de Malabar, da ilha de Ceilão. Chegou até a Península da Malaca e ao arquepélago das Molucas. O Cristianismo no Japão foi levado por este grande santo, e, em capítulo anterior, vimos como o Cristianismo teve seus mártires japoneses.

A China não chegou a receber a influência desse grande apóstolo, porém, trinta anos depois da sua morte, os jesuítas conseguiram penetrar neste país, e lá se mantiveram durante dois séculos, até começarem as perseguições contra o Cristianismo por parte de alguns imperadores. Hoje, felizmente, a China abriu suas portas para a evangelização cristã. As Missões chinesas são florescentes e já há um número bem regular de clero indígena que muito tem auxiliado a Igreja, agora por ocasião da guerra contra o Japão.

Missões na África. — O continente africano, terra de tão grandes santos, tais como S. Agostinho e S. Mônica, apesar das conquistas muçulmanas, vem voltando à religião católica. As tribos pagãs recebem a influência benéfica dos zelosos sacerdotes missionários que levam a palavra de Deus através de todos os sacrifícios, não olhando canseiras nem medindo suas energias.

A Oceânia, com suas múltiplas ilhas, é um campo fecundo de apostolado. A Austrália já tem um contingente bem grande de católicos, e os bravos filhos da Igreja levam a religião e a civilização cristãs aos mais recônditos pontos do Oceano Pacífico.

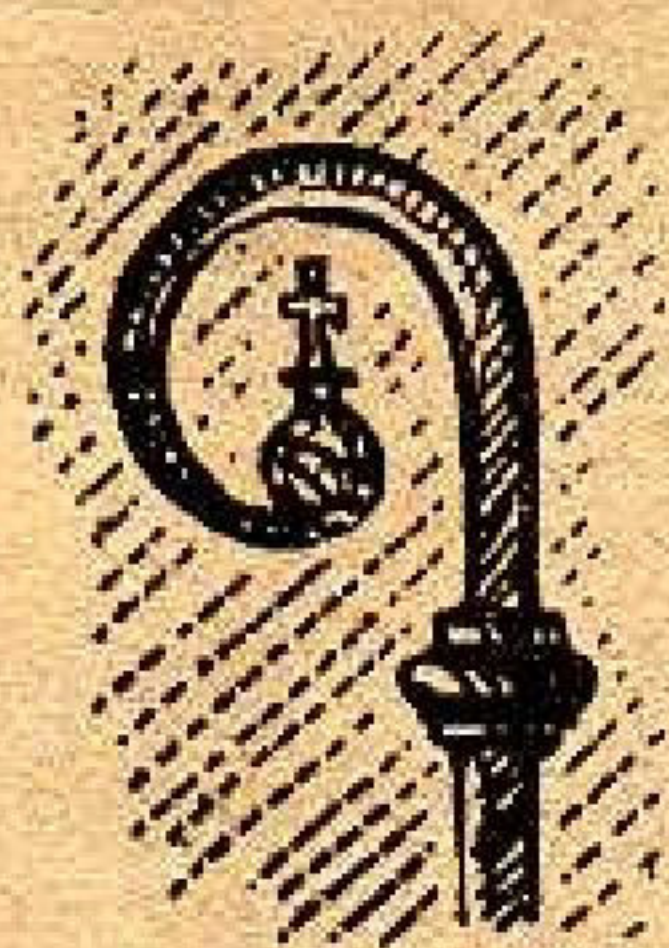
Ação Católica.

PIO XI, por meio da Ação Católica, organizou o apostolado dos leigos. Os católicos trabalham sob a orientação eclesiástica, no vasto campo de apostolado da cristianização da família, da sociedade, da imprensa e do cinema, do operariado e das classes humildes. A Ação Católica sempre existiu na Igreja, desde os tempos apostólicos. Mas a forma dos tempos de hoje, "participação do laicato no apostolado hierárquico", é recente. E' a definição dada por Pio XI, sendo a sua encíclica "Ubi Arcano" sobre este assunto. Mas desde Pio IX já os Pontífices se estavam preocupando com o grave problema da recristianização do

mundo. A Ação Católica, com seu programa, abrange todas as classes, em todas as idades e circunstâncias.

Liturgia.

TODA a liturgia diz respeito a Jesus Cristo. "Fonte primeira e indispensável ao verdadeiro espírito cristão", disse Pio X, em 1903, "é a participação ativa aos sacrossantos mistérios e às orações públicas e solenes da Igreja".

Liturgia é o conjunto das regras estabelecidas pela Igreja para tudo que diz respeito ao culto público prestado a Deus. Sob o título de liturgia compreendem-se as obrigações relativas ao Santo Sacrifício, aos Sacramentos, às cerimônias, ao canto, aos ofícios religiosos, aos objetos sagrados e aos edifícios do culto.

As orações, as devoções e as práticas que a Igreja não aprova para o culto público, não pertencem à Liturgia, pertencem ao culto privado. As cerimônias litúrgicas são as formas exteriores do culto que exprimem, por meio de atitudes e de ações determinadas pela Igreja, os mistérios da Fé. Dá a Igreja uma grande importância à Liturgia, porque é, na sua essência, a expressão da virtude da religião e sua forma social. Suas orações, seus ritos, suas festas estão todos ligados aos dogmas e à piedade cristã. Ocupa um lugar muito importante, tanto na vida oficial da Igreja, como na vida de cada um de nós.

O sacerdote vive a liturgia; os melhores instantes da sua vida são os que ele passa fazendo atos litúrgicos — rezando o Breviário, celebrando a Santa Missa, administrando os sacramentos, nas cerimônias públicas. Na sua vida interior encontra verdadeiros tesouros espirituais no estudo dos ritos simbólicos e na meditação e nas orações da Igreja.

Os fiéis vivem a liturgia quando alimentam sua piedade, unindo suas orações às do padre, rezando a missa, e seguindo pùblicamente os ofícios do culto.

tar. Foi encontrado, nas catacumbas, um grande número de esculturas e de pinturas que exprimem os dogmas cristãos sob formas simbólicas e alegóricas.

No começo a maioria dos lugares de sepultura, de refúgio e de culto pertencia aos patrícios romanos. Foi por espírito de caridade que estes últimos, nas horas perigosas das perseguições, davam asilo aos seus irmãos de fé, nas suas propriedades funerárias. Uma parte dos terrenos das catacumbas foi sucessivamente doada à Igreja. Depois do edito de Milão, os fiéis começaram a se reunir nas basílicas, nomes que as igrejas primitivas tiveram. A palavra basílica vem do grego, e quer dizer "casa real".

O título de Basílica é reservado às Igrejas mais importantes, tais como São Pedro, em Roma, e São João de Latrão. Este título, ainda hoje, só é dado a uma Igreja, ou a um Santuário afamado, por uma concessão especial do Santo Padre.

A organização da Igreja data desde sua fundação. S. Pedro foi seu primeiro chefe, com todos os poderes dados por Nosso Senhor Jesus Cristo. Nos tempos primitivos existiam os presbíteros e diáconos. A palavra "presbítero" queria dizer não apenas o simples sacerdote, como nos dias que passam, mas o bispo, designando dignidades e poderes. Em meados do século II apareceram os subdiáconos que auxiliavam os diáconos, que por sua vez eram os ajudantes dos bispos. Conforme as necessidades, iam sendo instituídas ordens menores. Existiram, também, as diaconisas, mencionadas por S. Paulo, mas nunca receberam ordem alguma e aos poucos, nos séculos IV e V, foram desaparecendo.

O celibato sempre foi guardado pelo clero superior, mesmo no princípio quando não havia lei sobre este assunto.

Há diversas hierarquias na Igreja, sendo o Bispo o governador de uma parte da Igreja que se acha sob sua jurisdição. O Bispo consagra os Santos Óleos, as igrejas

e os altares, sagra os reis, impõe o sacramento da Ordem e assiste aos concílios gerais com voz deliberativa.

O padre tem o poder de celebrar o Santo Sacrifício da Missa, administrar os sacramentos, excetuando-se a Crisma e a Ordem, pregar a palavra de Deus, presidir aos Ofícios religiosos, benzer as pessoas e as coisas dentro das suas atribuições, numa palavra: é encarregado de conduzir todas as almas que lhe são confiadas à salvação.

2. Vida religiosa e moral na Idade Média.

A Idade Média viu o desabrochar da vida cristã em toda a sua pujança. Os inimigos da Igreja são obrigados a reconhecer a influência da Igreja em todos os atos da sociedade da época.

Os bispos coroavam os reis, os cavaleiros recebiam as espadas bentas pela Igreja que defendiam. A Igreja, desde seus primeiros tempos, foi a pioneira da civilização. As cidades se iam erguendo em redor dos conventos. Nos mosteiros estudavam-se os manuscritos antigos, formavam-se as primeiras escolas, instalavam-se os primeiros hospitais. Datam desta época as belíssimas catedrais, verdadeiras manifestações de Fé e até os próprios estilos de construção das igrejas atestam o zelo dos fiéis.

Nesse tempo, os senhores, donos de grandes terras, domínios ou feudos, como eram chamados, possuíam quase que uma independência completa em relação aos seus reis. Estes, por sua vez, tinham pouca ou nenhuma autoridade sobre os senhores feudais, por isso as lutas eram contínuas nas jovens nações da Europa.

A Igreja, Mãe espiritual de todos os homens, não se podia conformar com as lutas entre povos cristãos. Essas guerras prejudicavam a tranquilidade e a prosperidade dos países. Empregava a Santa Sé todos os esforços para remediar estes males, mas, conhecendo que nunca lhe seria possível impedir a guerra, procurava diminuir as lutas.

Conseguiu que as guerras fossem suspensas durante alguns dias, ou algum tempo. Esta parada durante os tempos de guerra chamou-se de "Trégua de Deus". No princípio a trégua durava apenas da tarde de sábado até a manhã da segunda-feira, respeitando-se assim o domingo, o dia do Senhor. Com o decorrer dos tempos não era permitido guerrear durante a Quaresma e o Advento.

Mais tarde a Trégua de Deus se estendeu até o tempo pascal, isto é, os dias que se seguiam ao Domingo da Ressurreição até o Domingo de Pentecostes, nas vésperas das grandes solenidades religiosas, durante a noite, e mais tarde, a trégua de Deus abrangia metade do ano. Esta feliz iniciativa foi devida a S. Odilon, abade do célebre convento de Cluni. A idéia foi posta em prática no sul da França. De lá passou este costume para o norte do mesmo país, e, finalmente, a "Trégua de Deus" foi solenemente proclamada no Concílio de Constança, em 1043.

A instituição deste período de calma foi um dos maiores benefícios da Santa Igreja, durante a Idade Média. Abrandou os costumes, dava algum tempo de tranquilidade para o cultivo dos campos e permitia o progresso da indústria e comércio.

O grande número de santos dessa época mostra-nos o grau de piedade e pureza dos costumes medievais. As grandes Ordens surgiram quase todas na Idade Média, auxiliando a Santa Sé em todos os ramos. A assistência religiosa e social teve seu início por essa ocasião, desenvolvendo-se cada vez mais até se chegar ao aparecimento de S. Vicente de Paulo, que lançou as bases seguras desta assistência baseada no mais puro amor e caridade cristã.

3. Sentido das Devoções e Festas Litúrgicas posteriores ao Concílio de Trento.

DEPOIS do Concílio de Trento, como para confirmar as palavras de Cristo que "a boa árvore se conhece pelos seus frutos", a Igreja se povoou de santos, dedicados e perfeitos discípulos de Nosso Senhor. As devoções e festas litúrgicas se foram aumentando.

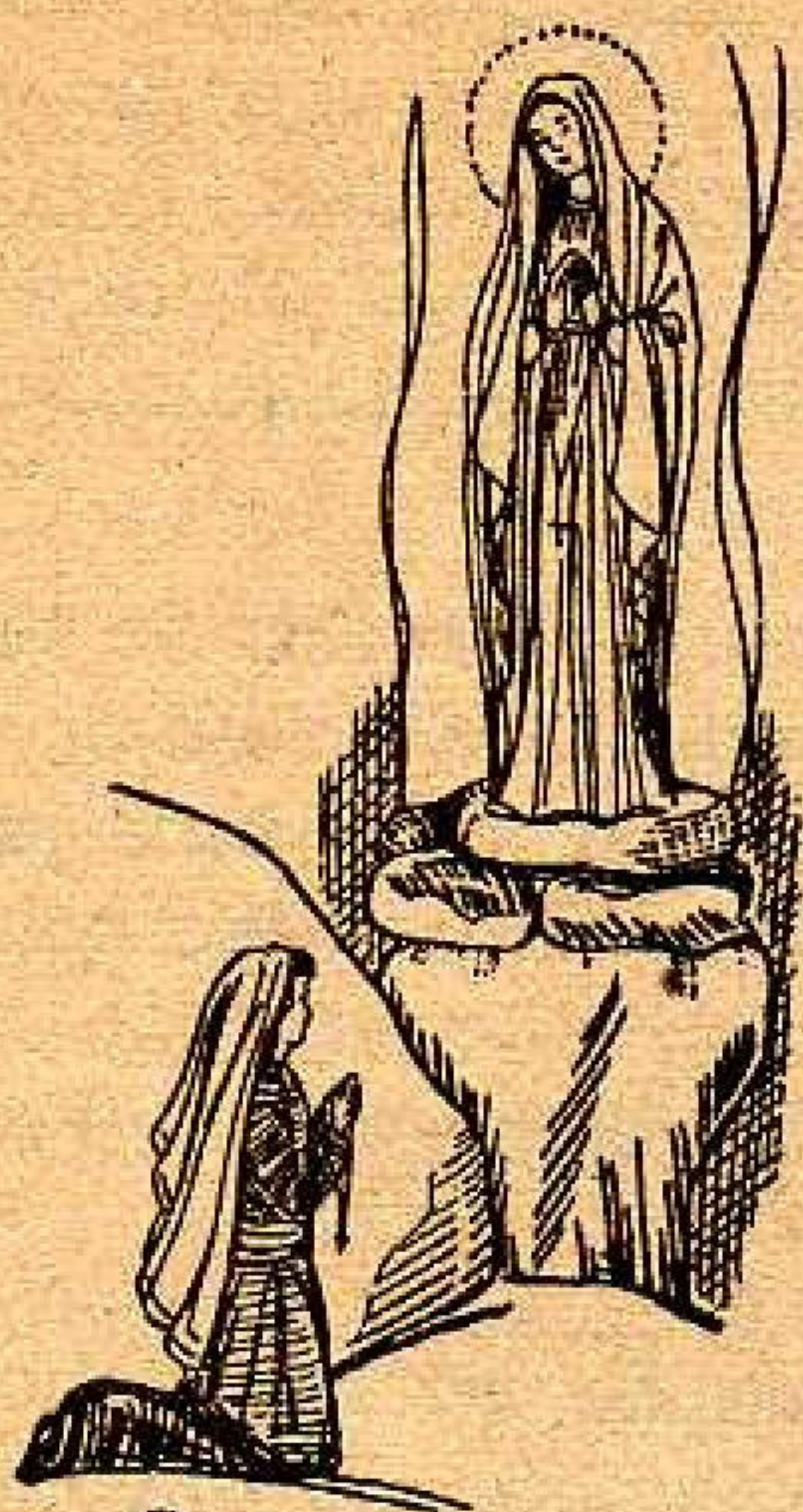
A Vitória de Lepanto, verdadeira luta do Cristianismo contra o Islamismo, acrescentou mais uma invocação a Maria Santíssima, na Ladainha de Nossa Senhora: "Auxilium Christianorum", e a festa dessa maternal proteção da Virgem Maria é comemorada no dia do Santo Rosário, primeiro domingo de Outubro.

A Devoção do Sagrado Coração surgiu em fins do século XVII para dar aos fiéis mais uma prova de amor e uma fonte de graças. Nosso Senhor apareceu a uma jovem religiosa, visitandina, S. Margarida Maria Alacoque. Por intermédio dela e do seu confessor, o Padre Cláudio de La Colombière, essa devoção se espalhou, em breve tempo, por todo o mundo católico.

A Festa do Preciosíssimo Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo foi instituída pelo Sumo Pontífice Pio IX em 1849, para honrarmos o Sangue Divino que nos remiu. Este sangue, que veneramos no primeiro dia do mês de Julho, é o Sangue que foi derramado por nós no Jardim das Oliveiras, na Flagelação, na Coroação de Espinhos e na Cruz.

A Festa de Cristo-Rei é a uma das mais recentes solenidades da Igreja. Foi instituída por Pio XI, no fim do ano santo de 1925. E' celebrada no último domingo de Outubro.

A devoção a Nossa Senhora tem sido sempre crescente. A França foi a nação escolhida pela Mãe de Deus para receber sua Maternal Visita. Era um apelo carinhoso da Santíssima Virgem para que este povo cristão voltasse completamente ao rebanho de S. Pedro. Em 1846, no dia 19 de Setembro, Nossa Senhora apareceu em La Salette, a uns pastorzinhos, pedindo que se fizesse penitência, se não, tremendos castigos viriam sobre a França.

Em 1858, em Lourdes, pequenina cidade nos Montes Pirineus, Maria Santíssima apareceu 18 vezes a S. Bernadette, convidando o povo francês a rezar e a fazer penitência. A primeira aparição foi no dia 11 de Fevereiro de 1858.

Em Pont-Maris, em 1871, a Virgem Maria promete a salvação se o mundo rezar com fervor e humildade. Os católicos franceses ergueram, por essa ocasião, a famosa igreja do Sagrado Coração de Montmartre, em pleno coração de Paris.

Em Portugal, Nossa Senhora de Fátima tem tido sua devoção sempre acrescida pelas graças alcançadas pelos devotos desta milagrosa aparição de Nossa Senhora.

Ao terminar o Ano Santo, Sua Santidade Pio XII declarou Dogma de Fé a Assunção de Nossa Senhora aos Céus, no dia 1º de Novembro de 1950. Durante este Ano Santo inúmeros foram os santos e santas canonizados nas solenidades do Vaticano. Santa Maria Goretti e São Domingos Sávio foram os dois jovens santos, padroeiros da mocidade, que subiram aos altares, durante o Ano Santo de 1950.

4. Caráter das Congregações Religiosas modernas.

Os séculos XIX e XX têm continuado a trilhar a mesma senda no sentido de auxílio completo à Igreja por meio das suas Congregações. A Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo tem a mesma pujança, lutando e vencendo pela Causa de Deus. A criação de novos Institutos religiosos, a canonização de Santos vêm mostrar, bem claramente, que Deus está com Sua Igreja até o fim dos tempos.

As missões da América do Sul e da Oceânia estão entregues às Ordens dos Sagrados Corações ou Congregação de Picpus e dos Padres Maristas, que dirigem colégios, seminários e missões.

Os Padres das Missões africanas se dedicam exclusivamente a evangelizar os negros, tendo como fundador Monsenhor Brèsilac, Vigário Apostólico de Coimbatur. O

Norte da África possui a Ordem dos Padres Brancos, ramo dos Trapistas, que têm procurado trazer para a Sé de São Pedro as almas dos maometanos, dando-lhes a luz do cristianismo e as vantagens do progresso cristão.

A Congregação dos Assuncionistas, criada em 1840, recebeu de Leão XIII o encargo de trabalhar pela união das Igrejas Orientais.

Na Inglaterra, o Cardeal Vaughan fundou a Associação dos Missionários de Mill Hill, para serem os apóstolos dos pagãos mais abandonados. Há muitos holandeses nessa Congregação.

Os Missionários do Verbo Divino foram instituídos pelo Padre Arnoldo Jansen, em Steyl, na Holanda, em 1875.

Os Salesianos, filhos de S. João Bosco, começaram seus trabalhos em Turim, em 1855. Hoje trabalham no mundo inteiro, recebendo o Brasil sua influência benéfica através de seus colégios e missões.

Os Irmãos Maristas, dedicados à instrução da mocidade, têm grandes ramificações em nossa pátria. Foram fundados pelo Padre Marcelino Champagnat, em 1817.

S. Madalena Sofia Barat, fundadora da Associação das Damas do Sagrado Coração, é venerada pelos seus colégios dedicados à mocidade feminina. As Irmãs de S. José, de Cluni, datam de 1819. Em Angers, Santa Maria Eufrásia Pelletier fundou a Congregação do Bom Pastor para serem os anjos protetores das prisões de mulheres.

As pequenas Irmãs dos Pobres foram instituídas em 1840. As Franciscanas Hospitaleiras, Ordem portuguesa, datam de 1871, são dedicadas enfermeiras. As Filhas do Amor Divino, Congregação fundada em Viena, em 1868, dedicam-se à educação de meninas pobres e doentes e a todo gênero de caridade. As Irmãs da Divina Providência, fundadas em 1842, possuem as mesmas prerrogativas.

No Brasil surgem diversas Congregações religiosas para atender às necessidades da época. As Missionárias de

Jesus Crucificado, Congregação nascida em Campinas, São Paulo, festejou o seu primeiro jubileu de prata em 1953. São religiosas que dedicam seu apostolado em todos os ramos de assistência social: creches, ambulatórios, pensionatos para jovens, educação de empregadas, catecismo nos morros e nas favelas, e mesmo nas missões.

Nos Estados Unidos temos a Congregação Missionária dos Padres e Freiras de Maryknoll, que tem feito um magnífico trabalho de Evangelização na Ásia (China) e nos países Sul-Americanos. Já festejaram seus 25 anos de serviços à causa de Deus.

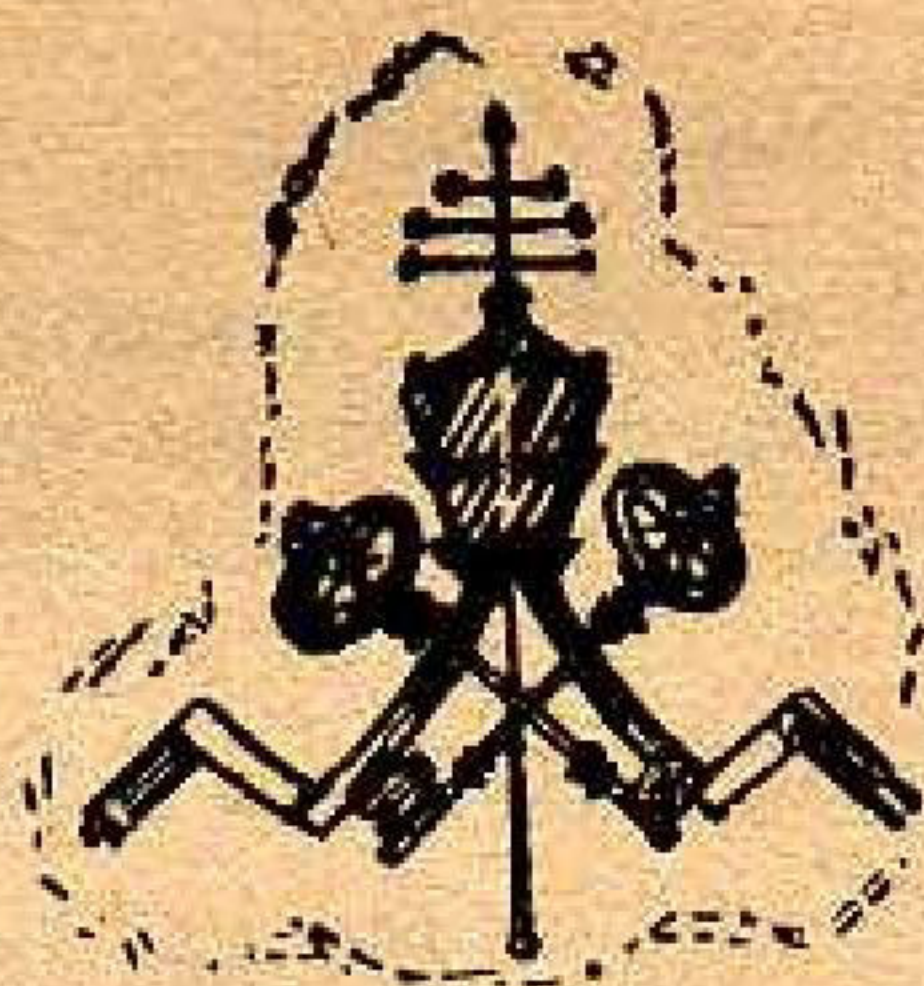
Sacramentinas, Dominicanas, Nossa Senhora de Sião, Franciscanos, Trapistas, Beneditinos, Jesuítas, para citar sòmente as mais conhecidas entre nós, empenharam-se na mesma luta para a salvação das almas.

As Congregações Religiosas dos tempos modernos, assim como a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, trabalham em todas as searas. O Operário, a Criança, o Desvalido, o Pagão, o Velho, o Jovem, todos encontram nos servos de Cristo a mesma caridade e o mesmo ideal de amor a Deus e ao próximo.

São milhares e milhares as almas abnegadas que tudo abandonam para se entregarem ao serviço de Nosso Senhor.

Contemplativos, Educadores, Pregadores, Seculares, para essas almas só há uma finalidade: o amor a Deus e a salvação das almas.

A Igreja, qual navio norteado por Mãos Seguras, pois são Divinas as Luzes que A conduzem, continua na Sua rota tranquila e serena. Os homens lutam e procuram, por todos os meios, afastar da humanidade a presença de Deus. Porém a Igreja de Nosso Senhor continuará levando a todos os pontos da terra, da mais importante cidade ao mais afastado lugarejo, a certeza dos Seus Ensinamentos e o Bálsamo da Sua Fé.

Guiados pela mais terna das Mães, Maria Santíssima, iluminados pelas Luzes do Céu, seremos fiéis à Voz do Pastor de Deus.

Bibliografia

Apontamentos de História Eclesiástica, D. Jaime de Barros Câmara.

Histoire de l'Eglise, Abbé V. Postel.

Petite Histoire de l'Eglise, par l'auteur de La Petite Histoire Sainte.

Manuel du Brevet d'Instruction Religieuse, Abbé M. Micoud. (2ª parte).

Novo Testamento. Tradução segundo a Vulgata e Resumo do Comentário, de Mons. Dr. José Basilio Pereira.

Histoire de l'Eglise (8e edition), Abbé Drioux.

INDICE

I. ORIGENS DA IGREJA

1) Jesus Cristo e a Igreja, 5. 2) A Igreja nascente e o mundo judaico, 7. 3) A Igreja nascente e o mundo greco-ramano, 12. 4) A Igreja nascente e o mundo oriental, 13. 5) Livros históricos dos cristãos e escritos do Apóstolos, 14.

II. VITÓRIA SOBRE A FORÇA

1) Estabelecimento da Igreja em Roma, 16. 2) As perseguições romanas, 17. 3) Fim do paganismo, Edito de Milão; o Catolicismo, religião do Estado, 25.

III. VITÓRIA SOBRE O ERRO

1) Principais heresias; a) na Igreja nascente, 28; b) nos primeiros séculos, 29. 2) Desenvolvimento da doutrina católica; apologistas; Padres; Concilios desta época, 30.

IV. VITÓRIA SOBRE OS BARBAROS

1) Reinos Bárbaros e sua conversão, 32. 2) Queda do Império do Ocidente, 39. 3) O Papado à frente da Europa, 40. 4) O Islamismo, 43. 5) As Cruzadas, 45.

V. VITÓRIA SOBRE OS EXCESSOS DO PODER TEMPORAL

1) Influência do poder civil sobre o espiritual, depois de Constantino, 51. 2) O Santo Império Romano; Carlos Magno, 52. 3) O protetorado imperial, 52. 4) A questão das investiduras; Gregório VII, 53. 5) A questão do poder indireto, 55.

VI. VITÓRIA SOBRE OS INIMIGOS INTERNOS

1) Do primitivo fervor à decadência pós-constantina: a reação do monaquismo: São Bento, 57. 2) Grandeza e decadência da Idade-Média; a reação das Ordens Mendicantes, 60. 3) Os Cismas do Oriente e do Ocidente, 66. 4) O Protestantismo e a reação católica; o Concílio de Trento, 69. 5) As heresias dos últimos séculos, 77.

VII. VITÓRIA SOBRE A INCREDULIDADE

1) As seitas secretas, 80. 2) O filosofismo; a Enciclopédia, 82. 3) A Revolução Francesa, 84. 4) O Liberalismo; Pio IX e o Concílio do Vaticano; o Syllabus, 89.

VIII. VITÓRIA DA IGREJA EM NOSSOS TEMPOS

1) Revolução intelectual e social; Leão XIII, 91. 2) Restauração da vida cristã; Pio X, 92. 3) O surto católico em nossos dias: Missões, Ação Católica, Liturgia; Pio XI, 93.

IX. A VIDA INTERNA DA IGREJA

1) A vida cristã nos três primeiros séculos: costumes, culto, organização (Clero), 101. 2) Vida religiosa e moral da Idade-Média, 103. 3) Sentido das devoções e festas litúrgicas posteriores ao Concílio de Trento, 104. 4) Caráter das Congregações Religiosas modernas, 106.